REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE
WALTER SPALDING

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede — PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA:

Presidente honorário: Desemb. Florêncio C. de Abreu e Silva
Presidente: Dr. Leonardo Macedônia Franco e Souza
Vice-Presidente: Prof. Otelo Rosa
Secretário Perpétuo: Dr. Eduardo Duarte
2.° Secretário: Prof. Walter Spalding
Orador: Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Tesoureiro: Prof. Afonso Guerreiro Lima
Bibliotecário: Dr. Olinto Sanmartin

COMISSÕES PERMANENTES

Fundos e orçamento:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron
Prof. Jorge Bahlis
Dr. João C. Maia

História:
Cap. D. de Paranhos Antunes
Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J.
Dr. Mário Teixeira de Carvalho
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Geografia:
Prof. A. G. Lima
Dr. Darcí Azambuja
Prof. Otelo Rosa
Dr. Olinto Sanmartin

Arqueologia, Etnografia e Paleontologia:
Prof. Ângelo Guido
Dr. Armando Dias de Azevedo
Prof. J. L. Tupí Caldas
Prof. Jorge Bahlis

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL

IV TRIMESTRE
ANO XIX

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE
WALTER SPALDING

PÔRTO ALEGRE
= 1939 =

1939
Oficinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas

IX Congresso Nacional de Geográfia

Devendo realisar-se, de 7 a 16 de setembro de 1940, em Florianópolis, o IX Congresso Nacional de Geografia, o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, especialmente convidado pelo sr. Ministro Bernardino José de Souza, presidente do referido Congresso, convida, insistentemente, todos os seus dignos sócios, efetivos e correspondentes, a se inscreverem e contribuírem para o brilhantismo dêsse certame cuja importância inútil é encarecer, pois todos sabem o valor dos estudos geográficos para a nacionalidade.

Êsse Congresso é patrocinado pelo Govêrno Federal, pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Precisamos conhecer-nos mais e melhor. E por isso esperamos a cooperação de todos nesse magno problema que é a Geografia Nacional.

O programa dêsse IX Congresso é vasto. Todos os temas de Geografia têm, nêle, acolhida. Assim sendo, esperamos que todos os nossos ilustres consócios e confrades enviem para êsse IX Congresso a sua pedra para a construção do grande edifício da Geografia Nacional. Não foi limitado o número de páginas, o que é, ainda, uma vantagem..

Realizado o Congresso, serão publicados os Anais *que se distribuirão a todos os Congressistas e aderentes.*

Quaisquer informações poderão ser solicitadas a êste Instituto, ou ao Conselho Regional de Geografia — Secretaria de Agricultura — Pôrto Alegre, ou ao sr. Ministro Bernardino José de Souza, *presidente da Comissão do IX Congresso Brasileiro de Geografia,* — Praça da República, 54 — Rio de Janeiro.

Pelo Brasil unido — trabalhemos!

A idéia republicana no Brasil

Othelo Rosa

O historiador Rocha Pombo, escrevendo que "a República no Brasil não foi obra de nenhum partido, mas veio em nossa história como se fôsse uma ilação natural de tôda a nossa existência de quatro séculos", colocou a questão, parece-me, nos seus termos verdadeiros e exatos.

Não é raro ouvir-se, aquí e alí, a estranha assertiva de que a República foi implantada no país por um golpe de fôrça, por um movimento de quartéis, pela surpresa de uma rebelião militar. O marechal Deodoro da Fonseca, à frente de soldados insurretos, na manhã de 15 de novembro de 1889, transformou o panorama político do país, impondo-lhe a novidade de um regime: e a Nação, encolhida e temerosa, ante o lampejo da espada de um glorioso cabo de guerra, anuiu, pelo silêncio, à reforma de seus destinos...

Essa interpretação simplista e cômoda, de um dos momentos culminantes da evolução nacional, implica em duas injustiças profundas: transforma a sociedade brasileira em uma massa amorfa, incapaz de pensamento próprio, de iniciativas e de reivindicações, o que é formalmente desmentido pelos admiráveis ímpetos do povo brasileiro, na conquista da liberdade, que iluminam o nosso passado; e faz do exército nacional um instrumento de violência e de opressão, desarticulado do sentimento coletivo, impondo ao país, pela fôrça brutal das suas baionetas, diretrizes políticas e sociais, o que colide flagrantemente com as tradições do elemento militar no Brasil.

Não pode ser essa a verdade. Transformações de tal natureza, ainda em sociedades em período de formação, não se operam com semelhante simplicidade.

A monarquia, caindo melancolicamente, sem defesa e sem dedicações, após 67 anos de vigência, demonstra a artificialidade de sua existência no Brasil, onde apenas vicejou, como flor esquisita em estufa, mercê de circunstâncias especiais; e o Exército, se não foi, em 15 de novembro, aquela "ordenança passiva da nação em marcha", de que fala Euclides da Cunha, pois a mocidade militar, pela ação de Benjamin Constant, era tôda uma flama de entusiasmo pelo ideal republicano, foi o realizador de uma aspiração nacional, o poder material que cumpriu os desígnios de um povo.

A síntese, do mesmo Euclides, é lapidar:

— "Foi o que se viu a 15 de novembro de 1889: uma parada repentina e uma sublevação; um movimento refreado de golpe e transformando-se, por um princípio universal, em fôrça; e o desfecho feliz de uma revolta.

Porque a revolução já estava feita."

Invulnerável o conceito. A revolução republicana há dois séculos vinha se fazendo no Brasil. Evoquemo-la, nesta hora de exaltação cívica, desde a indecisão de seus prenúncios ao esplendor da sua realidade. Sigamos as curvas dessa tendência republicana que atravessa cristalinamente a história brasileira, como um dos elementos nucleares na evolução da nacionalidade.

Ainda que imprecisa e vaga, mal definida, a tendência republicana dos brasileiros delineia-se, aflora, esboça-se em pleno período colonial. Quando, com a expulsão dos holandeses, criara a conciência da própria fôrça, da sua relativa homogeneidade, posta à prova na aliança de lusos, e descendentes, negros e índios, o brasileiro pensa na liberdade, na autonomia, na emancipação, e propende, pela lei do contraste, a um regime de govêrno diferente do da Metrópole, que o oprimia e sacrificava, que era despótico e tirânico.

À idéia de monarquia, de absolutismo, êle era levado, logicamente, a contrapor uma outra qualquer, em que o poder público, o Estado, o govêrno, a autoridade, não fôsse uma im-

posição, algo de intangível e de indiscutível, que oprimia o homem em todos os seus anseios, explorava-o nas suas atividades, limitava-o nos seus direitos, sobrecarregando-o de encargos, de ônus, de vexames, e abandonando-o depois à própria sorte. Daí — e quem o observa é João Ribeiro — o fato de se confundirem as idéias de emancipação nacional, de nativismo, com as de democracia e de República. Daí — e quem o frisa é Jonathas Serrano — o fato de terem assumido caráter republicano as primeiras tentativas de independência no Brasil, e as revoltas que então se classificavam como movimentos separatistas.

A rebelião de Beckmann, no Maranhão, em 1684, conquanto fôsse precipuamente um protesto contra o monopólio da exportação e da importação, sobressaindo nela, assim, uma causa econômica, revela a tendência republicana na organização do govêrno revolucionário. A representação de classes, aí estabelecida, bem como a assistência fiscalizadora dos "procuradores do povo", documentam uma idéia de soberania popular, considerada indispensável na direção dos negócios públicos.

Na revolução pernambucana de 1710 a afirmação da idéia republicana já é clara e nítida. Organizar uma República no Brasil, é o fim do movimento. O mesmo João Ribeiro não vacila em chamar Bernardo Vieira de Melo de "caudilho republicano".

A revolta de 1720, em Minas Gerais, é uma reação popular às extorsões do regime tributário em execução no distrito mineiro. O seu epígono e mártir, Felipe dos Santos, ao ser executado, corajosamente se conforma com o sacrifício, dizendo: "Jurei morrer pela liberdade...". E nessa liberdade havia o anseio pela independência e pela república.

Os inconfidentes mineiros, em 1789, "sonhavam com a República", na frase do sr. Pedro Calmon. Emancipar o Brasil de Portugal, como os Estados Unidos se haviam emancipado da Inglaterra, isto é, mediante a constituição de um regime democrático, eis o programa da Inconfidência. Ela é, no período colonial, a mais perfeita e mais completa afirmação da tendência republicana no Brasil.

Em 1798, na Baía, são os humildes, as classes populares, artífices e soldados, que se rebelam. Claramente, corajosamente, anunciam ao povo a República baíense, sob a chefia do alfaiate João de Deus do Nascimento. Traídos e denunciados por um soldado português, em 8 de novembro de 1799, eram esquartejados os alfaiates João de Deus e Manuel Faustino dos Santos Lyra, e os soldados Lucas Dantas e Luiz das Virgens, êsses sonhadores anônimos que haviam desenhado, em campo branco, com cantos azul-celeste, a bandeira do Estado da Baía, na República dos Estados Unidos do Brasil, e que desmentem a versão corrente de que a idéia republicana no Brasil era o patrimônio exclusivo das classes cultas, de uma minoria de ideólogos.

Pernambuco, em 1817, mais uma vez se insurge. Domingos Martins, Barros Lima, os padres João Ribeiro e Roma, José Martiniano de Alencar, o velho, são os expoentes de um pensamento republicano que os vai levar ao sacrifício e à morte.

Em 1822, vem a independência com o Império. "A monarquia, escreve um eminente historiador, era uma transação e o triunfo moral da conciliação entre portugueses e brasileiros." Os republicanos — que podemos corporificar na figura extraordinária de Gonçalves Ledo — transigem, por amor à emancipação. A tendência, porém, subsiste: os brasileiros, se aclamam Pedro 1.º, condicionam o ato à cláusula do juramento prévio, excluidora da tentativa de um govêrno absoluto. Em verdade, não se conformam, como se vê das lutas, políticas ou armadas, que irão até o 7 de abril, à abdicação de Pedro 1.º, e que continuarão pela regência e pelo reinado de Pedro 2.º até 1849. O Império, alega-se, era condição essencial à unidade nacional. Essa unidade, entretanto, teve de ser imposta a ferro e a fogo, durante o espaço de 27 anos, com sacrifícios de tôda a ordem... Seria um tema a examinar: a República, em 1822, não traria a unidade com um esfôrço menor, sem tão prolongadas lutas, pois que melhor correspondia às aspirações da nacionalidade?

Em 1824, ainda em Pernambuco, é pela República e pela federação que os insurretos se batem. Paes de Andrade, Frei

Caneca, Tristão Araripe são republicanos. E em 1831 o movimento que forçou Pedro 1.º a abdicar foi de indubitável origem republicana. O desfecho foi ainda a conciliação. E essa transigência, êsse meio têrmo, que os moderados consideram grande vitória, teria consequências quase imediatas, sem embargo da experiência do Ato Adicional, em 1834, tentando, com algumas medidas políticas, atender aos anseios liberais da Nação.

Em 1835, a revolução dos farrapos, no Rio Grande do Sul, culminaria na proclamação da República, no Seival. Em 1837 a **sabinada**, na Baía, iria também à proclamação do regime republicano.

Em 1842, irromperiam as revoluções de São Paulo e de Minas Gerais.

E, em 1848, a tradição de Pernambuco renasceria em Nunes Machado e Pedro Ivo.

Abre-se aí um compasso de espera. As guerras externas, de 1850 a 1870, trariam um período de quietação na política interior. A Nação, mais uma vez, prorrogava a República, no incisivo conceito de Euclides da Cunha. Fiel, entretanto, à sua tendência política dominante e invencível. Mal terminara a guerra com o Paraguai, os republicanos brasileiros voltavam a postos. Já eram uma fôrça, inegavelmente: o manifesto de 3 de dezembro de 1870, uma lúcida, irretorquível, destruidora análise da monarquia no Brasil, enfileirando, entre os seus signatários, um escol intelectual, é um documento de altissimo valor e de uma profunda significação. A idéia republicana, que atravessa tôda a nossa história, vai encontrar nêle os mais eloquentes fundamentos da sua legitimidade.

Passara a hora das conciliações, das transigências, do predomínio dos acordos e das fórmulas sôbre o sentimento nacional. Como aquele rochedo, a que alude Renan, que se despenha da montanha e que ninguém pode desviar, a República vai avançar, dominadoramente, conquistando, passo a passo, em uma soberba luta ideológica, a vitória que se consumará em 15 de novembro.

O manifesto de 1870 teve uma imensa repercussão. A voz dos republicanos da época — que poderemos concretizar

em Saldanha Marinho, Rangel Pestana, Quintino Bocayuva, Francisco Glycerio, na impossibilidade de uma enumeração completa, — porque traduza uma aspiração nacional, santificada pelo sangue de tantos mártires, ressoa impressionantemente pelo país inteiro.

Tem acentos graves, essa voz, "a voz de um partido que se alça hoje para falar ao país", na frase inicial do manifesto. E' na tradição nacional que os republicanos procuram o fundamento capital da legitimidade de sua ação, nesse retrospecto vibrante:

"— Iniciado o pensamento da emancipação do Brasil, o despotismo colonial procurou desde logo surpreender, em uma emboscada política, a revolução que surgia, no horizonte da opinião. Disfarçar a forma, mantendo a realidade do sistema que se procurara abolir, tal foi o intuito da monarquia portuguesa. Para isso bastou uma ficção — substituir a pessoa, mantendo a autoridade a quem faltava a legitimidade e o direito.

Nos espíritos, a independência estava feita pela influência das idéias revolucionárias do tempo e pela tradição ensanguentada dos primeiros mártires brasileiros. Nos interêsses e nas relações econômicas, na legislação e na administração, estava ela também feita pela influência dos acontecimentos que forçaram a abertura dos nossos portos ao comércio dos pavilhões estrangeiros e a desligação dos funcionários aquí estabelecidos.

A democracia pura, que procurava estabelecer-se em tôda a plenitude de seus princípios, em tôda a santidade de suas doutrinas, sentiu-se atraiçoada pelo consórcio falaz da realeza aventureira. Si ela triunfasse, como devera ter acontecido, resguardando ao mesmo tempo as garantias do presente e as aspirações do futuro, ficaria quebrada a perpetuidade da herança que o rei de Portugal queria garantir à sua dinastia.

Entre a sorte do povo e a sorte da família, foram os interêsses dinásticos os que sobrepujaram os interêsses do Brasil."

E assim prossegue o manifesto, em uma análise arguta, lucidíssima, da situação política e social do Brasil, análise que um escritor moderno não vacilou em classificar de incompa-

rável. E conclue com estes conceitos, que vamos transcrever para melhor relembrar, no dia de hoje, o mais importante documento da propaganda republicana:

"— Fortalecidos, pois, pelo nosso direito e pela nossa conciência, apresentamo-nos perante os nossos concidadãos, arvorando resolutamente a bandeira do partido republicano federativo.

Somos da América e queremos ser americanos.

A nossa forma de govêrno é, em sua essência e em sua prática, antinômica e hostil ao direito e aos interêsses dos Estados americanos.

A permanência dessa forma de govêrno tem de ser forçosamente, além da origem de opressão no interior, a fonte perpétua da hostilidade e das guerras com os povos que nos rodeiam.

Perante a Europa passamos por ser uma democracia monárquica que não inspira simpatia nem provoca adesão. Perante a América passamos por ser uma democracia monarquizada, aonde o instinto e a fôrça do povo não podem preponderar ante o arbítrio e a onipotência do soberano.

Em tais condições pode o Brasil considerar-se um país isolado, não só no seio da América, mas no seio do mundo.

O nosso esfôrço dirige-se a suprimir êste estado de coisas, pondo-nos em contacto fraternal com todos os povos, e em solidariedade democrática com o continente de que fazemos parte."

Desde então, o país vai sentir, dia a dia, que a idéia republicana se aproxima da vitória, através do trabalho inteligente e tenaz de uma propaganda sistemática e corajosa, que vale como uma das mais belas expressões intelectuais no Brasil. Funda-se o jornal "A República" em cujas colunas uma falange de moços destemerosos e brilhantes continuará o processo da monarquia, submetendo-a a uma crítica formidável, que a irá lentamente derruindo. E, em 1873, a Convenção Republicana de Itú, em S. Paulo, marcará um momento decisivo: os republicanos se arregimentam, como fôrça política, adquirem disciplina, coesão, vitalidade maior.

Comumente, não se dá grande valor ao trabalho e à ação dos propagandistas da República. Insinua-se que eram apenas uns ideólogos, uns sonhadores, egressos, das realidades ambientes, fazendo frases sonoras, que ninguém escutava. O juízo, de todo o ponto improcedente e errôneo, é formulado com o intuito de se ajustar à peregrina versão da "surpresa" pela proclamação da República... E' errôneo e clamorosamente injusto: a geração dos propagandistas semeou pelo Brasil afora, com admiráveis eficiência e denôdo, os princípios estruturais do regime republicano. Defendeu-os com uma esclarecida convicção, conquistando adeptos, agremiando fôrças dispersas, dando rijo combate aos combalidos partidos políticos da monarquia. Um dêles, Campos Salles, ministro do Govêrno Provisório, mais tarde presidente da República, no seu livro "Da propaganda à Presidência" teve para os seus companheiros de jornada estas palavras de defesa:

"O que mais caracterizava a sua conduta de partido, cujos intuitos consistiam na transformação radical do sistema, era a índole prudente e moderada da sua combatividade, o cunho manifestamente conservador das suas tendências, sem contudo nada perder da extraordinária energia e da imperturbável firmeza com que enfrentava os adversários, marchando direito para o seu escopo. Não eram ideólogos, nem demolidores inconcientes. No seu trabalho de destruição do regime monárquico já se fazia sentir a influência benéfica de uma fôrça orgânica, garantidora da unidade nacional e da estabilidade das instituições que visavam implantar. E' isso que se depreende, não só da patriótica atitude que assumiram os seus representantes nos debates parlamentares, em que tomaram parte, como na orientação elevada da sua imprensa, e até mesmo na tribuna das assembléias populares. Foi assim que o novo partido pôde revelar-se apto para o govêrno da nação e recomendar-se à confiança dos seus concidadãos."

Escreveram. Discursaram. Discutiram. Argumentaram. E quando foi necessário, defenderam valentemente o seu direito, arrostando o perigo dos tumultos que os adversários iam provocar, nos comícios e nas assembléias republicanas. "Somos mais do que um princípio, senhores do govêrno; somos

um revólver", foi a frase de um dêles, Ciro de Azevedo, ao enfrentar a polícia imperial que invadira o recinto onde se realizava uma reunião de propagandistas.

Os resultados dessa propaganda não demoraram. Em pleno ano de 1881, em S. Paulo, já havia eleitores bastantes para derrotar os liberais e os conservadores e levar à Assembléia Provincial cinco deputados republicanos: Campos Salles, Prudente de Moraes, Gabriel de Piza, Martinho Prado Junior e Rangel Pestana.

Nesse mesmo ano de 1881, os estudantes rio-grandenses na Faculdade de Direito de S. Paulo publicam manifesto declarando-se republicanos.

Para legitimar a sua atitude, mergulham na história, invocam o passado: reproduzem o manifesto de Bento Gonçalves da Silva, em 1839, em plena refrega farroupilha, e reivindicam a glória de defensores dos ideais de 1835.

Em 1884, funda-se em Pôrto Alegre a "Federação", onde Venancio Aires e Julio de Castilhos, cercados de outros notáveis talentos, combaterão a monarquia, aliados a uma imprensa republicana que se desenvolvera por todo o Brasil, tendo como órgão chefe "O País", de Quintino Bocayuva.

Em Minas Gerais, pontificava o "Colombo", a que não tardaria a juntar-se "O Movimento", sob a direção do grande João Pinheiro.

Em 1885, a propaganda não se limita aos comícios e aos clubes republicanos, que se iam criando.

Ela vai ressoar no próprio Parlamento Nacional, com a eleição de Prudente de Moraes, de Campos Sales e do mineiro Alvaro Botelho à Câmara dos Deputados.

Em 1885, o Rio Grande do Sul elegeria também o primeiro deputado republicano à Assembléia Provincial.

Foi êle o sr. Assis Brasil, que na sessão de 1886 enfrentaria na tribuna a Gaspar Martins.

Já era, sem dúvida, uma fôrça, êsse partido republicano que em luta aberta com o poder monárquico elegia representantes aos legislativos provinciais e nacional.

De 1885 a 1887, a "questão militar" documenta a fraqueza da monarquia. O rochedo continua a rolar; e o Império vive

precariamente, de capitulação em capitulação. A Câmara Municipal de S. Borja, em 1888, com a sua conhecida moção contra o 3.º reinado, de formidável ressonância, desfere o golpe de morte nas instituições vigentes. E nesse ano os clubes republicanos elevam-se a cêrca de duzentos, no Brasil, assim distribuídos: Pernambuco, Pará, Baía, Ceará e Alagoas, 17; Minas Gerais, 56; S. Paulo, 48; Rio Grande do Sul, 32; província do Rio de Janeiro, 30.

Já era uma fôrça, de certo, o partido que dispunha de tais elementos.

A propaganda intensificava-se. A abolição fôra para a monarquia um novo fator de desagregação. Silva Jardim pregava a República face a face do Conde d'Eu, o herdeiro do trono, em viagem célebre ao Norte. Benjamin Constant, entre a mocidade militar, formava uma pléiade varonil de lutadores.

O gabinete de 7 de junho de 1889, tendo à sua frente um homem corajoso e enérgico, como o Visconde de Ouro Preto, recebe uma monarquia em franca dissolução.

Comparece ao Parlamento com um programa de transigência que era um desesperado esfôrço para delongar o golpe final. Acena aos republicanos com a promessa de reformas, de descentralização parcial.

Nada conseguirá desviar o rochedo... Cezario Alvim, assomando à tribuna, replica tranquilamente que, partidário da federação, não se satisfaz com a simples autonomia das províncias, pelo que "vai militar entre os republicanos".

Significativa, esta sessão do parlamento brasileiro, de 11 de junho de 1889, cinco meses antes da proclamação da República. O padre João Manoel ataca o ministério Ouro Preto, ataca a monarquia, e assim conclue o seu discurso, face a face dos ministros do Império:

"— O nobre presidente do Conselho está enganado. S. ex. não tem fôrças para conter êsse movimento que se levanta possante, para abafar essa onda de opinião que cresce temerosa, que se avoluma, que sobe impávida e que há de assoberbar e envolver a todos aqueles que ousarem opor-lhe barreiras.

O seu orgulho e a sua ambição hão de ser castigados, porque s. ex. será esmagado.

Não nos iludamos, a República está feita.

Não tardará muito que neste vastíssimo território, no meio das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontânea do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os ângulos dêste grande país, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando enérgica, patriótica e unanimemente: abaixo a monarquia e viva a República!"

Nobremente, virilmente, Ouro Preto ainda se debate, ainda enfrenta o inimigo. "Viva a monarquia", é a sua resposta. Não tem eco, o reclamo. Morre no silêncio, o apêlo angustiado. Já nesse dia 11 de junho de 1889 a Monarquia estava morta. O rochedo, que rolava desde a época colonial, indominável, indesviável, esmagara-a de todo.

Euclides da Cunha tinha razão: a revolução estava feita. Tinha razão o padre João Manoel: a República estava feita. 15 de novembro de 1889 é apenas um desfecho, um epílogo. O gesto de Deodoro da Fonseca, em frente ao Quartel General, no Rio de Janeiro, não é mais do que a consagração solene e pública de um voto popular. O soldado, mais uma vez, emblemava magnificamente a conciência, o pensamento da Pátria. A espada, que rasgava o espaço, ao sol de uma radiosa manhã de novembro, em continência à República, empunhada pela mão honrada de um herói autêntico, era o penhor de um resgate cívico: a memória dos homens que morreram pela República, no sonho generoso da liberdade e da justiça, e cujo sacrifício enche de luz e de beleza as páginas da nossa história, refulgiria, de-certo, na lâmina daquela espada...

Os homens que fizeram a propaganda da República, e que a proclamaram, foram os fiéis executores de uma vontade nacional, de uma irresistível tendência do povo brasileiro, algumas vezes contornadas e ludibriadas por transigências políticas e por acordos de homens, mas evidente e nítida em tôdas as fases da nossa evolução. Por isso mesmo, êles são maiores. A República, que êles fizeram, foi a cristalização de um anseio popular, uma retificação dos nossos destinos vio-

lados. A nacionalidade teve nêles os intérpretes da mais legítima e mais pura das suas aspirações. Aos mortos e aos vivos, aos grandes e aos pequenos, aos famosos e aos anônimos — iguais na dedicação a um ideal —, preste hoje a nacionalidade a reverência do seu culto.

Paleontologia do Rio Grande do Sul

Carlos de Paula Couto

MAMÍFEROS FÓSSEIS DO RIO GRANDE DO SUL

Poucos são os restos de mamíferos fósseis até agora encontrados no Estado.

Segundo o Dr. Guilherme Ráu, de Santa Maria, restos de mamíferos diluvianos foram encontrados em São Gabriel, próximo das caieiras (Páu Fincado), em Santa Maria (Arroio do Só), em Santa Cruz (caminho para Santa Teresa) e em Rio Pardo, parecendo pertencerem a **Megatherium** (dentes enormes), **Toxodon** ou **Nesodon** (dentes mui característicos), **Glyptodon, Equus, Tamanduá** e **Tatús,** não existindo, porém, classificação certa, pois tais restos não foram ainda estudados por um especialista competente.

Podemos afirmar, porém, com certeza, que no Estado já foram descobertos restos de **Megaterideos, Gliptodontidos, Equideos, Tapirideos** e **Mastodontes.**

— A seguir, faremos o estudo de tais fósseis, dentro da respectiva classificação, comparando-os com os tipos clássicos.

I — ORDEM EDENTATA

(**Bruta** Linneu)

Mamíferos terrestres, arborícolas ou fossadores, cuja dentição, quando existente, limita-se aos molares que são semelhantes entre si (dentição do tipo **homodonte**), prismáticos, de estrutura mui simples, desprovidos de esmalte, de polpa persistente e frequentemente numerosos. Longas falanges terminais, providas de garras pontudas, aceradas, comprimidas lateralmente e às vezes em forma de casco. Pele

coberta por pêlos, escamas ou placas ósseas. Ísquion geralmente soldado ao sacrum. Alimentam-se de ervas, frutas ou insetos.

Os mamíferos desta ordem são, evidentemente, degradados. Devem ter atingido o máximo de sua evolução em priscas eras geológicas, estando agora em retrogradação manifesta, principalmente no que diz respeito à redução e simplificação de sua dentição.

Êste grupo, depois de ter apresentado, durante a Era Terciária, formas mui numerosas e variadas, algumas das quais de tamanho gigantesco, está hoje em vias de extinção. O número das espécies fósseis é bem maior que o das espécies vivas.

Esta ordem é, segundo tôdas as aparências, originária da América, pois tal não só parece indicar a sua atual distribuição geográfica, como a grande maioria de seus tipos fósseis. Já no Paleoceno da América do Norte, existiram tipos que podem ser considerados como ancestrais da grande maioria dos diversos tipos atuais. Assim, temos, por um lado, o **Tubulodon**, cuja dentição apresenta os caracteres essenciais da dos **Orycteropus** (Plancha IX), desdentado atual do Velho Mundo, que teria tido, pois, uma origem boreal, transferindo-se aos poucos para as latitudes meridionais onde hoje se acha confinado (do Congo à Colônia do Cabo). Também os **Pangolins** (**Manis** — Plancha IX) atuais, da África e Ásia, parecem ter tido como um dos seus mais remotos ascendentes um tipo do Eoceno inferior dos Estados Unidos — o **Palæanodon** que, segundo Scott (17), teria sido o ancestral direito do **Metacheiromys** do Bridger (Eoceno médio), com o qual apresenta muitíssimas semelhanças. Ambos (**Palæanodon** e **Metacheiromys**) apresentam muitas afinidades com os Pangolins (**Manis**) e também com os Tatús (**Dasipodos**), o que torna possível a hipótese de que estes dois gêneros atuais, um, **nomarthra**, habitante do Velho Continente, e o outro, **xenarthra**, do Novo Continente, tenham descendido dum tronco ancestral comum.

Também os **Tæniodontes** — como o **Psittacotherium** (Plancha IX — fig. 1 e o **Conoryctes** — do Eoceno inferior

e meaio da América do Norte, cujos dentes (incisivos reduzidos, largos caninos e premolares e molares hipsodontes) são mais ou menos esmaltados, apresentam, principalmente no crânio, relações de semelhança com os Tatús e Preguiças; os seus membros, como os dêstes, são maciços e providos de garras. Wortman (1897) e muitos outros autores consideram-n'os como ancestrais dos Desdentados, a despeito de sua dentição mais ou menos completa, o que não podemos estranhar, visto que, como já dissemos, os Desdentados são tipos degradados.

Tanto os **Tæniodontes,** classificados por Zittel-Woodward, E. Pérrier e outros autores na sub-ordem dos Desdentados xenarthras, como os **Tillodontia,** classificados pelos mesmos entre os Insetívoros dilambdodontes, são, entretanto, considerados por Scott (17) como "ordens problemáticas", de afinidades obscuras, razão por que consideramos como ainda incerta a sua verdadeira posição sistemática.

— Considerando, agora, as famílias extintas dos **Gravigrados** e **Glyptodontideos,** podemos dizer que as mesmas tinham já representantes no Eoceno médio da América do Sul.

Estas duas famílias atingiram o seu máximo desenvolvimento no Plioceno e Pleistoceno, extinguindo-se completamente nos meados do último dos citados períodos geológicos, quando foram contemporâneas do Homem primitivo americano que — segundo Fl. Ameghino — lhes deu caça.

— William Henry Flower propôs a classificação dos Desdentados em quatro sub-ordens, incluindo as formas fósseis e as atuais, a saber:

EDENTATA ou BRUTA	Sub-ordem 1. **Pilosa**	Bradypodidæ Megatheridæ Myrmecophagidæ
	Sub-ordem 2. **Loricata**	Dasypodidæ Glyptodontidæ
	Sub-ordem 3. **Squamata**	(Manidæ)
	Sub-ordem 4. **Tubulidentata**	(Orycteropidæ)

Florentino Ameghino, baseando-se no estudo dos tipos fósseis sul-americanos, apresentou a seguinte classificação:

- BRUTA
  - **Pleiodonta** ..... Entelopsidæ
  - **Anicanodonta** ...
    - a) **Vermilíngua:** Orycteropidæ Phororhacosidæ.
    - b) **Gravígrada:** Megatheridæ, Orthotheridæ, Megalonycidæ, Lestodontidæ, Scelidotheridæ e Mylodontidæ.
  - **Hicanodonta** ....
    - a) **Glyptodontia:** Glyptodontidæ, Hoplophoridæ e Doedicuridæ.
    - b) **Dasypoda:** Chlamydotheridæ, Praopidæ e Dasypodidæ.
    - c) **Peltatoidea:** Stegotheridæ.

Sabemos hoje que a família **Phororhacosidæ**, de Ameghino, não pode ser incluída na ordem dos Desdentados, pois o gênero que lhe corresponde (**Phororhacus** Ameg.) foi fundado sôbre os restos incompletos duma ave.

Edward Drinker Cope, na memória que apresentou sôbre os Desdentados norte-americanos, subdividiu a ordem em duas sub-ordens:

- EDENTATA
  - 1. **Nomarthra** — articulação normal das vértebras dorsais com as vértebras lombares: Orycteropidæ e Manidæ.
  - 2. **Xenarthra** — Além das articulações ordinárias das vértebras anteriores, as últimas vértebras toráxicas e as vértebras lombares articulam-se entre si por uma articulação suplementar ou zigapófise acessória (fig. 10): Bradypodidæ, Megatheridæ, Myrmecophagidæ, Dasypodidæ e Glyptodontidæ.

Karl A. Zittel, em seu Tratado de Paleontologia (11), apresentou a seguinte classificação:

- EDENTATA (Bruta)
  - 1. **Nomarthra** ...
    - Orycteropidæ.
    - **Manidæ.**
  - 2. **Xenarthra** ...
    - a) Vermilíngua (Tamanduás).
    - b) Tardigrada (Preguiças).
    - c) Gravigrada (Megatheridæ, Megalonychidæ e Mylodontidæ).
    - d) Glyptodontia (Glyptodontidæ, Hoplophoridæ e Doedicuridæ).
    - e) Dasypoda (Tatús).

Edmond Pérrier (12), no seu célebre "Traité de Zoologie", diverge de modo notável dos autores supracitados, pois separa os **Nomarthra** de Cope e Zittel-Barrois dos Desdentados, considerando-os como participantes de ordens distintas, respectivamente denominadas **Pholidota,** para os **Manidæ** (Pangolins) e **Tubulidentata,** para os **Orycteropidæ** (Orycteropus), classificando os demais, isto é, os **Xenarthras** do seguinte modo:

- ORDEM XENARTHRA
  - 1. **Anicanodonta**..
    - a) Tardigrada (Bradypodidæ).
    - b) Vermilíngua (Myrmecophagidæ).
    - c) Gravigrada (Megalonychidæ, Megatheriidæ e Mylodontidæ).
  - 2. **Hicanodonta**.. a) Loricata (Dasypodidæ e Glyptodontidæ).
  - 3. **Ganodonta** ou **Tæniodonta** (Psittacotherium, etc.).

Por fim, Artur Smith Woodward, na última edição inglesa do Tratado de Paleontologia de Zittel (10), firma doutrina eclética entre diversas das classificações anteriores, dividindo os Desdentados da seguinte forma:

- EDENTATA
  - Sub-ordem A: **Nomarthra**
    - Orycteropidæ.
    - Manidæ.
  - Sub-ordem B: **Xenarthra**
    - 1. Anicanodonta (Taeniodontæ, Gravigrada, Myrmecophagidæ e Bradydidæ).
    - 2. Hicanodonta (Glyptodontidæ, Sclerocalyptidæ, Doericuridæ e Dasypodidæ).

As duas sub-ordens dos Nomarthra e Xenarthra guardam — parece — apenas caracteres de convergência, não tendo nenhuma relação filogenética estabelecida.

— Entre os Desdentados, apenas os nossos Myrmecophagos (Tamanduás) e os Manideos (Pangolins) afro-asiáticos são verdadeira e positivamente desprovidos de dentes. Todos os demais, inclusive as formas fósseis e atuais, possuem dentes que se limitam, porém, à parte posterior dos maxilares (molares). Os Taeniodontæ, si considerados como pertencentes à ordem, fazem exceção, pois, como já vimos, possuem incisivos, caninos, premolares e molares.

— Seguiremos, em nosso estudo, a última das supracitadas classificações.

Sub-ordem XENARTHRA, Gill

A principal diferenciação existente entre os **Xenarthra,** do Novo Mundo, e os **Nomarthra,** do Velho Mundo, está no fato de que, enquanto os últimos têm tôdas as suas vértebras reunidas por articulações que se consideram normais, os xenarthras apresentam, nas últimas vértebras toráxicas e nas vértebras lombares zigapófises articulares acessórias (Fig. 10).

Fig. 10 — Undécima vértebra dorsal (face anterior) de **Choetophractus villosus** (fêmea), tatú. **a. e.,** apófise espinhal; **m. a.** - metapogapófise; **z. a.** — zigapófise acessória; **a. c.** — articulação costal.

Compreendem os xenarthra duas subdivisões ou tribus: **Anicanodonta** e **Hicanodonta.**

1 — Tribu **ANICANODONTA,** Ameghino

Xenarthra desprovidos de carapaça ou com vestígios da mesma. Vértebras sempre separadas. 5/4 M, no máximo. Arcada zigomática mais ou menos completa.

As famílias **Bradypodidæ** e **Myrmecophagidæ,** atuais, e as famílias **Gravigrada** e **Taeniodontæ (Ganodonta),** fósseis, a última, como já vimos, de taxonomia controvertida, compõem — segundo Zittel-Woodward — esta tribu.

Das duas primeiras não nos consta que tenham sido encontrados restos fósseis no Rio Grande do Sul. A última tem representantes fósseis na América do Norte.

A — **Família Gravigrada** (Preguiças gigantes)

Grandes e pesados herbívoros fósseis, de crânio longo e mais ou menos cilíndrico, relativamente pequeno. Arco zigomático mui forte, com apófise descendente, recurvada para traz. Sistema dentário reduzido a 5/4 ou 4/3 M cilíndricos, mais ou menos longos, de crescimento continuo. Claviculas possantes. Patas robustas, moderadamente longas, pesadas, dotadas de garras poderosas. Mãos mais ou menos adaptadas à preensão; pés plantigrados; falange ungueal do dedo médio armada de forte garra, própria para escavar ou agarrar, sendo os dedos laterais menores e os únicos que se apoiavam no solo, durante a marcha. Alguns indivíduos apresentavam ossinhos sob a pele, que constituíam uma espécie de armadura interna (*).

Esta família é conhecida desde o Oligoceno da América do Sul.

a) Subfamília **Megatheriinæ**

Fórmula dentária: 5/4 M. Os dentes (molares) são prismáticos, quadrangulares, sendo o último algo menor que os antecedentes. O remo posterior do canal alveolar abre-se no lado interno da mandíbula.

Megatherium Cuvier. Crânio estreito, pouco elevado e relativamente pequeno, de estrutura maciça, como o esqueleto; intermaxilar alongado, proeminente; arco jugal mui forte, completo, apresentando uma mui possante apófise descendente. Mandíbula munida dum forte ramo montante, mais estreita na sínfise. O bordo inferior da mandíbula apresenta uma entumescência que vem a ser uma larga apófise proeminente, de contornos arredondados. Molares (5/4) mui altos, em série ininterrupta, apresentando duas cristas transversais

---

(*) Vide Apêndice — **Notas sôbre a expedição de Junius Bird à Patagônia.**

(Plancha X — A), separadas por um largo vale. Cauda mui forte, grossa e curta, composta de 19 vértebras. Membros anteriores mais longos, mais delgados e mais fracos que os posteriores. Ossos carpianos distintos. Mão tetradátila; polegar rudimentar, pequeno, formado dum longo metacarpiano e duas falanges mui pequenas; os três dedos médios são munidos de longas e agudas garras. Membros posteriores mui pesados; fêmur curto e duma largura descomunal. Pé tridátilo; os dois artelhos internos são atrofiados. Entre os três artelhos, o terceiro (o mais interno) compõe-se dum forte metatarsiano, de duas falanges soldadas numa só e duma falange terminal possante, em forma de garra. Os dois artelhos externos (IV e V) têm suas falanges terminais atrofiadas.

Compreende êste gênero uma série de espécies, a maioria das quais ainda mal definida e descoberta nos limos pampeanos da Argentina, no Brasil, Chile, Equador e, duvidosamente, no sul dos Estados Unidos, espécies essas descritas por Cuvier, Blumenbach, Owen, Lund, Ameghino, H. Gervais, Moreno, Mercerat, Philippi, Leidy. Eram tôdas herbívoras. Entre elas, a mais comum e melhor conhecida — o **M. americanum** Blumenbach (= **M. Cuvieri** Desmarest = **Bradypus giganteus** Pander) atinge quasi o talhe dum Elefante mas devia ser muito mais vagarosa do que êste, no andar. A bacia, os membros posteriores e a cauda são particularmente notáveis por seu enorme desenvolvimento. A conformação total dos membros prova que essa "Preguiça gigante" não podia andar senão lenta e pesadamente. Os membros anteriores serviam de órgãos de preensão e eram provavelmente utilizados para arrancar ou inclinar ramos ou galhos, ou mesmo para abater árvores inteiras, cujas fôlhas e ramos novos o animal devorava, enquanto descansava o pêso do corpo sôbre a cauda e membros posteriores, armados em tripé. Ameghino provou que o **M. americanum** foi caçado pelo homem primitivo sul-argentino, que se nutria com sua carne. Além do esqueleto de Lujan, restaurado em Madrid, cujo comprimento atinge a 14 pés e a altura a 8, o mesmo Museu possue ainda dois outros indivíduos. O museu dos Cirurgiões e o Museu

Britânico, de Londres, os museus de París, Milão, Turim, Copenhague, Zurich, Rio de Janeiro, New-York, Buenos Aires, La Plata e outros possuem esqueletos mais ou menos completos da Preguiça gigante. H. Ward, de Rochester, ofereceu a diversos museus moldes em gêsso, executados sôbre os esqueletos de Madrid e Londres.

O gênero **Megatherium** habitava, provavelmente, na época pleistocena, tôda a América do Sul. Suas ossadas são mui abundantes na formação dos Pampas da Província de Buenos Aires. Três espécies menores (**M. Tarijense** Gervais e Ameghino; **M. antiquum** Ameghino; **M. Lundii** Gervais e Ameghino) são ainda imperfeitamente conhecidas. Acharam-se perto de Tarapaca, no Chile, um crânio e diversas ossadas do **M. Medinæ** Philippi. O **M. mirabile** Leidy é uma espécie duvidosa, baseada sôbre fósseis incompletos, provenientes do Pleistoceno de Geórgia, Carolina do Sul e Texas. Uma espécie do Pleistoceno de Minas Gerais, a que Lund denominou de **M. Laurillardii**, fundada sôbre um dente quatro vezes menor que os do **M. americanus** mas que, a julgar pelo acentuado gasto da superfície triturante, situada entre as colinas transversais de esmalte, deve proceder dum animal velho, corresponde, segundo Zittel, ao gênero **Ocnopus**, de Reinhardt (**Ocnopus** ou **Megatherium Laurillardii** — de talhe um pouco maior, talvez, que o do Tapir).

O **Megatherium**, assim como seus afins (**Mylodon**, etc.) foi mui abundante, no Pleistoceno, em todo o Brasil (Fig. 11 e Planchas XI e XII) (*). No Rio Grande do Sul também já foram encontrados seus restos.

A extinção dessas Preguiças gigantes data do fim do Pleistoceno, ignorando-se a razão da mesma.

"Diferentemente dos Ongulados sul-americanos, que pa-
"recem ter desaparecido quando afrontados por progressivos
"competidores — escreve Romer (18) — as grandes preguiças
"não só persistiram em suas terras, como invadiram suces-
"sivamente a América do Norte. Os fatores determinantes
"de sua extinção permanecem tão misteriosos como os que

(*) Vide Apêndice: "O Megatherium do Museu".

"destruíram a maior parte dos outros mamíferos maiores do "Mundo Ocidental".

— Herberto Smith (19) diz ter encontrado, à margem de um dos córregos que correm por entre os depósitos de pedras arredondadas de uma das grutas existentes nos bordos abruptos a SO da Serra de Pedras Altas, a duas ou três mi-

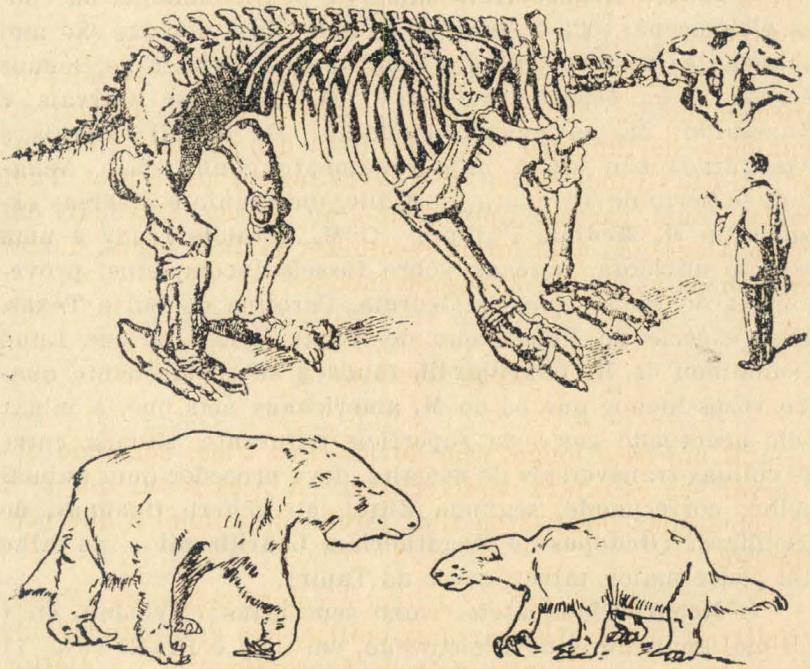


Fig. 11 — Ao alto: esqueleto de **Megatherium.** Em baixo: à esquerda, restauração do mesmo e, à direita, do **Mylodon robustus,** feitas numa escala uniforme, para mostrar os tamanhos relativos (Scott)

lhas mais ou menos da localidade do mesmo nome, no Rio Grande do Sul, ossos fósseis de um animal enorme que julga ter sido provavelmente um **Megatherium.** Os ossos em questão estavam numa camada de argila e seixos, cobertos por alguns metros de cascalhos.

"Infelizmente, diz o autor, faltava a cabeça, e os outros "ossos estavam tão embebidos d'água que muito pouco con-"seguimos inteiros. Ao pé estavam ossos menores, de bois "e cavalos, juncando a superfície da argila".

"Suponho que os animais recentes e os animais fósseis, "andando ao lado de grotas, caíam nas ribanceiras de pedra "e ficavam mortos: a espécie mais antiga foi coberta de ar- "gila e pedras durante muitos séculos; os ossos dos animais "modernos estão alvejando na superfície; mas de qualquer "sorte serão enxurrados para algum buraco, cobertos por de- "tritos e afinal podem fossilizar-se, exatamente como os "outros".

— Em 1939, foram descobertos numa estância de propriedade do Sr. João Fagundes, situada no 2.º distrito do município de Pinheiro Machado, local denominado "Vertente", no Rio Grande do Sul, três peças fósseis que o prof. Tupí Caldas, num parecer apresentado ao Museu Estadual, em Pôrto Alegre, ao qual foram recolhidas as ditas peças, numerou sob os ns. 1, 2 e 3, descrevendo-as:

"Peça fóssil n.º 1"

"É um osso longo, sem dúvida uma tíbia, deixando ob- "servar sua estrutura característica. A peça fóssil sob n.º 1 "é constituída por 2/3 da tíbia direita do animal a que per- "tenceu".

"A peça fóssil, sob n.º 1, tem o comprimento de 45 cen- "tímetros; deixa observar uma **epífise**, isto é, a extremidade "superior, com circunferência de 62 centímetros; a **diáfise**, "parte do osso vulgarmente chamada "canela" tem uma cir- "cunferência de 33 cms.".

"Falta a epífise inferior, pois o osso está partido na "parte inferior da diáfise".

"A epífise superior está em bom estado de conservação; "apresenta duas escavações, uma menor, em situação supe- "rior esquerda, outra maior, em situação superior para a di- "reita; a escavação esquerda toca o rebôrdo da escavação "direita, situadas ambas sôbre um plano mais ou menos ho- "rizontal e ideal (Plancha XI)".

"Estas escavações têm as seguintes dimensões:

A) Escavações menor:

Circunferência	33 cms.
Diâmetro	9 cms. (raio 4,5)
Profundidade	3,3 cms.

B) Escavação maior:

Circunferência	45 cms.
Diâmetro maior	18 cms. (raio 9)
Diâmetro menor	10 cms. (raio 5)
Profundidade	2,7 cms.

"Estas escavações observadas na peça fóssil constituem "as **cavidades glenoides** da tíbia, as quais são destinadas a "se articular com os dois condilos femurais, de formas cara-"cterísticas; a articulação é do tipo esfero-cilindroide, em "sela, pois a cavidade menor tem a forma de uma semi-"esfera ôca e a escavação maior corresponde a uma secção "transversal do cilindro ôco de raios diferentes".

"Pelo exame do osso longo e particularmente pela forma "de articulação concluímos que esta peça sob n.º 1 pertenceu "ao membro posterior direito de um animal mamífero, apre-"sentando relação com a correspondente do **Megatherium** "**americanum** de Cuvier".

"Os rebordos exteriores da epífise estão estragados, não "se podendo reconhecer se existiu zona de acolamento com "o perôneo".

"A peça fóssil sob n.º 1 deveria ter o comprimento de "60 ms., enquanto a do **Megatherium** recolhido ao Museu "Nacional do Rio de Janeiro tem 49 centímetros".

"Peça n.º 2"

"A observação atenta da peça fóssil, sob n.º 2, leva a "concluir que é um fragmento da **epífise superior** duma tíbia "que pertenceu a um animal da mesma espécie do referido "sob n.º 1".

"Tem dimensões menores; deixa observar duas cavidades

"glenoides; a de maior diâmetro está em bom estado de con-
"servação, enquanto a de menor diâmetro está fragmentada
"em mais de dois terços do seu tamanho natural".

"É, sem dúvida, um fagmento de tíbia esquerda, deixan-
"do observar bom estado de conservação numa cavidade de
"articulação cilindróide de raios variáveis. Pertenceu a ou-
"tro indivíduo prehistórico, da mesma espécie e pouca idade".

"Peça n.º 3"

"É um pequeno fragmento de um osso longo; apresenta
"a forma de um fragmento de osso longo, verdadeira lasca
"da região do rebôrdo lateral da diáfise, ao contacto da epí-
"fise".

"Pertenceu a um animal da mesma espécie do indicado
"sob n.º 1".

"Póde ser um fragmento do perôneo".

— Depois de algumas considerações finais sôbre a classificação, terminou o prof. Tupí Caldas o seu parecer com as seguintes palavras:

"Assim, possuindo as peças anatômicas fósseis, recolhi-
"das na "Vertente", local na fazenda de João Fagundes, no
"2.º distrito do município de Pinheiro Machado, Estado do
"Rio Grande do Sul, Brasil, as características comuns de os-
"sos longos de animais do tipo **Megatherium americanum**
"(isto é, de tíbias, dois fragmentos; de perôneo, um pequeno
"fragmento), podemos classificar as peças recolhidas ao Mu-
"seu Júlio de Castilhos, sob nomenclatura de restos de dois
"**Megatherium,** que teriam vivido no território sul-brasileiro,
"no comêço da época quaternária".

"Para a espécie fóssil a que pertencem os restos reco-
"lhidos ao Museu Júlio de Castilhos, propomos o nome de
"**Megatherium Piratininum**".

— Às dimensões dadas pelo prof. Tupí Caldas, a respeito da peça fóssil que indicou sob n.º 1 (Plancha XI), podemos acrescentar mais as seguintes:

Comprimento da crista da tíbia (do cume da tuberosidade anterior ao ponto em que a crista tibial se confunde com o corpo do osso): 11 cms., aproximadamente.

Diâmetro antero-posterior máximo da epífise superior (do ponto mais anterior da crista tibial ao ponto mais posterior da cavidade glenoide externa): 22 ms., ap.

Diâmetro transversal do corpo da tíbia (da face interna ao bordo posterior externo da tíbia): 10 cms. ap. (tomado no meio do comp. da tíbia).

As medidas e o aspecto do dito osso indicam que o mesmo pertenceu a um indivíduo de talhe colossal, maior mesmo que o **Megatherium** do Museu Nacional (Plancha XII), que pertence à espécie **Megatherium americanum,** de Blumenbach, a maior das espécies do gênero.

Falando desta espécie, escreve o prof. Anibal Mattos (20):

"O **Megatherium americanum** é o mais gigantesco dos "desdentados até hoje conhecidos e um dos mais agigantados "mamíferos dentre os que têm existido sôbre a terra".

"O seu porte chegava a medir de 5 a 7 metros, conforme "as variações peculiares à idade, sexo, etc.".

"Ameghino transcreve as medidas que Cornélio deu dos "quatro primeiros esqueletos de **Megatherium americanum** "conhecidos na Europa e que se conservam nos Museu de "Londres, Madrid, Turim e Milão. A diferença dessas medi- "das é uma advertência aos que pretendam fundar novas "espécies baseados tão somente no talhe, quando se trate de "animais de grandes proporções cujos caracteres são mais "variáveis que os das espécies de pequeno porte".

"Eis as medidas dos referidos esqueletos de **Megathe- "rium :**

	Londres	Turim	Milão	Madrid
"Comprimento total do esqueleto.....	7.260	4.800	5,500	
"Comprimento do crânio desde o côndilo "ocipital até a extremidade do inter- "maxilar	0,800	0,850	0,720	0,825
"Altura dos ossos nasais sôbre inter- "maxilar	0,130	0,160	0,290	
"Distância desde o côndilo ocipital até "a parte anterior nasal.....	0,650	0,600	0,600	

	Londres	Turim	Milão	Madrid
"Altura do osso frontal na extremidade "da apófise zigomática descendente	0,384	0,510	0,400	
"Distância desde o osso ocipital até a "apófise zigomática descente.....	0,400	0,440	0,410	
"Comprimento do bordo alveolar su- "perior	0,260	0,230	0,210	
"Altura do crânio nas alas esfenóides	0,328	0,328	0,300	
"Distância desde a ponta da apófise "zigomática descendente até o côn- "dilo ocipital	0,300	0,500	0,260	
"Distância desde a ponta da apófise "zigomática ascendente até a extre- "midade (los nasales)	0,376	0,350	0,340	
"Distância desde o mesmo ponto até a "extremidade do osso incisivo.....	0,540	0,420	0,520	
"Comprimento da parte do intermoxi- "lar que se prolonga adiante de (los "nasales)	0,128	0,120	0,140	
"Distância entre os dois bordos inter- "nos do terceiro molar superior..	0,052	0,050	0,060	
"Distância desde o bordo palatino su- "perior até o buraco ocipital.....	0,283			
"Distância entre os dois bordos exter- "nos do terceiro molar superior..	0,160	0,150	0,160	
"Distância entre os dois arcos zigomá- "ticos (face externa).....	0,350	0,430		
"Comprimento da mandíbula inferior..	0,680	0,630	0,720	0,630
"Altura máxima do ramo ascendente..	—	—	—	0,534
"Altura da rama horizontal debaixo dos "molares	0,240	0,230	0,220	
"Distância desde o primeiro dente da "mandíbula inferior até a ponta an- "terior da sínfise.....	0,230	0,240	0,250	
"Comprimento da omoplata.....	—	—	0,820	
"Largura máxima da omoplata.....	—	—	0,500	
"Comprimento da clavícula.....	—	—	0,410	
"Comprimento do úmero.....	—	—	0,610	
"Circunferência mínima do úmero na "diáfise	—	—	0,310	
"Comprimento do cúbito.....	—	—	0,580	
"Comprimento do rádio.....	—	—	0,580	
"Comprimento total do pé anterior....	—	—	0,640	
"Diâmetro transverso do pélvis.....	—	—	1.200	
"Diâmetro da cavidade catilóide.....	—	—	0,140	

	Londres	Turim	Milão	Madrid
"Comprimento do fêmur.....	—	—	0,650	
"Diâmetro máximo do fêmur na extre- "midade proximal	—	—	0,650	
"Circunferência máxima do fêmur de "900 a	—	—	—	
"Comprimento da tíbia e do perôneo..	—	—	0,500	
"Comprimento total do pé posterior..	—	—	0,800	
"Comprimento do calcâneo	—	—	0,410	
"Largura do calcâneo.....	—	—	0,180	

— Acreditamos, pois, que — à vista do exposto — o animal cujos restos acabamos de estudar, a despeito de ter sido de maior talhe que o indivíduo do Museu Nacional, tenha pertencido também à mesma espécie (**M. americanum**), o que é perfeitamente verosímil, principalmente se levarmos em conta o fato de que o **M. americanum** é a maior espécie do gênero.

Aliás, o Dr. Garibaldi Devincenzi, diretor do Museu de História Natural de Montevidéu, a quem enviamos fotografias e as medidas da tíbia encontrada no município de Pinheiro Machado, solicitando sua opinião a respeito da mesma, visto não dispormos de monografias ou de material comparativo, já classificado, assim nos respondeu:

"Comparada la pieza que le interesa con las que poseemos "en nuestro Instituto (fémur, tibia, rótula de **Megatherium**) "hemos llegado a la conclusión de que se trata de una tibia "de **Megatherium americanum** Blumenbach, concordando sus "medidas al milésimo con las de la pieza nuestra".

O Dr. Angel Cabrera, Chefe do Departamento de Paleontologia (vertebrados) do Museu da Universidade Nacional de La Plata, na Argentina, afirma também que a tíbia em questão "representa un huesto de **Megatherium**, muy probablemente **M. americanum**".

— À vista da perfeita concordância das opiniões acima e de tôdas as evidências já apontadas, cremos que já não podem haver mais dúvidas quanto à espécie a que pertenceu a tíbia recolhida ao Museu Estadual Júlio de Castilhos: **Megatherium americanum**, de Blumenbach.

— O Sr. Vicentino Prestes de Almeida descobriu, também, no Rio Grande do Sul, localidade do Marco Português, município de São Gabriel, diversas peças fósseis que pertenceram, sem dúvida, a um ou mais Desdentados da família dos Gravigrados.

Entre essas peças (Plancha XII), destacamos duas 2.as falanges, duas falanges ungueais (A e B), algumas vértebras (C, D, E) e um dente molar (F).

Convencionamos os seguintes sinais para as suas medidas (21):

A. A′ — Comprimento da face superior do osso.
A. L′ — Altura da trocléa.
A.′ C — Altura do osso na eminência piramidal.
A.′ L′ — Comprimento do bordo anterior do osso.
B. B′ — Diâmetro transversal da extremidade superior do osso.
C. C′ — Diâmetro antero-posterior, idem.
D. D′ — Diâmetro transversal da trocléa.
D.′ D′ — Comprimento máximo da superfície articular.
E. E′ — Diâmetro transversal da extremidade inferiror do osso.
E.′ E′ — Largura máxima do osso.
G. E′ — Largura máxima da superfície articular.
G. G′ — Diâmetro antero-posterior do côndilo interno.
H. H′ — Idem, idem, do côndilo externo.
K. K′ — Diâmetro transversal do osso.
L. L′ — Comprimento absoluto do osso.
M. M′ — Diâmetro antero-posterior do osso.

As medidas em questão são tomadas do seguinte modo:

A. A′ — Do ponto mais posterior do talon ao cume da eminência piramidal.
A. L′ — Da extremidade superior da trocléa ao ponto mais inferior dos côndilos, segundo o grande eixo do osso.

A.' C — Do cume da eminência piramidal ao ponto correspondente da face inferior.

A.' L' — Do cume da eminência piramidal ao ponto mais anterior da falange.

B. B' — Do ponto mais externo da crista ligamentosa externa ao ponto mais interno da protuberância interna da epífise superior.

C. C' — Do ponto mais anterior da crista ligamentosa anterior ao cume da protuberância posterior da cavidade glenóide interna.

D. D' — Do ponto mais inferior do bordo externo do côndilo externo ao ponto mais inferior do bordo interno do côndilo interno.

D.' D' — Do ponto mais posterior do bordo da superfície articular ao ponto mais anterior desta mesma superfície articular.

E. E' — Do cume da crista ligamentosa externa ao cume da crista ligamentosa interna.

E.' E' — Do ponto mais externo do corpo do osso ao ponto mais interno do corpo do osso.

G. E' — Do ponto mais externo do bordo da cavidade glenóide externa ao ponto mais interno do bordo da cavidade glenóide interna.

G. G' — Do ponto mais anterior ao ponto mais posterior do bordo do côndilo interno, seguindo uma horizontal.

H. H' — Do ponto mais anterior ao ponto mais posterior do bordo do côndilo externo, seguindo uma horizontal.

K. K' — Do bordo externo ao bordo interno, no meio do comprimento do osso.

L. L' — Do ponto mais saliente do bordo articular superior ao ponto mais inferior dos côndilos inferiores (para as 2.as falanges). Do ponto mais posterior do talon ao ponto extremo anterior (para as 3.as falanges).

M. M' — Da face anterior à face posterior, no meio do comprimento do osso.

— São as seguintes as medidas das peças em questão (Plancha XII):

Peça A: 2.ª falange:	Peça A: 3.ª falange:
L. L′ — 8 cms. ap.	L. L′ — 17,5 cms.
A. L′ — 1,3 cm.	A. A′ — 7,5 a 8 cms.
B. B′ — 6,8 cms.	A.′ L′ — 14,5 cms. ap.
C. C′ — 7,8 cms.	A.′ C — 5,5 cms.
D. D′ — 3,5 cms.	D.′ D′ — 4,5 cms.
E. E′ — 6,8 cms.	E.′ E′ — 6 cms.
G. G′ — 4,2 cms.	G. E′ — 5,5 cms.
H. H′ — 4 cms.	
K. K′ — 7 cms.	
M. M′ — 3,8 cms.	

Peça B: As medidas das 2.ª e 3.ª falanges excedem a um pouco mais da metade das anteriores.

Peça C: Comprimento máximo da vértebra da direita 12 cms.
Altura máxima da mesma (aproximada)..... 6,5 cms.
Comprimento máximo da vértebra da esquerda 8,8 cms.
Altura máxima da mesma..... 7 cms.

Peças D e E: representam a mesma vértebra, vista em duas posições:
Comprimeno máximo ..... 7,8 cms.
Altura ..... 7,8 cms.

As peças C, D e E são propriamente corpos de vértebras.

Peça F: dente molar:
Diâmetro antero-posterior máximo na coroa... 5 cms.
Diâmetro transversal, idem, idem..... 4,7 cms.

— O Dr. Angel Cabrera, Chefe do Departamento de Paleontologia (Vertebrados) do Museu da Universidade Nacional de La Plata, baseado em fotografias que lhe enviamos, por intermédio do Dr. Joaquim Frenguelli, diretor daquele Museu, diz que as peças em questão, exceto o dente, não parecem ser do gênero **Megatherium**, nem pelo tamanho, nem pela forma, mas que têm o aspecto de serem de algum Desdentado menor, talvez de um **Lestodon** ou de um **Glossotherium** (Plancha IX — 2).

Quanto ao dente (F), diz o Dr. Garibaldi J. Devincenzi, diretor do Museu de História Natural de Montevidéu, ser o seu tamanho exatamente o tamanho dos dentes do gênero **Megatherium**, concordando as medidas das 2.as e 3.as falanges com as medidas dos materiais da coleção daquele Museu.

Se nos basearmos nas opiniões supramencionadas, é evidente que devemos supor que os despojos recolhidos pelo Sr. Vicentino Prestes de Almeida no jazigo do "Marco Português" tenham pertencido a, pelo menos, dois indivíduos da família dos gravigrados, um maior (**Megatherium**), outro menor (talvez **Lestodon** ou **Glossotherium**).

Eis uma questão que ainda deverá ser esclarecida, futuramente, à vista de melhores informações a respeito das condições em que foram encontrados os despojos em questão e do respectivo jazigo, pois o Sr. Vicentino Prestes de Almeida, seu descobridor, nada revelou a tal respeito.

2 — Tribu HICANODONTA, Ameghino

Esta tribu reune os Desdentados couraçados ou Louricatas, isto é, os Gliptodontideos, em geral, e os Tatús, dos quais — segundo E. Pérrier — diversos gêneros existiam já no Paleoceno, especializados desde então pela ausência da dentição de leite e de dentes nos intermaxilares.

A carapaça protetora é formada por um grande número de placas ósseas, soldadas entre si e recobertas por uma película córnea. A cabeça e a cauda são também protegidas por placas idênticas. O sistema dentário dêsses devoradores de cadáveres e insetos tende a apresentar um maior número de dentes que o das preguiças; possuem pelo menos 7/7 M, simples, sem raízes e cobertos por uma delgada camada de esmalte. O arco zigomático é comumente completo. As suas vértebras têm tendência a se soldarem sob a carapaça; algumas das cervicais fundem-se em tôdas as formas. Nas espécies atuais (**Dasypodidæ**), a carapaça não se apresenta sob a forma dum escudo único, como nos **Glyptodontidæ**, **Scleroclyptidæ** e **Doedicuridæ**, mas é com mais frequência dividida em sólidas faixas transversais, anulares, imóveis nas regiões

escapular e pélvica, entre as quais existem faixas ou anéis transversais independentes, móveis, o que permite aos Tatús tomarem, em maior ou menor grau, a forma de bola (*); notam-se pêlos entre as placas ósseas da carapaça. O sacrum é longo e pesado.

"Êsses tipos armados de carapaça — diz Romer — (18) "parecem, à primeira vista, mui aberrantes. O que é curioso, "porém, é que são êles os mais antigos desdentados conhe-"cidos da América do Sul, pois são os únicos tipos represen-"tados nas camadas do Eoceno superior dêste continente. "Além disso, as tendências estruturais observadas nos **Palaea-"nodontes** (**) parecem conduzir mais diretamente aos tatús "que aos outros desdentados. Assim, parece provável que os "tatús representem o principal tronco dos xenarthras".

Os Gliptodontes, em geral (famílias Glyptodontidæ, Sclerocalyptidæ e Doedicuridæ), apresentam um complexo exoesqueleto, representado por uma forte carapaça dorsal, semiesférica ou alongada em oval, mui espessa e formada por placas óssea tetra, penta ou hexagonais, às vezes de uma polegada de espessura. Essas placas são de grande tamanho e apresentam em sua face externa ornamentos esculturados em relêvo ou tubérculos, tanto esparsos, como dispostos em roseta, sendo mais raramente lisas ou escavadas por fossetas, ornamentação essa que varia muito dum para outro gênero e duma para outra espécie, razão por que é utilizada na sistemática. Essas placas dérmicas eram solidamente unidas por sinostose, formando uma carapaça única, como a das Tartarugas, isso nos indivíduos adultos, nos quais as suturas às vezes desaparecem completamente, devido à soldadura completa das placas entre si; nos indivíduos novos, as placas são isoladas, apenas juxtapostas, e fixadas sôbre a pele. As placas apresentam às vezes, nos lados, fendas paralelas que,

---

(*) Entre os tipos atuais do Brasil, um dos mais notáveis é o **Tatú bola** ou **Tatú apara** (**Tolypeutes tricintus**), cuja couraça tem — segundo Ihering (Fauna do Brasil) — 3 ou 4 cintas. Tem a faculdade de se embolar completamente, quando atacado, escapando assim à sanha de seus inimigos.

(**) **Palaeanodon** (Eoceno inferior) e **Metacheiromys** (Eoceno médio) dos Estados Unidos.

segundo Zittel, indicam um vestígio de anéis móveis, como os da carapaça dos Tatús. Eram essas placas distribuídas em filas transversais, formando às vezes um mosaico irregular. As marginais diferem das outras na ornamentação. Desprovidos de plastrão ventral. O crânio e a cauda são também protegidos por uma armadura. Os ossinhos que formam a carapaça supracraniana são muito menores que os da carapaça dorsal e lisos. A cauda tanto é envolvida inteiramente por envólucro exo-esquelético, como alojada num estôjo composto por 9 ou 10 anéis móveis, anéis êsses compostos, por sua vez, por duas ou três séries de pequenas placas, guarnecidas de pontas ou mais ou menos lisas, cuja forma e aspecto variam com as espécies. O comprimento da cauda varia de gênero para gênero. A carapaça dorsal é soldada à coluna vertebral. Adaptando-se ao suporte de tão pesada carapaça, o endo-esqueleto sofre algumas modificações notáveis, principalmente no sistema vertebral. Entre as vértebras, apenas o atlas é sempre livre, pois a maioria das outras se anquilosam em geral, de modo que a coluna vertebral não apresenta senão duas ou três articulações. As duas primeiras vértebras dorsais formam um só osso que Huxley denominou "osso trivertebral" que se articula com o resto da coluna dorsal, constituída duma só peça; as duas vértebras lombares, as vértebras sacras e as caudais são soldadas entre si, formando, assim, um terceiro segmento vertebral. Segundo Pouchet, o pescoço apresenta também uma particuaridade notável: muitas de suas vértebras cervicais são também soldadas entre si, de modo que o animal podia, talvez, esconder a cabeça sob a carapaça, disposição essa que, em troca, deveria ser muito incômoda para a pastagem. A forma do crânio é mui particular: é êle globuloso, pequeno, mui alto e comprimido, de curta região facial, sendo os ossos nasais mui pequenos. A sua arcada zigomática ou jugal apresenta uma apófise descendente mui forte e mais longa que a dos Megatherium. O círculo orbitário é quase completo. O ramo montante da mandíbula, que forma com esta um ângulo agudo, de uns 80° e poucos graus, é mui alto e o seu côndilo é tão elevado quanto a apófise coronóide. O ângulo do ramo

montante eleva-se ao nivel da superfície triturante dos dentes. Êsses dentes são de coroa elevada e de polpa persistente; são semelhantes entre si e de estrutura mais complicada que os dos Tatús e um tanto parecidos com os de certos Roedores. Têm a forma de colunas trilobadas, pois apresentam três lóbulos transversais, resultantes de dois sulcos que avançam até quase um têrço do diâmetro transversal do dente (Plancha X — E). Êsses sulcos apresentam-se tanto do lado externo (aboral) como do interno (oral), ficando uns e outros opostos, na mesma linha transversal. A superfície de usura dos dentes é plana, apresentando um desenho característico, formado pelo marfim e pelo cimento, desenho êsse que tem a figura duma cruz composta de três ramos transversais, correspondentes aos três lóbulos dispostos no sentido da ranhura alveolar. O eixo longitudinal de cada dente é ocupado por uma faixa saliente de vasodentina que, em alguns gêneros, envia ramos a cada um dos lóbulos. A camada de esmalte que cobre ordinariamente os dentes é delgada e pouco diferente da matéria óssea. Clavícula ausente, em contraste com os demais Desdentados. Patas maciças e curtas, em forma de pilares, terminadas por garras semelhantes a cascos e lembrando as do Elefante, com número variável de dedos. São as anteriores mais curtas e menos maciças que as posteriores, que são curtas e pesadas. Os ossos carpianos alternam unicamente duma para outra série. O úmero é provido ou não de forâmen entepicondiloideo. Tíbia e perôneo soldados nas extremidades (epífises). Bacia volumosa, sendo o ilion divergente, perpendicular ao eixo do corpo e dirigido para cima, enquanto o isquion é mui dilatado, servindo um e outro de suporte à carapaça.

Êsses Desdentados, que deixaram restos abundantes na América do Sul e que se estendem também até o México e sul dos Estados Unidos (Plioceno e Pleistoceno), são ricos em gêneros e espécies, cujo talhe varia entre o do Rinoceronte e o dos Tatús atuais, e repartem-se, segundo a natureza da carapaça, a forma da cauda e outros caracteres secundários, em três famílias: **Glyptodontidæ, Sclerocalyptidæ** (= **Hoplophoridæ**) e **Doedicuridæ.** O notável tubo caudal, que difere

muito em aparência e feitura dum gênero para outro e que é comumente tomado como base principal de distinção genérica, apresenta, porém, caracteres de menor valor classificativo que algumas outras partes do esqueleto.

Abundam principalmente no Pampeano e no Pleistoceno, sendo as três famílias representadas nos terrenos pleistocenos do Brasil por diversos gêneros e espécies.

Eram herbívoros e nutriam-se de gramíneas e fôlhas de árvores, como os Ongulados atuais. A sua extinção data do fim do Pleistoceno, que testemunhou também o fim da maior parte dos mamíferos terciários do nosso hemisfério.

— Êste grupo de Desdentados couraçados é mui antigo e deriva, sem dúvida, de primitivas formas terciárias sul-americanas que apareceram primeiro no Oligoceno e eram bem representadas no Mioceno da América do Sul (Santacruzense — Patagônia). Êsses armadilhos mais antigos (**Asterostema, Palaeohoplophorus**), precursores, eram de pequeno talhe, em comparação com os membros mais recentes do grupo, mas eram de maior talhe que a maioria dos tatús atuais. Eram primitivos, em relação aos Gliptodontes pampeanos e pleistocenos e apresentavam certas semelhanças com os tatús, como o crânio relativamente longo, mais normal que o dos Gliptodontes, os dentes de coroa baixa e mais ou menos semelhantes, de fórmula dentária idêntica à dos Gliptodontes. Apófise jugal mais curta. As placas de sua carapaça apresentavam ornamentação mui semelhante à das placas dos Gliptodontes, mas a combinação da maioria das anteriores em maior ou menor número de filas transversais de placas imbricadas, comparáveis às placas das faixas móveis do tatú, denota a sua posição intermediária entre os tatús de carapaça móvel e os Gliptodontes de carapaça rígida, como a das Tartarugas.

Segundo Scott (17), o número de filas transversais móveis, nesses primitivos Desdentados couraçados, não é mesmo sempre idêntico dum para o outro lado, no mesmo indivíduo.

"Não se teria imaginado um exemplo de evolução mais "típico, diz Boule (23): é êste exatamente o estado no qual "a carapaça está em vias de perder tôda a mobilidade".

"Em resumo, diz Scott (17), os gliptodontes de Santa "Cruz afastam-se muito menos dos armadilhos que dos gê-"neros do Plioceno e Pleistoceno, e, numa certa extensão, "cobrem a lacuna entre as duas sub-ordens. Tão antiga "convergência constitue uma mui forte evidência para a co-"munidade de origem dos dois grupos".

"Os gliptodontes das mais antigas formações, pelo que "são conhecidos, mostram-nos pouca relação com as fases "de modificação dêsses extraordinários animais, por causa "de sua condição fragmentária. A mais antiga formação em "que foram descobertos representantes da sub-ordem é o an-"dar de Musters, que pode ser Oligoceno ou Eoceno superior. "Em face dos antecendentes, portanto, os gliptodontes não "são tão antigos como os armadilhos".

Segundo ainda o mesmo autor, alguns dos gêneros primitivos do Santacruzense, como os **Asterostema** e **Palaeohoplophorus**, de Fl. Ameghino, podem ser considerados como os ancestrais dos Gliptodontes pampeanos, a julgar pelos caracteres de seu crânio, dos ossos dos membros e de sua carapaça, enquanto que outros, como **Eucinepeltus** e **Cochlops**, de Ameghino, (**C. muricatus** Ameghino) ter-se-iam extinguido no fim do Mioceno, sem deixarem descendentes.

No Plioceno, foram atingidos o grande talhe e a estrutura gliptodontia característica.

A — Família Glyptodontia

Carapaça arqueada, de escultura em relêvo, formada por tubérculos em rosetas penta ou hexagonais, mui regulares, cuja forma é invariável em tôda a superfície da couraça. Cauda curta, metida num invólucro protetor, formado por uma série de anéis de tubérculos espinhosos. Membros posteriores mais longos que os anteriores.

Fazem parte desta família os gêneros **Glyptodon** Owen, **Glyptotherium** Osborn (Texas), **Propalæohoplophorus**, **Cochlops**, **Eucinepeltus** e **Neothoracophorus** (= **Thoracophorus elevatus**), os quatro últimos de Ameghino.

Glyptodon (dente esculpido) Owen (= **Orycterotherium, Chlamydotherium** Bronn; **Pachypus** d'Alton; **Lepitherium** Geoffroy; **Schistopleuron** Nodot; **Pachytherium, Ocnotherium** Lund). Carapaça hemisférica, composta de placas ósseas rugosas, espêssas, ornadas em sua face externa com um sulco central circular, do qual partem para a periféria 5 a 10 (ou mais) sulcos radiados simples e retilíneos. Os espaços em relêvo, situados entre êsses sulcos, bem como o disco central (que é côncavo ou plano, geralmente mui nítido), apresentam, segundo as espécies, rugosidades ornamentais. Nos sulcos, principalmente no sulco central circular, desembocam canais verticais, em número de quatro, geralmente, podendo ser mais numerosos. Próximo do bordo da carapaça, as placas eram dispostas em séries transversais confusas, enquanto que no meio da carapaça formavam elas um mosaico irregular. A ornamentação de todo o bordo da carapaça era feita por grandes placas de pontas cônicas, que não tinham, como as demais, a forma de roseta.

"Em alguns indivíduos, que Lydekker considera como jo-"vens, escreve Boule (23), o tecido ósseo das placas é menos "compacto, menos denso, e essas placas têm, no contôrno, "um aspecto mais radicado".

"Certas placas de animais adultos apresentam uma orna-"mentação mais irregular, na qual o disco central não é maior "ou melhor delimitado que os setores periféricos, sendo todos "os sulcos igualmente largos e profundos; daquí resulta um "aspecto reticulado".

Esta forma é considerada por Lydekker como uma variedade.

O crânio é curto, truncado adiante, e coberto por pequenas placas ósseas lisas. A cauda, relativamente curta, cilíndrica, é envolvida por uma bainha composta por 9 a 10 anéis móveis, sendo cada um dêsses anéis compostos por duas a três séries de pequenas placas; as placas da série média ou posterior de cada anel são mais fortes e ornamentadas no tôpo e lados da cauda por tubérculos cônicos, proeminentes, que teriam sido cobertos, em vida, por espinhos córneos, agudos e pouco mais longos, de modo que a cauda devia ser eriçada

de espinhos. Ossos nasais mui pequenos; arco jugal com forte apófise descendente. Molares trilobulados, com os três ramos da vasodentina central ramificados para cada um dos lóbulos. Úmero desprovido de forâmen entepicondiloideo. Mão tetradáctila, faltando-lhe o dedo externo, sendo o interno pequeno e os três dedos médios munidos de longas e fortes garras. Pé pentadáctilo, sendo todos os artelhos providos de garras curtas e embotadas.

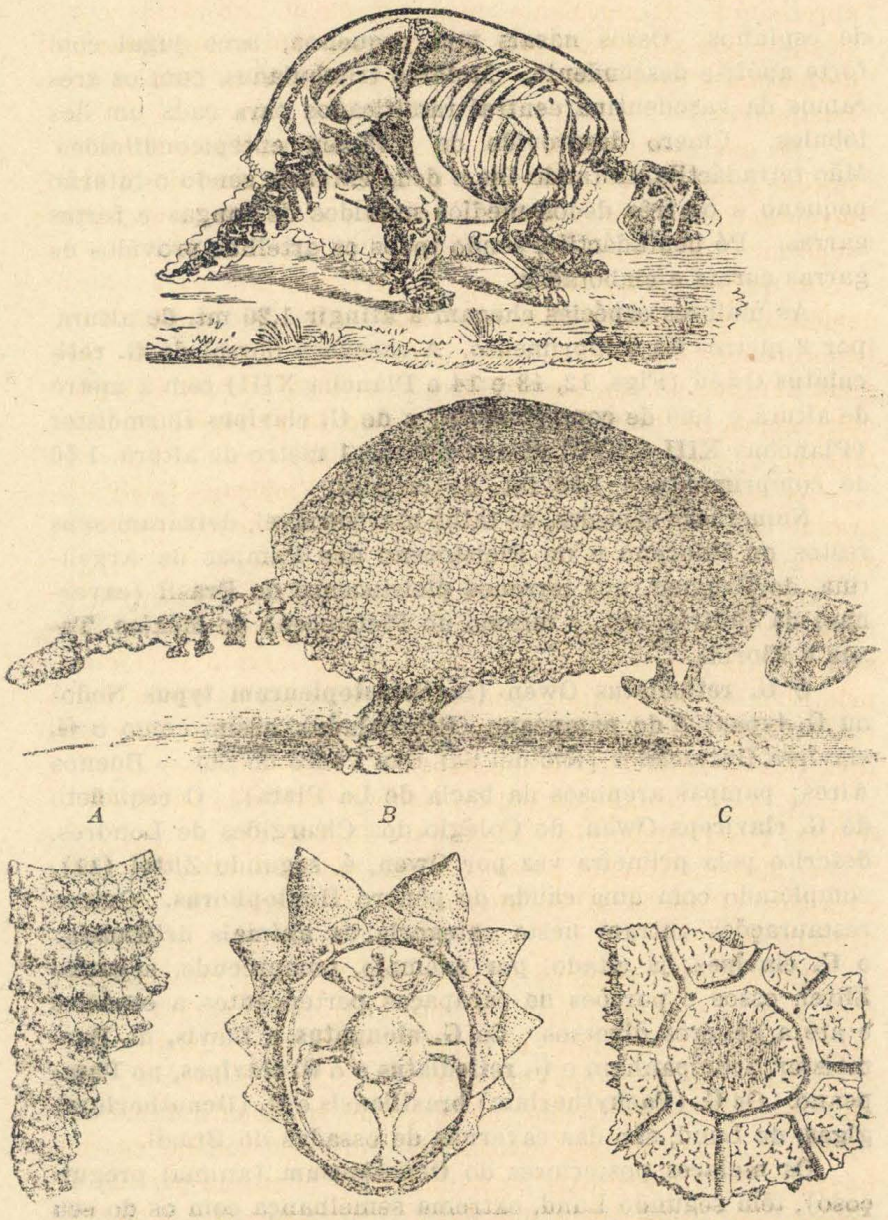
As maiores espécies chegam a atingir 1,20 mt. de altura, por 2 metros de comprimento. A carapaça dorsal do **G. reticulatus** Owen (Figs. 12, 13 e 14 e Plancha XIII) tem 1 metro de altura e 1,60 de comprimento; a do **G. clavipes** Burmeister (Planchas XIII e XIV) atinge mesmo 1 metro de altura, 1,50 de comprimento e 1,30 mt. de largura.

Numerosas espécies, de talhe mui variável, deixaram seus restos no Plioceno e no Pleistoceno dos Pampas da Argentina, do Uruguai, nos terrenos pleistocenos do Brasil (cavernas) da Bolívia, etc., e mesmo no Pleistoceno do México, Texas e Florida.

O **G. reticulatus** Owen (= **Schistopleurum typus** Nodot ou **G. typus**) é do pampeano (Rio Salado), assim como o **G. clavipes** Burmeister (Rio del Sal, San Pedro do Sol — Buenos Aires; pampas arenosos da bacia de La Plata). O esqueleto do **G. claviceps** Owen, do Colégio dos Cirurgiões de Londres, descrito pela primeira vez por Owen, é, segundo Zittel (11), completado com uma cauda do gênero **Hoplophorus.** Outras restaurações entram nesta categoria de animais artificiais: o **G. clavipes,** já citado, por exemplo, compreende, segundo Zittel, ossos e porções de carapaças pertencentes a espécies e até a gêneros diversos. Os **G. elongatus** e **Lœvis,** de Burmeister, acompanham o **G. reticulatus** e o **G. clavipes,** no Pampeano. Os **G. (Pachytherium) brasiliensis** e **G. (Ocnotherium) gigas,** de Lund, são das cavernas de ossadas do Brasil.

Os molares posteriores do **Ocnotherium** (animal preguiçoso), têm segundo Lund, extrema semelhança com os do seu gênero **Chlamydotherium** (Lund, não Brom), dos quais só podem ser diferençados por uma atenta análise anatômica.

"Como os dentes de todos os tardigrados — diz Lund —



Figs. 12, 13 e 14 — **Glyptodon reticulatus** Owen (= **Schistopleurum typus** Nodot ou **G. typus**). Formação pampeana. Rio Salado, República Argentina. Esqueleto restaurado (endo-esqueleto), sem a carapaça (Burmeister). Idem, com a carapaça (exo ou dermato-esqueleto) (Gaudry). A, tubo caudal ($^1/_{12}$ tamanho natural); B, uma vértebra caudal, com as placas do tubo caudal que a encerram ($^1/_8$ gr. nat.); C, uma placa da carapaça ($^2/_3$ gr. natural). A fig. 12 representa os $^1/_{26}$ do tamanho natural (de Zittel — "Traité de Paléontologie")

"apresentam exteriormente uma camada de substância cor-
"tical, de que são totalmente privados os dentes dos **Chlamy-**
"**dotherium** e os de todos os grupos genéricos da família dos
"Dasipodideos".

"Os dentes anteriores são, pelo contrário, muito diferen-
"tes das peças correspondentes da armadura bucal dos **Chla-**
"**mydotherium.** Parece-me que êste tipo apresentava na parte
"superior da bôca grandes defesas".

A denominação específica — **Ocnotherium gigas** — é devida ao grande tamanho que tinha êste tipo (talhe dum Rinoceronte) que Lund confundiu com os tardigrados. Alguns autores, porém, acreditam que o **Ocnotherium (Glyptodon) gigas,** de Lund, seja sinônimo do **G. clavipes,** de Burmeister.

As espécies **G. petaliferus** Cope e **G. Floridans** Leidy, de grande talhe (Rinoceronte), deixaram restos pouco numerosos no Pleistoceno do México, Texas e Florida.

As carapaças dos Gliptodontes são muitas vezes encontradas inteiras e separadas dos ossos da espinha dorsal que se soldam à sua face interna; parecem ter servido ao homem primitivo sul-americano, como abrigo, à quisa de tenda, contra o vento e contra as intempéries, para o que o solo que lhes ficava subjacente era escavado.

— O Rio Grande do Sul foi também habitado por Gliptodontes, possivelmente no Plioceno e Pleistoceno.

O Museu Estadual possue, em sua coleção, uma placa da carapaça (Plancha XIV) que pertenceu a uma das maiores espécies do gênero.

Tal placa é hexagonal; do seu sulco central circular partem, para a periferia, 7 sulcos retilíneos que separam outros tantos espaços em relêvo, de superfície rugosa e dipostos, com o disco central, também em relêvo, em forma de roseta. Nota-se num dos seus bordos, um pequeno fragmento duma das placas que lhe ficavam adjacentes. No sulco central desembocam 5 canais verticais, exatamente no ponto de partida de outros tantos dos sulcos que dêle se irradiam para a periferia; um dêsses sulcos radiados apresenta, também, um canal idêntico.

A peça em questão mede 5,5 cms. de diâmetro máximo, por 3 cms. de espessura e corresponde a um indivíduo da espécie **G. clavipes** Owen.

— O mesmo Museu possue também um conjunto de placas (Plancha XIV) que nos parece pertencer à mesma espécie e que — segundo consta — foi descoberto em S. Gabriel. A espessura dessas placas é de 2,5 cms.

Extensão geográfica dos Gliptodontes

Estes Desdentados, cujo pátria parece ter sido a América do Sul, deixaram restos abundantes no limo dos Pampas (**Glyptodon, Thoracophorus, Hoplophorus, Lomaphorus, Panochthus, Doedicurus**) (Plancha XIII) e nas cavernas de ossadas do Brasil. Habitavam tôda a América do Sul e, embora mais raramente, têm sido encontrados também restos na América do Norte (México e sul dos Estados Unidos). Os **Glyptodon** da América do Norte parecem diferir, entretanto, especificamente, senão genericamente, dos da América do Sul, si bem que sejam, sem dúvida, próximos parentes dêstes e que seus restos sejam encontrados quase sempre juntos com ossos de **Megalonyx** e **Mylodon** que, como o **Glyptodon**, são originários da América do Sul, donde imigraram, durante o Plioceno, através da América Central. Os Gliptodontideos viveram no Terciário (principalmente Plioceno) e no Pleistoceno, como bem demonstram seus restos fósseis, tendo desaparecido da América do Norte, quando começou lá o último período glaciário.

II — ORDEM UNGULATA

Os Ongulados formam uma ordem ou um grupo superior de mamíferos adaptados à marcha. O característico principal dos Ongulados é terem os dedos terminados por cascos que envolvem completamente as falanges ungueais. São plantigrados, digitigrados ou onguligrados. Membros altos, terminados por dedos em número inferior a 5. O regime é ordinariamente herbívoro, mais raramente onívoro (Porcíneos). Os Ongu-

lados são, em geral, de grande talhe, encerrando os maiores animais terrestres da classe. Fórmula dentária: 3/3 I; 1/1 C; 4/4 Pm; 3/3 M, isto é, completa, nas formas primitivas, e mais ou menos reduzidas, nos tipos atuais.

No tempo de Cuvier, e segundo a sua classificação, os Ongulados eram subdivididos em duas sub-ordens diferentes das atuais: **Paquidermes** e **Ruminantes.**

Considerando, porém, as formas fósseis, os naturalistas abandonaram mais tarde a antiga subdivisão cuvieriana, porque foram encontrados, nas camadas geológicas, restos de numerosos intermediários entre aqueles dois grupos de Cuvier.

Outros mamalogistas não admitem subdivisões na ordem mas há ainda os que a subdividem em dois grupos: **Perissodáctilos** (dedos em número impar) e **Artiodáctilos** (dedos em número par).

Às sub-ordens dos Perissodáctilos e Artiodáctilos, mui naturais, sobretudo quando se têm em conta as formas fósseis, foram propostas por R. Owen, em 1847, e adotadas pela maioria dos zoologistas e paleontologistas. Os Perissodáctilos ou Imparidigitados correspondem aos "Paquidermes herbívoros" de Cuvier, isto é, aos gêneros **Rhinoceros, Tapir, Equus** e aos gêneros fósseis que dêles se aproximam (**Acerotherium, Lophiodon, Palaeotherium,** etc., etc.).

Da sub-ordem dos Perissodáctilos excluem-se geralmente os Elefantes, embora tenham estes também dedos ou cascos em número impar, formando-se com êles uma sub-ordem ou ordem à parte, sob o nome de **Proboscidea.**

Outros naturalistas, ainda, principalmente os paleontologistas, a exemplo de Zittel, subdividem os Ongulados em 8 sub-ordens, a saber:

UNGULATA	Sub-ordem 1:	**Condylarthra** (4 famílias)
	Sub-ordem 2:	**Perissodactyla** (7 famílias)
	Sub-ordem 3:	**Artiodactyla** (10 famílias)
	Sub-ordem 4:	**Amblypoda** (3 famílias)
	Sub-ordem 5:	**Proboscidea** (2 famílias)
	Sub-ordem 6:	**Toxodontia** (4 famílias)
	Sub-ordem 7:	**Typotheria** (2 famílias)
	Sub-ordem 8:	**Hyracoidea.**

Artur Smith Woodward, porém, na última edição inglesa do Tratado de Paleontologia de Zittel (11), consigna apenas 5 sub-ordens:

- UNGULATA
  - Sub-ordem 1: **Condylarthra**.
    - Mioclaenidæ
    - Pteriptychidæ
    - Phenacodontidæ
    - Meniscotheriidæ
    - Pleuraspidotheriidæ
  - Sub-ordem 2: **Litopterna**....
    - Bunolitopternidæ
    - Macraucheniidæ
    - Proterotheriidæ
    - Adantidæ
  - Sub-ordem 3: **Perissodactyla**
    - Tapiridæ
    - Rhinocerotidæ
    - Equidæ
    - Titanotheriidæ
    - Chalicotheriidæ
  - Sub-ordem 4: **Artiodactyla**..
    - Tribu Bunodontia
      - Suidæ
      - Leptochoeridæ
      - Hippopotamidæ
    - Tribu Bunoselenodontia
      - Anthracotheriidæ
      - Anoplotheridæ
      - Dichobunidæ
    - Tribu Selenodontia
      - Xiphodontidæ
      - Caenotheriidæ
      - Agriocheridæ
      - Camelidæ
      - Tragulidæ
      - Hypertragulidæ
      - Cervicornia
      - Antilocapridæ
      - Cavicornia
  - Sub-ordem 5: **Amblypoda**...
    - Pantolambdidæ
    - Coryphodontidæ
    - Dinoceratidæ

Esta ordem é representada desde os primeiros tempos do período Eoceno, por formas primitivas, que diferiam muito

pouco das formas que constituem o tronco dos Insetívoros, dos Carnívoros primitivos (Creodontes) e das formas originárias dos Primatas. Êsses Ongulados primitivos não eram, pois, verdadeiros ongulados mas formas que devem ser consideradas como ancestrais dos Ongulados. As formas mais primitivas eram pentadáctilas, mais ou menos plantigradas, onguiculadas.

Baseando-se na estrutura dos membros, Cope distinguiu 4 grupos de Ongulados: **Taxeopoda, Proboscidea, Amblypoda** e **Diplarthra.**

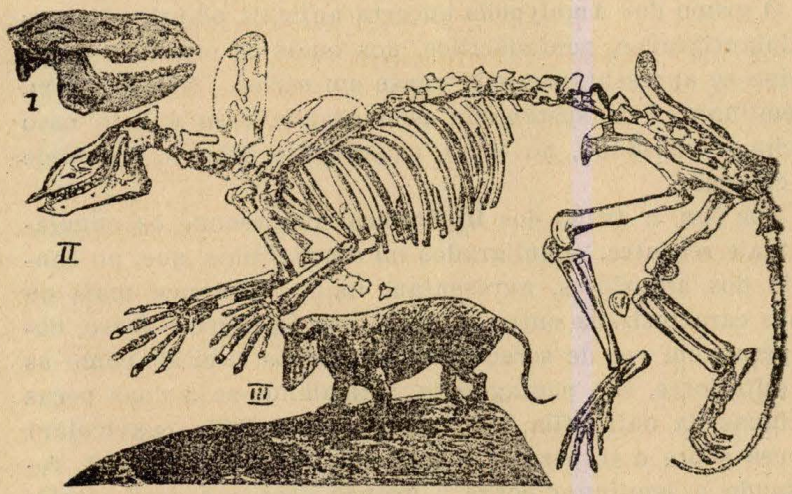


Fig. 15 — **Condylarthras.** — I, crânio de **Hyopsodus**; II e III, esqueleto e restauração do **Phenacodus primævus.** O Hypopsodus é classificado diversamente pelos autores entre os Prosimios, os Insetívoros e Condylarthras.

O grupo dos **Taxeopoda** compreende animais penta ou tridáctilos, cujos elementos do carpo e tarso não alternam com os da fila contígua, sendo dispostos em séries contínuas, no prolongamento dos metacarpianos e metatarsianos. No carpo, o trapezóide suporta o central e o escafóide, sendo o semilunar sustendado pelo grande osso e o cuneiforme, pelo osso crochu. No tarso, o escafóide sustenta o astrágalo, que geralmente não chega a tocar no cubóide. A essa disposição primitiva do carpo e tarso deu Cope o nome de **condylarthria.** A êste grupo pertencem os **Condylarthra** Cope (**Mesodactyla**

Marsh) e também os **Hyracoidea** atuais (*) e fósseis (Fig. 15). A forma aberrante e adátiva dos **Sirenianos** aproxima-se, neste sentido, dessas formas de caracteres primitivos.

O grupo dos **Proboscidea**, mais ou menos aproximado dos Taxeopodos, pela conformação do seu carpo e tarso, compreende animais pentadactilos, semiplantigrados. No seu carpo, o osso crochu sustenta exclusivamente o cuneiforme, sendo o semilunar quase exclusivamente sustentado pelo grande osso. O central existe unicamente nos indivíduos novos. No tarso, o escafóide sustenta unicamente o astrágalo que sôbre êle repousa, por sua face distal, truncada.

O grupo dos **Amblypoda** encerra animais plantigrados ou semiplantigrados, pentadáctilos, nos quais os ossos do carpo e tarso se apresentam ainda quase em séries. Nêles, porém, o semilunar é já sustentado pelo grande osso e pelo osso chochu, repousando, no tarso, o astrágalo sôbre o escafóide e o cubóide.

Por fim, o grupo dos **Diplarthra** compreende os ongulados mais recentes, onguligrados ou digitigrados, que, ao contrário dos anteriores, apresentam uma alternança mais ou menos caracterizada entre as duas filas do carpo e tarso, cujas peças, em vez de serem mais ou menos cubicas, como as dos anteriores, são pentagonais, articulando-se a duas peças contíguas da outra fila. No carpo, o escafóide (navicular) repousa sôbre o trapezóide e o grande osso (capitatum), repousando o semilunar sôbre o grande osso e o osso crochu (hamatum). No tarso, o astrágalo, de trocléa côncava, articula-se ao mesmo tempo, distalmente, com o escafóide e o cubóide. A esta disposição, que se nota principalmente nos **Artiodáctilos** e **Perissodáctilos**, deu Cope o nome de **diplarthria.**

— Segundo Édmond Pérrier, "os Condylarthra de Cope foram, depois, dissociados e êsse têrmo, tomado hoje num sentido mais restrito, compreende somente as formas que, pela predominância de seu dedo médio, têm uma afinidade mais estreita com os **Perissodáctilos** e com algumas outras

(*) Os **Hyrax** (Teixugos) são mui vizinhos dos Perissodáctilos, a despeito de sua aparência de Roedores.

formas vizinhas, extintas (**Amblypodos, Ancilopodos**), dos quais devem ser considerados como os precursores. A evolução dêsses tipos extintos é em maior parte norte-americana".

— Enquanto que os Perissodáctilos ligam-se, por alguns caracteres particulares, aos Condylarthra, os Artiodáctilos não têm com êles nenhuma relação de parentesco. Aliás, os Artiodáctilos e Perissodáctilos separaram-se muito cedo, talvez ainda no Secundário superior ou Terciário inferior, sendo-nos desconhecidas as formas troncos, comuns a essas duas linhas genealógicas.

Enquanto que os mais antigos e primitivos Perissodáctilos que se conhecem datam do Eoceno inferior da Europa (**Hyracotherium**), somente no Eoceno médio da Europa e América do Norte constatamos o aparecimento dos Artiodáctilos, com formas que lembram, por um lado, os Suídeos, e, por outro, os Ruminantes. Essas formas primitivas de Artiodáctilos, reunidas na sub-ordem **Bunoselenadontia,** por apresentarem, umas, sistema dentário **bunodonte,** como o dos Suídeos, e, outras, **selenodonte,** como o dos Ruminantes, foram, mui provavelmente, ancestrais dêsses dois grupos atuais.

— No Terciário da América do Sul, verificou-se a evolução dum grupo todo particular de Ongulados, característico da parte meridional do Novo Continente, isto é, o grupo dos **Notongulados** (**Toxodontideos, Typotherideos,** etc., etc.), que apresenta, pelo carpo, constituído de elementos alternados, e pelo tarso, notavelmente seriado, uma curiosa mescla de caracteres próprios dos Taxeópodos e dos Diplarthra, sendo intermediário, nesse sentido, entre estes dois grupos. As formas mais antigas apareceram no Terciário inferior da América do Sul, tendo o grupo terminado sua evolução no Pleistoceno.

Os Ongulados fósseis até agora conhecidos no Rio Grande do Sul relacionam-se apenas à

Sub-ordem **PERISSODÁCTYLA,** Owen (**Mesaxonia** Marsh)

Ongulados de dedos ímpares ou pares (10), passando o eixo do membro sempre pelo terceiro dedo que é o predomi-

nante e que às vezes é o único (pata mesaxônica). Ossos do carpo e tarso alternantes. Dentadura em geral completa, com molares (M) lofodontes, mais raramente bunodontes. Fêmur com terceiro trocanter. Perôneo não articulado com o calcanuem.

— Os Perissoldáctilos descendem dos **Condylarthra** de Cope, isto é, dos Ongulados primitivos do mais antigo Terciário, principalmente do **Phenacodus** (Fig. 15).

Em 1870, Storr criou, para o gênero **Equus**, uma ordem, sob o nome de **Jumentados** a que, depois, Gervais propôs juntar os Ongulados não ruminantes, exceto os Elefantes e Porcíneos, isto é, os **Perissodáctilos** dos zoologistas e paleontologistas atuais ou os antigos **Paquidermes** e **Solípedes** de Cuvier.

Os Perissodáctilos são atualmente pouco numerosos, não sendo conhecidos mais de 20 espécies vivas, que se distribuem em 3 grupos mui diferentes entre si (**Tapir, Rinoceronte** e **Equídeos**).

A — Família Equidæ Gray

Crânio alongado, sem cornos, com ossos nasais projetados livremente. Dentição completa (3/3 I; 1/1 C; 4/4 ou 3/3 Pm; 3/3 M). Incisivos em forma de cinzel, atravessados interior e longitudinalmente por uma escavação obliterada por cimento. Caninos rudimentares, nas formas atuais. Nas formas geológicas mais antigas, os premolares são menos complexos do que os molares; nos tipos mais recentes, são molariformes. Os premolares e molares apresentam uma plataforma que mostra o corte ou desgaste de 4 tubérculos, mais ou menos selenodontes; têm o fuste mui elevado, para compensar seu rápido desgaste. Mãos tetra, tri ou monodáctilas; pés tri ou monodáctilos.

A família Equidæ subdivide-se em quatro subfamílias: **Hyracotherinæ** Cope, **Palæotheriinæ** Gerard, **Anchitherinæ** Leidy e **Equinæ**, das quais somente a última tem representantes fósseis na América do Sul.

Subfamília **Equinæ**

Órbitas perfeitamente delimitadas, fechadas atrás. Molares mais ou menos hipsodontes, apresentando sempre muito cimento. Primeiro premolar reduzido, fraco, faltando frequentemente, sendo os outros semelhantes aos molares. Molares superiores de tubérculos intermediários alongados, em forma de crescente. Primeiro tubérculo interno largo, desenvolvido em forma de pilar basal; segundo tubérculo pequeno. Premolares e molares inferiores com largo pilar interno, desenvolvido em forma de duplo laço até o ponto de união de cada crescente. Incisivos em forma de cinzel, com esmalte na coroa. Rádio e cúbito fundidos, sendo êste muito delgado na extremidade distal. Úmero com pequena tuberosidade bífida. Mão e pés tri ou monodáctilos, com metapodos laterais delgados e rudimentares, tanto providos de curtas falanges laterais, dirigidas para trás (formas fósseis), como reduzidos distalmente a simples estiletes ósseos pontudos (formas atuais), invisíveis exteriormente.

Os Equinæ são representados por diversos tipos fósseis no Mioceno médio e superior, no Plioceno e Pleistoceno da América do Norte. No continente euroasiático e África do Norte, êles ocorrem nos sedimentos pliocênios e pleistocênios. Na América do Sul, os tipos fósseis parecem datar do Pleistoceno ou, talvez, do Plioceno superior.

Equus Linneu. Incisivos com escavações. Premolares e molares mui aprofundados, prismáticos, abertos em baixo nos indivíduos jovens, de fuste elevado, sem raízes separadas. O primeiro premolar superior é mui pequeno, em forma de cavilha, sendo raramente presente. O desenho dos molares é complicado. Ambos os cones internos são ligados com os tubérculos intermediários por um curto declive; protocone muito mais robusto que o hipocone e comumente elíptico, formando nos malores superiores uma coluneta arrendondada e isolada, nas formas primitivas, ou alargada longitudinalmente, nas formas mais modernas. Os molares inferiores são bem mais estreitos que os superiores. Cimento abun-

dante. No carpo não existem o trapézio nem o quinto metacarpo. Nas quatro patas, os metapodianos laterais são representados por delgados estiletes ósseos, sem uso, invisíveis exteriormente.

"Êste gênero — diz Remy Pérrier (16) — encerra, entre "outras espécies, o Cavalo (**E. caballus**) que não é represen-"tado no estado selvagem senão por indivíduos fujões, isto é, "tornados novamente selvagens (América do Norte e do Sul, "Sibéria). Os cavalos selvagens da Sibéria (Tarpans) são "interessantes porque se assemelham duma maneira notável "com os cavalos primitivos, gravados pelos homens paleolí-"ticos; também êste é o caso do **E. Przewalskii,** dos desertos "da Ásia Central, que é talvez verdadeiramente selvagem; os "Asnos (**E. asinus**) compreende o **Onagre** (**E. onager**) e o "**Hemione** (**E. hemionus**); as Zêbras (**E. Zebra**), da África, "etc.".

— Grande é o número de paleontologistas que têm estudado com atenção a Paleontologia e a Filogenia do Cavalo. As formas paleontológicas transitórias entre os Cavalos atuais e os mais antigos Perissodáctilos são tão numerosas, concatenam-se tão bem que, sob o ponto de vista paleontológico e filogenético-transformista, a história geológica do Cavalo é, sem dúvida, das mais conhecidas e instrutivas, qualificando-a mesmo Max Weber de fascinante.

Podemos, talvez, buscar as formas ancestrais mais antigas entre os **Condylarthra** de Cope, do Eoceno inferior da América do Norte e da Europa, como os gêneros **Tetraclænodon** Scott (= **Protogonia** Cope ou **Euprotogonia** Earle), tipo primitivo, de extremidades delgadas, vizinho dos Creodontes (carnívoros primitivos), e **Phenacodus** Cope, derivado, talvez, do primeiro.

Devemos lembrar, porém, que essa genealogia é já hoje objeto de muitas controvérsias.

As principais formas fósseis são as seguintes:

Tetraclænodon (Eoceno inferior) — 5 dedos.
Phenacodus (Eoceno inferior) — 5 dedos.
Hyracotherium (Eoceno inferior) — 4 dedos na mão e 3 no pé.

Pachynolophus (Eoceno médio e superior) — 4 dedos e 1 metacarpiano.

Palæotherium, Mesohippus (Eoceno superior e Oligoceno) — 3 dedos e 1 metacarpiano.

Anchitherium (Eoceno, Mioceno) — 3 dedos.

Protohippus, Hipparion (Mioceno superior e Plioceno) — 3 dedos, dos quais só o médio atinge o solo.

Equus (Plioceno ao Pleistoceno) — 1 dedo e 2 metacarpianos.

"A evolução do Cavalo — diz Remy Pérrier (16) — "pode dar uma idéia das complicações que realiza muitas "vezes a história evolutiva dum grupo. Êle liga-se a um an-"cestral pentadáctilo (**Phenacodus**), do qual deriva pela re-"gressão sucessiva dos dedos laterais, e as formas fósseis "francesas nos mostram um número bem grande de estados "desta evolução (**Hyracotherium, Palæotherium, Pachyno-"lophus, Anchitherium, Hipparion, Equus**). Mas o estudo "mais recente das camadas americanas mostra que a Amé-"rica do Norte é realmente o país da evolução do grupo dos "Equídeos. Todos os estados possíveis lá se encontram e "sua evolução progressiva concorda tanto com sua idade "geológica que não resta dúvida sôbre sua sucessão genea-"lógica. As formas européias fósseis não seriam senão o "resultado de imigrações sucessivas, partidas da América do "Norte, pela região do Kamtschatka, então emergida, e se "teriam, em nossas regiões, extinguido uma após outras, sem "aquí continuarem sua evolução. O próprio gênero **Equus** "apareceu na América e não se espalhou senão mais tarde "pelo Antigo Mundo. Fato interessante: enquanto que, pro-"tegido pelo Homem, persistiu sôbre o nosso continente, o "Cavalo desapareceu da América, sua pátria de origem, e os "Cavalos americanos atuais não são senão os descendentes "dos Cavalos importados pelos conquistadores espanhóis".

Os Cavalos desapareceram da América talvez nos meiados do Pleistoceno, destruídos por causas ainda não perfeitamente definidas, juntamente com quase tôda a fauna sua contemporânea.

A série dos ancestrais americanos do Cavalo é nítida e completa, o que não admira, por ter sido a América do Norte, como vimos, o berço da espécie. Desde os mais antigos até os mais recentes terrenos terciários, encontram-se o **Eohippus**, o **Orohippus**, o **Mesohippus**, o **Miohippus**, o **Protohippus** e o Cavalo (**Equus caballus**) que deriva dos anteriores pela desaparição progressiva dos dedos laterais.

Segundo E. D. Cope, é a seguinte a árvore genealógica do Cavalo:

Tipos exclusivamente americanos	**Tipos comuns à América e à Europa**	**Tipos exclusivamente euroasiáticos**
Equus (espécies fósseis)	Equus (gênero)	Equus (vivos e fósseis)
Hippidium		Hippodactylos
Protohippus	Hipparion	Sivalhippus
Anchippus	Anchitherium	
Mesohippus		
		Paloplotherium
Epihippus		Palæotherium
	Hyracotherium	Pliolophus
Systemodon		Pachynolophus
	Phenacodus (América do Norte)	
	Protogonia (Idem).	

"O primeiro ancestral do Cavalo que vem se colocar en-"tre os Perissodáctilos — escreve Trouessart (22) — é o "**Hyracotherium**, tronco provavelmente comum de todos os "tipos atualmente vivos desta ordem (Cope). O **Eohippus** e "o **Orohippus** (Marsh), o **Systemodon** (Cope) (*) eram mui

(*) O **Systemodon** de Cope, do Eoceno inf. da América do Norte, é atualmente classificado entre os **Tapirídeos.**

"vizinhos do **Hyracotherium**; o talhe dêsses animais não era "superior ao da Raposa ou do Cão; tinham geralmente quatro "dedos adiante e três somente atrás; podemos figurá-los com "as formas dos Roedores subongulados (Paca, Cotia), da "época atual. São do Eoceno superior (*) e viveram sôbre "os dois continentes (**). Os gêneros **Pliolophus** (***), "**Pachynolophus, Epihippus** (Cope), todos próximos parentes "dos precedentes, conduzem-nos a um tipo de organização "mais avançada, o do **Palæotherium** (Fig. 16, ns. 7 e 8) e do "**Paloplotherium**, da época oligocena, depois ao do **Anchithe-**"rium e do **Anchippus** (Leidy), que não têm mais que três "dedos em todos os membros e que viviam no Mioceno mé-

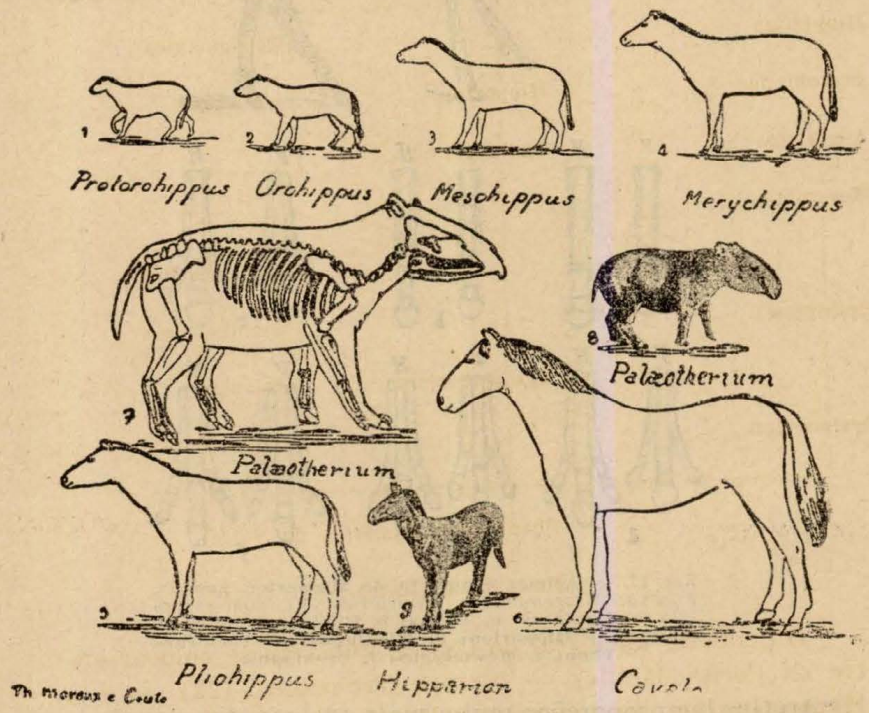


Fig. 16 — Os supostos ancestrais do Cavalo, segundo a Escola transformista (os tipos 1 a 6 estão reproduzidos na mesma escala).

(*) Atualmente considerados como do Eoceno inferior e médio.

(**) Refere-se Trouessart à América e Europa.

(***) O gênero **Pliolophus**, de Owen, é considerado pelos autores modernos como sinônimo do gênero **Hyracotherium**.

"dio (*). O talhe dêsses animais varia entre o do Carneiro "e o do Tapir; tinham provavelmente formas pouco diferen- "tes da dêste último, mas certas espécies de **Anchitherium**

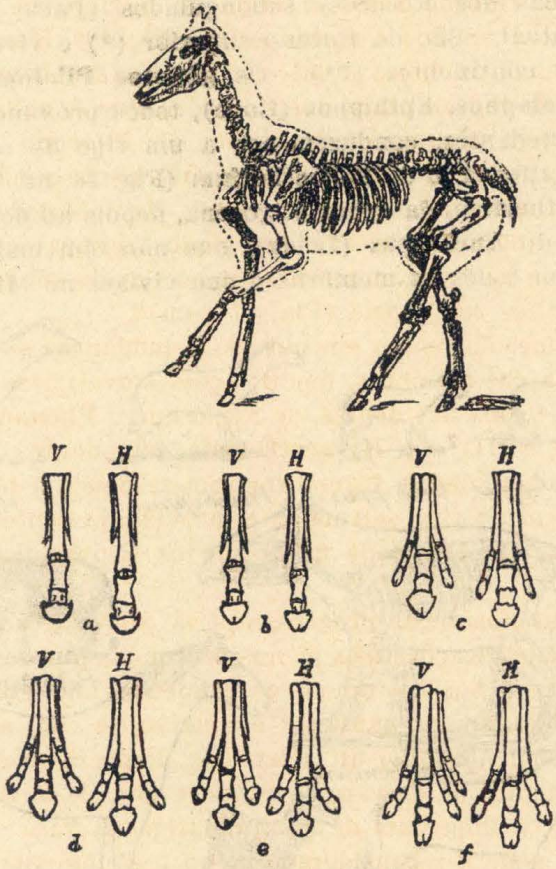


Fig 17 — Acima; esqueleto de **Hipparion gracile**. Abaixo: Extremidades anteriores (V) posteriores (H) de Equídeos: **a, Equus; b, Pliolophus, c, Protohippus** e **Hipparion; d, Miohippus** ou **Anchitherium; e, Mesohippus; f, Orohippus.**

"deviam ter proporções muito mais adelgaçadas e mais ligei- "ras. Chegamos assim ao gênero **Hipparion** (= **Hippothe- "rium** — Figs. 16 e 17), que é do Mioceno superior e do "Plioceno dos dois continentes. Neste gênero, que tem três

(*) Uma espécie de **Anchitherium** é do Plioceno da China (**A. Zitteli**).

"dedos, como o **Anchitherium**, uma mudança notável se ope-
"ra: os dois dedos laterais se atrofiam e elevam-se ao longo
"do canon, de maneira que não tocam mais o solo, na marcha
"sôbre um terreno sêco; o talhe de numerosas espécies é
"comparável ao dos Cavalos selvagens, dos Hemiones (*)
"e dos Asnos da época atual. Estamos assim bem próximos
"do tipo tão especializado dos solípedes, que se acha realizado
"pelo gênero **Equus**, desde o fim do Plioceno (**), mas
"não adquire o seu completo desenvolvimento senão no Qua-
"ternário, sôbre os dois continentes. Os dois dedos laterais,
"tornados inúteis ou mesmo incômodos, desapareceram rapi-
"damente e não são representados no Cavalo senão por esti-
"letes ocultos sob a pele (Fig. 17 — a)".

"Ao mesmo tempo em que essas mudanças se operavam
"na forma dos membros, modificações correlativas se produ-
"ziam na forma dos dentes, de modo que o **Phenacodus** (Fig.
"15 — II e III) e o **Hyracotherium**, bunodontes, isto é, de
"dentes tuberculados, transformaram-se pouco a pouco, para
"rematarem no tipo selenodonte, provido de dentes de coroa
"achatada, em forma de mó, como os Hipparions e os Ca-
"valos".

"Essas mudanças progressivas na organização são o ín-
"dice de modificações não menos profundas que se operavam
"no regime e nos costumes: os primeiros ancestrais do Ca-
"valo habitavam os pântanos e nutriam-se com as raízes e
"frutos feculentos que alí achavam; donde a razão de pos-
"suírem dentes de onívaros e patas largas, de numerosos de-
"dos, que os impediam de se afundarem na vasa. O **Anchi-**
"**therium** pode ser considerado como o último tipo que con-
"servou seus hábitos anfíbios. A partir do **Hipparion** e de
"seus mais próximos parentes, os costumes mudaram: o ani-
"mal deixou as florestas e os pântanos, para viver nas planí-
"cies descobertas, onde se nutria de ervas carregadas de silí-
"cios: seus dentes gastam-se mais depressa, sua coroa den-
"tária achata-se e se encrosta de cimento, para resistir a êsse

(*) **Hemione (Equus hemionus).** Espécie selvagem da Ásia Ocidental, provável intermediária entre o Burro e o Cavalo.

(**) Talvez possamos considerar aquí o Mioceno sup. ou Plioceno inf.

"gasto. As patas tridáctilas, tocando um solo sêco e duro, "numa corrida rápida, encolhem instintivamente os dedos la- "terais, que se erguem, se dirigem para trás e desaparecem "dentro em pouco, por falta de uso, enquanto que o dedo "médio, suportando sozinho o pêso do corpo, adquire a im- "portância que tem nos Cavalos modernos." (*)

"Tal deve ser a história filogenética dêsse tipo tão im- "portante para o homem. Vemos, ao mesmo tempo, que os "ancestrais do Cavalo fizeram sucessivamente parte de dife- "rentes famílias de Ongulados..."

"Os gêneros de três dedos, como o **Hiparion** (Figs. 16 "e 17) são todos colocados por Cope na família dos **Palæo- "theridæ,** mas como os dois dedos acessórios estavam já sem "uso funcional nos Hipparion que, por outro lado, diferem "tão pouco dos Cavalos, por seus dentes e mesmo por seus "pés, acreditamos dever admitir êste gênero na família dos "**Equidæ,** cujos costumes tinha, certamente".

"A evolução do tipo dos **Equídeos** parece que se operou "paralelamente sôbre os dois continentes, de modo a rematar "quase simultaneamente no gênero **Equus,** sem que tenha "havido permutas bem acentuadas entre as faunas dessas duas "partes do mundo, pelo menos até o fim do Terciário. Êste "resultado final nada tem de admirável, se notarmos que os "mesmos tipos existiram, ao mesmo tempo, na Europa e na "América, nas épocas geológicas correspondentes, e são re- "presentados por gêneros quase sempre idênticos, a despeito "dos nomes diferentes que se lhes deram". (**)

Na tábua genealógica do Cavalo, que apresentamos na página 125, Cope procurou estabelecer tal concordância.

(*) Esta progressiva redução no n.º de dedos pode ter sido também o resultado da luta pela vida, pois, tendo os Equídeos abandonado, no Terciário, a floresta, para ganharem as planícies, tornaram-se mais expostos aos ataques dos grandes carnívoros que viviam então, em número considerável, na Eurasia e América. A redução do número de dedos facilitou a corrida.

(**) Já vimos que êsse pretenso paralelismo evolutivo dos Equídeos da América e Europa não é interpretado da mesma maneira por todos os naturalistas pois, enquanto alguns consideram os tipos fósseis do Antigo Continente como independentes diretamente dos tipos fósseis da América, a maioria considera-os como formas imigradas sucessivamente do Novo Continente, por intermédio de antigas ligações intercontinentais (istmo de Behring).

"Vê-se — continua Trouessart (22) — que o número dos "tipos comuns aos dois continentes é muito grande, para que "se possa considerar êsse paralelismo como tão perfeito "quanto possível; é provável, entretanto, que essa cifra cres-"cerá, si fizermos uma comparação mais minuciosa, dos tipos "em questão. Não obstante, a identidade vai somente até os "gêneros: assim, as numerosas espécies do gênero **Equus**, "descobertas na América, são consideradas como distintas das "do Antigo Continente. Não falaremos aquí senão dos tipos "que fazem parte da família dos **Equidæ**".

"**Equídeos fósseis.** — O gênero **Hipparion** (Christol, "1832) ou **Hippotherium** (Kaup, 1835) é o primeiro dos Pe-"rissodáctilos terciários que se aproxima nitidamente dos "Cavalos. Os pés lembram, é verdade, o **Anchitherium**, que "é evidentemente um dos ancestrais diretos dêsse tipo, mas "os dedos laterais, ainda munidos de falanges e de peque-"nos cascos, começam a se atrofiar e não tocam mais o solo "(Fig. 17 — c). Os dentes lembram ainda mais os dos Ca-"valos, porque dêles não diferem senão pela forma do lóbulo "ou dentículo antero-interno dos verdadeiros molares, cujo "esmalte forma uma ilhota bem separada, enquanto que nos "Cavalos esta ilhota é reunida ao crescente do lóbulo médio "correspondente, tendo assim o aspecto duma península; o "primeiro premolar, caduco, é também mais desenvolvido no "**Hipparion.** As formas, mais ou menos ligeiras, deviam ser "mui semelhantes às dos Cavalos, si as julgarmos pelo es-"queleto; os costumes eram idênticos".

"Êsse tipo apareceu no Mioceno superior mas é sobre-"tudo comum no Plioceno dos dois continentes (Europa, Ásia "e América). O **Hipparion gracile** (Fig. 17), de Kaup, tipo "do gênero, viveu no Mioceno superior e no Plioceno do cen-"tro e sul da Europa e até na Inglaterra; sofreu, segundo "Gaudry, variações consideráveis: os **H. mediterraneum** e "**H. brachypus**, que têm os ossos dos membros muito mais "reforçados, pertencem à mesma espécie (*). O **H. cressum** "Gervais é uma forma mais distinta, do Mioceno (?) da

(*) Seriam, pois, duas variedades do **H. gracile** típico.

"França. No Plioceno da Índia, acham-se os **H. antilopinum** "tipo do gênero **Hippodactylus** (Cope) e **H. Theobaldi** (tipo "do **Sivalhippus** Lydekker). O primeiro seria caracterizado "por seu casco único, como o dos Cavalos, apresentando den- "tes de Hipparion. Lydekker, porém, considera êsse caráter "como variável e êle mesmo abandonou, por tal razão, o seu "gênero **Sivalhippus.** O **H. Reichthofeini** é do Plioceno da "China e da Pérsia".

"As espécies do gênero **Hipparion** são mui numerosas "na América do Norte: **H. occidental, H. montezuma, H.** "**rectidens, H. peninsulatum, H. sinclairi, H, speciosum, H.** "**plicatile, H. sphenodus, H. gratum, H. retrusum, H. panien-** "**se, H. calamariam** são do Mioceno superior (época do Loup "Fork); **H. seversum** e **H. isonesum** são das camadas de "Ticholeptus (época seguinte); enfim, os **H. relictum** e **H.** "**venustum** são do Plioceno inferior do mesmo país (Co- "pe) (*). Os gêneros **Stylonus** e **Protohippus** diferem pouco "dos Hipparion, dos quais são desmembrados. O mesmo acon- "tece provavelmente com os gêneros **Parahippus, Hypohippus,** "**Merychippus,** de Leidy, e **Pliohippus,** de Marsh, fundados sô- "bre caracteres que não parecem constantes. Êsses gêneros "não passaram do sul da Florida, enquanto que os verdadeiros "Cavalos propagaram-se, numa época ulterior, até a Amé- "rica do Sul".

— O gênero **Equus** é fóssil no Mioceno superior (?) ou Plioceno inferior dos montes Siwalicks (Índias ocidentais) onde é representado pelas espécies **E. sivalensis** (**), **E. pa-** "**læonus** e **E. namadicus,** de Falconer e Cautley; no Plioceno superior da Europa, pelas espécies **E. Stenonis** Cocchi (***)

(*) As espécies americanas do g. **Hipparion** não são aceitas por muitos autores modernos, que as distribuem por outros gêneros, inclusive o **Equus,** próprios do Novo Continente. Aliás, enquanto Boule (Les Fossiles) admite a origem americana do **Hipparion** que Cope, como vimos, considera comum aos Antigo e Novo Continentes, Woodward (10) considera-o como próprio apenas do Velho Mundo.

(**) O **E. sivalensis** aproxima-se, pela forma do seu crânio, mais do **E. hemionus** que do **E. caballus,** segundo Lydekker.

(***) No **E. Stenonis,** que habitou então o sul e oeste da Europa e norte da África, os estiletes não se soldavam ao canon, sendo os das patas anteriores mais desenvolvidos que os das posteriores. O desenho da coroa dos seus molares difere também muito do da coroa dos molares do **E. caballus** atual.

(considerada como sinônima do **E. arvernensis** Lartet e do **E. ligeris** Falconer), espécie de grande talhe, que Forsyth Major considera como idêntica ao **E. sivalensis**, e o **E. quaggoides** que o mesmo autor considera semelhante às Zebras sul-africanas; no Pleistoceno (diluvium) da Europa, Ásia setentrional e África do Norte, pelos **E. caballus fossilis** Cuvier e **E. hemionys fossilis**; nos Equus beds e Pleistoceno médio dos Estados Unidos e México, pelos **E. excelsus** Leidy, **E. crenidens** Cope, **E. Barcenæi**, **E. major** Dekay, **E. fraternus**, **E. occidentalis** Leidy, **E. tau** (espécie de pequeno talhe), **E. conversidens**, etc.; no Pampeano médio e superior e Pleistoceno da América do Sul, pelas espécies **E. curvidens** Owen (*), **E. argentinus** Burmeister, **E. andium** Branco, **E. macrognathus** Weddel, **E. rectidens** Gervais e Ameghino, **E. andium** var. **insulatus** Ameghino e outras espécies.

Segundo Boule (23), o **Equus argentinus**, de Burmeister, é talvez uma bôa espécie, embora seja ainda mal conhecida, e o **E. andium**, que julga como provável sinônimo do **E. Quitensis** Wolf, teria um sentido pouco preciso, se Branco não tivesse consagrado à descrição desta espécie de Wagner (1860) uma memória comparativa.

O **E. Lundi** Boas, do Brasil, pertence — segundo o mesmo autor — ao mesmo grupo do **E. Andium**, do Equador, mas foi um animal maior, mais forte e de casco mais largo que o dêste, tendo sido também mais forte que o **E. andium gracilis**, de Tarija (Bolívia).

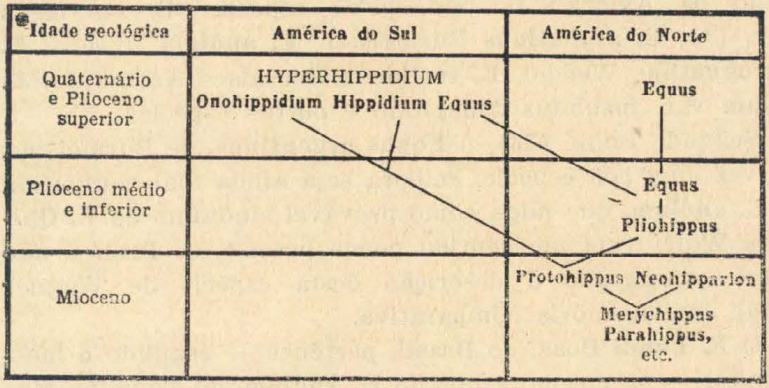
Ao mesmo grupo pertence também o **E. Haasei** Reech, dos Pampas (Argentina).

Os molares superiores de fuste mui recurvado, mais curvo que os do **E. caballus**, são característicos dêsses Cavalos fósseis sul-americanos, conhecidos sob os nomes específicos de **E. curvidens**, **E. argentinus**, **E. andium**, **E. Lundi**, **E. Haasei**, aos quais H. Gervais e Fl. Ameghino opuseram o seu **E. rectidens**, cujos molares teriam o fuste reto.

(*) Segundo Boule, os termos **E. curvidens** Cope, **E. americanus** Gervais, **E. macrognathus** Weddel, **E. Devillei** Gervais devem ser renunciados, por se basearem, o primeiro, no estudo dum único molar, assim como o segundo; o terceiro, numa frase vaga e o quarto, em descrições que se aplicam a outros gêneros (**Onohippidium**) (23).

Segundo ainda Boule, nenhum dos Cavalos atuais da América do Sul teria derivado das formas fósseis supracitadas, pois os desenhos dos molares do **Equus caballus,** dados por Ameghino, em suas diversas publicações, desenhos êsses baseados em dentes de animais domésticos ou semiselvagens da Argentina, apresentam sempre os caracteres dos dentes do **E. caballus** da Europa (principalmente pela forma da coluneta) e não lembram nem o **E. andium,** nem o **E. curvidens.**

Boule assim esboçou a tábua filogenética dos Cavalos fósseis sulamericanos:



— "O Cavalo quaternário da Europa (**Equus caballus "fossilis**), escreve E. Trouessart (22), recebeu um grande "número de nomes diferentes (**E. spelœus, E. primigenius,** "etc.); seus restos abundam no diluvium e nos depósitos das "cavernas que datam desta época: Nehring assinalou sua "presença em Westeregeln e em Thiede (Alemanha), onde "suas ossadas são misturadas com as de outros animais ca- "racterísticos das estepes. Com êle encontra-se uma segunda "espécie menor, que Nehring identifica com o **Hemione** "(**Equus hemionus**) e que habitava as estepes, como o Ca- "valo selvagem. É bem verosímil, portanto, que o Cavalo "selvagem da Europa não diferisse do **Equus Przewalskii** (*),

(*) O **E. Przewalskii** Poljakoff (= **E. ferus** Pall.), o Cavalo selvagem da Ásia central (Mongólia), redescoberto em 1879, é sem dúvida uma das formas originárias de nossas raças equinas, segundo E. Pérrier.

"ainda vivo nas estepes da Dzongaria. O **Equus plicidens**
"Owen), da Inglaterra, é idêntico ao **E. caballus** e, segundo
"Lydekker, a espécie estendeu-se até a América Artica
"(Alaska). Por outro lado, Thomas assinalou a sua pre-
"sença na Algéria, na época quaternária. Foi a espécie que
"os habitantes primitivos da França caçaram, para se nu-
"trirem de sua carne, antes de procurar domesticá-la. As
"variações do talhe, que indicam raças diferentes, notadas
"no Cavalo quaternário, não indicam, entretanto, necessa-
"riamente, raças domésticas. Vimos que desde a época plio-
"cena, antes da intervenção do Homem, o **Hipparion gra-**
"**cile** e **H. mediterraneum** apresentavam, no volume relativo
"das partes do esqueleto, variações comparáveis às de nossas
"raças domésticas: haviam Hipparions de membros delga-
"dos e de formas ligeiras e Hipparions de membros grossos
"e de formas pesadas. Além disso, muitas ossadas fósseis,
"atribuídas a uma pequena raça de Cavalo (**E. brevirostris,**
"**E. minutus,** etc.), pertencem verdadeiramente a uma outra
"espécie. Nehring mostrou, como dissemos, que a fauna das
"estepes do centro da Europa compreendia, juntamente com
"o Cavalo selvagem (**E. caballus**), uma segunda espécie que
"não difere do Hemione (**E. hemionus**), refugiado nas este-
"pes asiáticas".

"É também ao Hemione que devemos atribuir, segundo
"tôdas as aparências, a maior parte das ossadas provenien-
"tes da Europa central, que foram designadas pelos autores
"sob o nome de **Equus asinus fossilis.** O estudo osteológico
"das espécies vivas do gênero Cavalo está ainda tão pouco
"avançado que se torna muito difícil, a não ser pelo talhe,
"distinguir dêle os restos fósseis. Pelo contrário, Lydekker
"assinalou, nas cavernas de Karmul (Índia meridional), a
"presença do verdadeiro **E. asinus;** a fauna dessas cavernas
"apresenta um caráter tão nitidamente africano, principal-
"mente por seus Símios (**Cynocephalus**), que devemos ad-
"mitir uma "imigração recente dêsse tipo para as bandas
"da Abissínia. Não é então impossível que o verdadeiro **E.**
"**asinus** tenha habitado, na época quaternária, todo contôr-
"no do Mediterrâneo, principalmente a Algéria (**Equus asi-**

"nus atlanticus Thomas) mas devemos procurar a certeza de "que não se trata alí simplesmente do Hemione, tão con- "fundido, frequentemente, sob o nome de Onagro, com o ver- "dadeiro Asno africano".

"A questão da origem da espécie **E. asinus** está então "muito mais avançada que a das raças do Cavalo".

"Para êste, o estado da questão acha-se resumido numa "recente memória de Wilckens (1888), relativa à determi- "nação de três espécies de Equídeos, achadas no Plioceno "de Maragha (na Pérsia), as quais são, segundo o autor, o "**Hipparion gracile**, o **Equus hemippus**, ainda vivo no mesmo "país, e uma raça distinta do Cavalo quaternário, que deno- "minou de **Equus fossilis persicus**. Segundo Wilckins, o "**Hipparion gracile** e seu descendente imediato, o **Equus fos- "silis persicus** seriam o tronco das raças orientais do Ca- "valo moderno; ao contrário, o **Hipparion mediterraneum**, "de Pikermi e da Europa ocidental, e seu descendente, o "**Equus Stenonis** (Cocchi) teriam dado nascimento às raças "ocidentais e setentrionais. Fica entendido que essas duas "raças não diferem especificamente do **Equus caballus**. Si "essas conclusões não são diretamente inspiradas nos tra- "balhos de Sanson sôbre a dualidade de origem das raças "modernas do Cavalo doméstico, êsse trabalho daria um certo "pêso à hipótese, ainda mais problemática, do naturalista "francês de quem falamos".

Pêlo primitivo do Cavalo. — Tomando por base as representações e obras de arte do Homem primitivo quaternário da idade da Rena, os cientistas procuraram, por meio delas, desvendar algumas dúvidas, ainda existentes, a respeito dos Equídeos daquela época, principalmente no que diz respeito à questão do seu pêlo primitivo.

Apoiando-se no estudo dos equídeos atuais, Herman Burmeister já afirmara que tôdas as espécies do Terciário e do Pleistoceno deveriam ter tido o pêlo rajado, com o dos zebrídeos atuais.

Alguns estudiosos, entre os quais Piette, descobriram, nas cavernas do sul da França, principalmente, gravuras feitas sôbre osso ou marfim e pinturas rupestres, obras do Homem

primitivo europeu, da idade da Rena, que — segundo parece — tiveram como modelos o **Equus Przewalskii**, ainda vivo na Mongólia, e alguns asininos, principalmente o **Hemione.**

As representações que chamaram, porém, mais a atenção dos estudiosos foram as que representam Cavalos cujo pêlo mostra raias ou linhas pontuadas numerosas, o que levou alguns cientistas a afirmarem que os habitantes da Europa meridional de então teriam conhecido os Cavalos zebrados. Apoiando-se numa dessas representações (Plancha XV), Piette chegou mesmo a supor a antiga existência dum Cavalo em tais condições, que denominou de **Equus maculatus**, cujo pêlo o artista prehistórico representou com raias numerosas, formadas por pintas alinhadas, e cuja cauda, si copiada fielmente do original, apresenta de notável uma semelhança mui grande com a do **Equus taeniopus**, o Asno atual da Abissínia, pois é delgada e tão longa quanto a dêste; a sua ponta parece desprovida do tufo de pêlos terminal ou, no máximo, apresentaria um tufo mui escasso.

Trouessart pergunta se devemos ver em tal representação a figura duma espécie perdida (talvez o **Equus quaggoides**, de Forsyth Major) ou se não é mais natural que suponhamos terem os Cavalos quaternários conservado ainda sinais das zebruras que teriam possuído seus ancestrais terciários, como Piette parece disposto a admitir, sinais êsses que comparamos aos do pelágio dos híbridos atuais do Asno e da Zebra ou desta e do Hemione, que têm absolutamente a mesma aparência, terminando por dizer que, neste caso, as manchas do pêlo dos Cavalos domésticos atuais seriam o último resto das listas primitivas que, em muitos cavalos tordilhos ou tordilho-ferrosos, afetam ainda a aparência duma rêde, antes que de verdadeiras manchas circulares.

Macellin Boule, porém, diverge da opinião de Trouessart, acreditando que as tais linhas pontilhadas, consideradas como zebruras, não sejam senão representações grosseiras das linhas de pêlos.

Cavalos fósseis do Rio Grande do Sul. — O Sr. Vicentino Prestes de Almeida descobriu, num jazigo do Município de São Pedro, juntamente com objetos de indústria indígena

(tembetá, cachimbo), dois dentes molares (Plancha XV e XVI), pertencentes, sem dúvida, ao gênero **Equus.**

Os dois dentes em questão, um superior (Plancha XV) e o outro inferior (Plancha XVI), são idênticos aos do **E. caballus** doméstico atual, seja no desenho de sua plataforma dentária, seja nas suas medidas:

Molar superior (Plancha XV):

Comprimento máximo	8,8 cms.
Diâmetro antero-posterior máximo na coroa	2,8 cms.
Idem, transversal	2,5 cms.

Molar inferior:

Comprimento máximo	7,5 cms.
Diâmetro antero-posterior máximo na coroa	3 cms.
Idem, transversal	1,6 cms.

Os dentes em questão — que acreditamos terem pertencido à espécie atual e que portanto não podem ter idade superior à do Pleistoceno — estão recolhidos ao Museu Estadual.

— Em dezembro de 1938, foram descobertas, no município de Farroupilha, a quase 800 metros acima do nivel do mar, em terras de propriedade do Sr. Emilio Fetter, algumas peças fósseis que estavam situadas em profundidade de mais ou menos 60 centímetros.

O material (Plancha XVI e XVII), que é constituído de 20 dentes e 4 fragmentos de ossos longos, foi estudado pelo prof. Tupí Caldas, que apresentou a seguinte conclusão:

"A observação da plataforma dentária dos molares apre-"senta semelhança com os do **Equus caballus robustus** que é "a forma intermediária entre o **Equus caballus fossilis,** do "Pleistocênio (Quartenário) e o **Equus caballus Stenonis,** do "Pliocênio (Terciário)".

"A muralha externa dos molares superiores tem relações "anatômicas com a que se observa no **Palæotherium magnum,** "do Eoceno superior".

"Tem dente canino superior, com estrutura análoga à dos "dentes molares, talvez se assemelhando ao do **Hipparion "gracile,** do Mioceno (Pontien, de Pikermi — Grécia)".

"Tem dente incisivo semelhante ao do gênero **Equus,** com "figura particular".

"Tem a região mentoniana do maxilar inferior seme- "lhante à do **Hipparion gracile**".

"Parece-me, diante dos caracteres e analogias encontra- "dos, que o nosso espécime seja mais antigo que o **Hipparion "gracile** (Grécia), o **Hippidium principale** (Tarija — Bolívia) "e **Hippidium neogeum** (Argentina)".

"As razões indicadas permitem criar um tipo primitivo "que viveu no território do Rio Grande do Sul, na época Ter- "ciária, a partir do Eocênio, desaparecendo no Pleistocênio".

Assim, propomos para o nosso fóssil o nome de **Equus "protocaballus tupís".**

— Podemos afirmar que o indivíduo ao qual pertenceram tais despojos não tinha ainda chegado à idade adulta, visto que os seus dois últimos molares, em cada maxilar, não tinham entrado ainda em uso, como podemos constatar nas Figs. 1 e 4 da Plancha XVI.

Não tivemos ocasião de estudar tais fósseis, mas constatamos que o desenho da plataforma dos seus premolares e molares inferiores esquerdos é perfeitamente idêntico ao desenho da plataforma dos mesmos dentes, observado no **Equus caballus** doméstico atual (Plancha XVI — 1), o que aproxima, sem dúvida, dum modo notável, o Equus fóssil de Farroupilha do Cavalo atual e não teríamos mesmo escrúpulos em considerá-lo como pertencente à espécie atual si um de seus dentes não nos tivesse deixado em dúvida, no tocante à sua classificação específica.

O dente em questão, assinalado por uma flexa na Fig. 2 da Plancha XVI, é notável:

1.º — Por sua forma curva e um tanto cônica;
2.º — Por sua superfície carenada, em fuste, e
3.º — Por seu tamanho.

No que diz respeito ao primeiro item, o primeiro dos caracteres alí enunciado não é novidade, pois, como já vimos, os **molares** do **Equus curvidens** Owen, do pampeano médio e superior e do Pleistoceno inferior da América do Sul apresentam essa forma curva, o que valeu a esta espécie o seu apelido (**curvidens**), e que os **caninos**, principalmente nas espécies fósseis da mesma família, apresentam também essa forma; quanto ao segundo caráter (coniforme — o que faz supor a antiga existência duma ponta única), não seria de estranhar, se o dente em questão fôsse um canino, como pretende o prof. Tupí Caldas, do que não duvidaríamos, em vista de sua forma, se êle não apresentasse a estrutura citada no segundo item, estrutura essa própria dos molares, pelo menos nas espécies atuais do gênero Equus, e um tamanho igual ou quase igual ao dos molares correspondentes.

Poderíamos supor, também, que o dente em questão não tivesse pertencido ao mesmo indivíduo mas o fato de ter sido encontrado junto com os demais, no mesmo jazigo, é um argumento que, segundo nos parece, pode comprometer seriamente uma tal hipótese.

Si o referido dente é, porém, um canino, como sugere o prof. Tupí Caldas, é possível que a espécie fóssil de Farroupilha afaste-se algo do **Equus caballus** e das demais espécies atuais do gênero Equus, cujos caninos, além de serem muitíssimos menores que os molares que lhes correspondem e muito menores que o espécime fóssil em questão, têm estrutura mui diferente da citada no item 2.º, pois apresentam superfície lisa, sem carenas.

— À vista do exposto, podemos chegar, pois, a duas conclusões:

1.ª — Ou o dente em estudo é um dente normal, de tipo definido, e, portanto, característico duma espécie primitiva que, embora muitíssimo vizinha das espécies atuais do gênero **Equus**, destas se afasta em grau bastante, para que a possamos batizar com um apelido específico peculiar;

2.ª — Ou se trata dum dente de estrutura que, em comparação com a estrutura dos dentes da espécies hodiernas, pode ser considerada especial, especialização essa que se teria

originado possivelmente duma forma de alimentação diferente do regime alimentar dos tipos de hoje (plantas herbáceas), o que nos permitiria supor também que se tratasse duma forma primitiva de uma das espécies atuais, notadamente do **Equus caballus**, como parece indicar o desenho, perfeitamente característico, apresentado pelas coroas dos molares da forma fóssil de Farroupilha, desenho êsse que, como já vimos, é idêntico, na forma e disposição, ao apresentado pelas coroas dos molares da espécie atual.

É possível, pois, que o Cavalo fóssil de Farroupilha tenha sido um **Cavalo das florestas**, que se alimentasse não de plantas herbáceas, como seus parentes atuais, mas de fôlhas duras e de ramos novos de certas árvores, principalmente se levarmos em conta que o local em que foi descoberto, hoje desbastado, foi ocupado, até uns 25 anos atrás, por uma floresta de araucárias (pinheiros) de aspecto milenar.

Eis um problema a ser ainda resolvido, à vista de melhores informações e de uma comparação mais perfeita com as demais formas fósseis sulamericanas.

— Relativamente à idade geológica a que teria pertencido o Cavalo fóssil de Farroupilha, acreditamos que não seja mais antiga que o Pleistoceno inferior, pois sabemos que o gênero **Equus**, na América do Sul, é relativamente recente.

Considerações sôbre os Equídeos primitivos de América. — Os restos do gênero **Equus** e de seus colaterais provam que o Cavalo existiu na América muitíssimo antes de sua importação relativamente recente, feita pelos conquistadores europeus. Na América do Sul, eram êles, como os Tapirs, Ruminantes e Carnívoros, imigrantes, vindos do Norte, depois que o continente sulamericano foi ligado à América do Norte pelo levantamento do istmo do Panamá, no Terciário. Misturando-se com a fauna indígena, composta de animais estranhos, tipos arcaicos, que viveram até mui recentemente (**Toxodon, Megatherium, Glyptodon**, etc.), êles vieram posteriormente a se extinguirem na América, segundo se julga, pelos meados do período Pleistoceno. O **Equus ocidentalis** Leidy, por exemplo, parece ter sido contemporâneo do Homem primitivo americano, no Oregon e Texas, segundo E. D. Cope.

Aliás, parece certo que o território americano, considerado como a pátria do Equídeos, era despovoado de Cavalos, por ocasião de sua descoberta, tendo êles sido aquí reintroduzidos pelos primeiros colonizadores, sobretudo pelos espanhóis.

Um fato que bem parece provar a extinção milenar do Cavalo na América é o do seu desconhecimento pelos indígenas, como bem demonstra o episódio da entrada de Hernan Cortez no México:

"No dia 4 de março, avistou as costas do México, justa-"mente no lugar onde havia uma importante cidade, chamada "Tabasco. Logo ao primeiro olhar, o conquistador compre-"endeu que o contacto não seria alí tranquilo, como em Co-"zumel. A população correra em armas, ao litoral, com evi-"dente decisão de se opor à invasão dos Brancos. O estrondo "da artilharia, mais do que o efeito das balas maciças, foi "bastante para dispersar os indígenas e a expedição pôde de-"sembarcar em boa ordem; mas no dia seguinte os Aztécas "voltaram em grande número, atacando-os com tal bravura, "que os Espanhóis estavam em má situação, quando um aci-"dente ridículo espalhou o pânico entre os nativos. O fulgor, "estampido e resultado muito eficiente dos arcabuzes e pis-"tolas haviam já valido aos Brancos considerável prestígio, "quando o aparecimento de fidalgos combatendo a cavalo "infundiu irresistível pavor no coração dos Mexicanos. Aque-"les homens nunca tinham visto animais daquela espécie e "julgaram-se diante de entes sobrehumanos, guerreiros com "duas cabeças e corpo monstruoso".

"O efeito foi tamanho que os Espanhóis, avançando com "ímpeto, levaram os adversários de roldão e apoderaram-se "não só da faixa litorânea como da cidade, que a população "abandonara, espavorida (de "Eu Sei Tudo" — junho de "1939)".

— Qual ou quais teriam sido as causas da pretensa extinção dos Solípedes em nosso continente?

De diversos modos já se procurou explicar tal fenômeno, sem que se chegasse até hoje a uma solução cabal, definitiva, do problema.

Teriam êles sido extintos pelo Homem primitivo americano ou pelos gigantescos carnívoros de antanho? Não teria a sua extinção sido o resultado de uma inadaptação a novas exigências do meio, provocadas por mudanças mais ou menos bruscas ou mesmo lentas do clima? É bem possível que sim, pois também dêste modo podemos explicar o desaparecimento de tôda aquela fauna de gigantes que, na mesma época, vivia em nosso continente.

Segundo Trouessart (22), esta desaparição operou-se talvez sob a influência de causas geológicas que não foram ainda suficientemente elucidadas mas que não são talvez incompreensíveis, si estudarmos o que se passou no Antigo Continente, principalmente na Europa.

Efetivamente, os Cavalos que existiam, em grande número e variedade, na Europa, durante o Plioceno e Pleistoceno, desapareceram, pelo menos no estado selvagem, antes da época histórica, tendo emigrado para os estepes da Ásia e para os desertos da África.

"É bem possível — diz Trouessart (22) — que os Cava-
"los americanos não tenham emigrado do mesmo modo sôbre
"um continente menos extenso em longitude e que se tenham
"extinto na própria região onde tinham seu habitat. Talvez
"a intervenção do homem, que lhe fazia caça sem tréguas,
"não seja estranha à sua extinção, tanto na Europa como na
"América. Mas, além dessa causa, vimos que na Europa as
"modificações do solo e do clima contribuíram sobretudo para
"a sua desaparição. Os trabalhos de Gaudry e de Nehring
"sôbre a fauna da segunda metade do quaternário (Pleisto-
"ceno superior) demonstraram que, após o período glaciário,
"que destruíra as florestas em todo o centro da Europa, esta
"vasta região tomou o aspecto das estepes de Ásia central
"e que a maior parte dos animais característicos dessas este-
"pes (Gerbo, antilope Saiga, etc.) alí viveram, durante um
"longo espaço de tempo, com duas espécies do gênero **Equus**
"cujos restos foram achados, enterrados, em muitos pontos,
"principalmente na Alemanha e ao norte da França. O re-
"florestamento do solo, que se efetuou pouco a pouco, impe-

"liu insensivelmente esta fauna para a Rússia e, depois, para "o centro da Ásia".

Diz, porém, Boule (23) que a extinção do Cavalo, na América do Sul, seja talvez uma lenda e que o Cavalo talvez existisse ainda em nosso continente, no tempo da conquista, vivendo possivelmente em bandos selvagens, nas planícies e vales do interior. Sebastião Cabot, em 1530, afirmou ter visto um dêsses bandos, numa região ao Norte do Paraguai, quando de sua viagem à América do Sul, no século XVI.

Cincoenta ou sessenta anos após à data em que Mendoza teria abandonado uns 10 cavalos no território americano, alguns povos indígenas possuíam dêles numerosas tropas, sabiam conduzí-los e utilizá-los na caça e na guerra, o que, segundo afirmavam os conquistadores, não faziam antes.

É bem pouco provável, entretanto, que o seu número tenha aumentado tão de-pressa e que o seu uso se tenha espalhado tão rapidamente entre os aborígenes, razão porque não podemos afirmar que estes cavalos tenham sido descendentes dos que Mendoza teria abandonado meio século antes, no território americano.

Cardoso, naturalista argentino, pretendeu provar que o Cavalo já existia na América do Sul, antes da conquista européia, e que nunca deixara de existir em La Plata (24). Admitia êle que o Cavalo atual, tornado selvagem em La Plata, teria descendido do **Equus rectidens**, de Gervais e Ameghino, ou do **E. curvidens**, de Owen, do Pampeano, argumentos paleontológicos êsses pouco convincentes, que E. L. Trouessart combateu, qualificando-os de "um dos erros que, semelhante à Phœnix da fábula, renascem continuamente de suas cinzas". Trouessart afirmou mesmo que, na América do Sul, "a falta de altitude do solo e a duma nutrição apropriada arrastaram à extinção os grandes Herbívoros e principalmente o Cavalo".

Matthew é contrário à opinião de que os Cavalos selvagens atuais da Argentina tenham descendido das espécies quaternárias americanas, devido ao fato de que estes Cavalos

selvagens atuais cruzam-se e dão produtos férteis com os Cavalos domésticos, o que não se daria si êles fôssem descendentes longínquos do tronco euroasiático do **Equus caballus.**

"Como os restos de Equídeos abundam em estado fóssil "nas formações pliocenas e pleistocenas que se estendem des- "de o istmo de Panamá até a uma latitude bem austral, na "Patagônia, e às altitudes mais diversas — diz Boule (23) — "falta-nos admitir que um fenômeno geral provocou a sua "extinção total, numa época ulterior. Esta desaparição ge- "ral não pareceria invorosímil aos paleontologistas habitua- "dos a constatar as grandes mudanças das faunas. É certo "que uma modificação considerável no clima e na vegetação "afetou a América do Sul e deu margem à desaparição não "só dos Equídeos como ainda dos Proboscidianos e dos Des- "dentados gigantes".

"Êste continente foi submetido, efetivamente, a um ou "muitos períodos glaciários, alternando com períodos inter- "glaciários, isto é, períodos chuvosos que alternavam com "períodos de sêca tropical e de aridez, cuja imagem nos é "ainda hoje apresentada por alguns desertos da Venezuela e "do Brasil".

"Podemos supor que os períodos frios e secos, diminuindo "a vegetação, modificando-lhes o poder reprodutivo da espécie, "prepararam sua exitinção; que as épocas de longas chuvas "consecutivas provocaram epidemias mortais, análogas às que "produz ainda a môsca **tsé-tsé,** e que enfim, na região tornada "sêca, em seguida mui árida, os bandos, mais raros, de Ca- "valos, já enfraquecidos, não achavam, após longas viagens, à "procura de pastagens ou de charcos, senão uma água conta- "minada que acabava de os dizimar (25). É possível que, "sôbre um tão vasto continente, os descendentes dos Cavalos "quaternários não tenham podido achar em nenhuma parte "condições que lhes permitissem sobreviver, enquanto que "os outros Herbívoros de talhe médio, corredores ágeis, tais "como as Lamas, as Vicunhas e os Cervos, conseguiram sub- "sistir".

B — Família Tapiridæ Gray

Ossos nasais projetados livremente. Nariz e lábio superior prolongados em curta tromba. Fórmula dentária: 3/3-2 I; 1/1 C; 4-3/4-3 Pm; 3/3 M. Incisivos (I) em forma de cinzel; caninos (C) cônicos; premolares (Pm) e molares (M) braquiodontes, apresentando cada um duas colinas ou lofos transversais (bilofodontes). Nos Pm e M superiores, uma crista longitudinal externa une as duas colinas transversais entre si. Cérebro grande. Mão geralmente tetradáctila; pé tridáctilo.

Os tipos mais antigos datam do Eoceno da Europa (**Lophiodon, Lophiodochoerus, Chasmotherium,** etc.) e América do Norte (**Heptodon, Helaletes, Systemodon, Isectolophus,** etc.).

A América do Norte e Europa foram habitadas, durante o Terciário (a partir do Eoceno), por ongulados do grupo dos Tapirs, fato que explica a atual distribuição geográfica do gênero **Tapirus,** em regiões do globo tão afastadas entre si, como são a América Central e do Sul e a Ásia meridional.

Os mais antigos pertencem à subfamília **Lophiodontinæ** (*) que encerra numerosos tipos, do Terciário europeu e norte americano, cujas formas deviam diferir pouco da dos Tapirs atuais e cujo talhe variava entre o da Lebre e o do Rinoceronte. Nesses tipos primitivos, porém, os Pm eram menores e mais simples que os M e, além disso, o último M inferior apresentava um talon ou 3.º lóbulo. Os gêneros **Heptodon** Cope e **Helaletes** Marsh (= **Dilophodon** e **Desmatotherium** Scott) são, respectivamente, do Eoceno inferior (Wasatch beds) do Wyoming (**Heptodon ventorum** e **H. calciculus**) e Eoceno superior (Bridger e Uinta beds) da América do Norte. O gênero **Lophiodon** Cuvier (= **Tapirotherium** Blainville), cuja fórmula dentária é idêntica à do Tapir, sendo as colinas de seus molares em crescente, é um tanto espalhado no Eoceno inferior e médio da Europa. Conhecem-se

(*) Segundo Boule (13), os Lophiodons constituíram um ramo especial, independente do dos Tapirs que parecem ter derivado, na América, de formas vizinhas do **Systemodon,** como o **Colodon.**

dêle uma doze espécies, cujo talhe varia entre o dum Tapir e o dum Rinoceronte (**L. Remense** e **L. Larteti**, dos lignitos de Soissonais; **L. Isselenese** Blainville, **L. tapirotherium** Bl., **L. occitanicum** Desmarest, do Eoceno médio; **L. giganteum** Desm., do calcáreo d'água doce; **L. Parisiense** Gervais, do cálcareo grosseiro; **L. rhinocerodes** Blv., do bohnerz; **L. Buchsovillanum** Blv. e **L. tapiroideum** Blv., do calcáreo d'água doce; etc.). O gênero **Lophiodochoerus** Lemoine é do Eoceno inferior da França (**L. Peroni**).

Paralelamente aos **Lophiodontinæ**, desenvolveram-se na América do Norte, desde os primórdios do Terciário, os primeiros **Tapirinæ**, de Pm e M mais simples e mais triangulares, com os gêneros **Systemodon** Cope (**S. semihians**), do Eoceno inferior (Wasatch beds), **Isectolophus** Scott e Osborn, do Eoceno superior. Seguiram-se **Colodon** Marsh, do Oligoceno da América do Norte, **Protapirus** Filhol (diversas espécies), do Oligoceno da Europa, onde sucederam os Lophiodon, e América do Norte, **Tapiravus** Marsh, do Mioceno (**T. validus** Marsh) e Plioceno (**T. rarus** Marsh), dos Estados Unidos, de Pm mais quadrangulares (tronco provável dos verdadeiros Tapirus), **Palaeotapirus** Gaudry (= **Paratapirus** Dépéret), do Mioceno inferior da Europa (**P. helveticus** Meyer sp.) e do Japão (**P. yagii** Matsumoto sp.). O gênero **Tapirus** mostra-se pela primeira vez no Mioceno da Eurasia, onde é fóssil também no Plioceno. Na América do Norte, as ossadas fósseis dêste gênero, até agora conhecidas, são do Pleistoceno.

Subfamília **Tapirinæ**

As duas cristas transversais dos M inferiores formam ângulos retos com o eixo longitudinal da coroa. Nas formas geologicamente mais antigas, os Pm são mais simples que os M; nos tipos mais recentes, são molariformes.

Tapirus Linneu (= **Rhinochoerus** Gray ou **Elasmognathus** Gill ou ainda **Hyrachius** Filhol não Leidy). Ossos nasais curtos, elevados, pontudos, suportados às vezes por um septo. F. D.: 3/3 I; 1/1 C; 4/3 Pm; 3/3 M. Primeiro Pm superior triangular e tritubercular; os outros três, oblongos.

Os C superiores são separados dos I por um curto intervalo e dos 1.os Pm por um largo diástema. Primeiro Pm inferior triangular; os outros dois, molariformes. C inferiores separados dos 1.os Pm por um largo diástema. Mãos tetradáctilas; pés tridáctilos.

Atual. Fóssil na Europa, Ásia (Mioceno e Plioceno) e América (Pleistoceno).

Segundo parece, foram Devèze e Bouillet os primeiros a assinalarem, no seu "Essai géologique et minéralogique sur la montagne de la Boulade", ossadas de verdadeiros Tapirs fósseis. A espécie mais antigas (**T. helveticus** Meyer ou **Hyrachius intermedius** e **Zeilleri** Filhol) é do Mioceno inferior da Suíça, Alemanha meridional, Hungria, França, etc. O raro **T. suevicus** Fraas é do Mioceno médio de Steinheim. O **T. priscus** Kaup ("Osséments fossiles du duché de Darmstadt"), fundado sôbre mandíbulas um pouco maiores que as do Tapir da Auvergne, com o orifício mentoniano colocado mais adiante mesmo que nos Tapirs atuais, e o **T. Hungaricus** Meyer são do Mioceno superior de Eppelsheim (areias), onde foram encontrados com restos de Mastodontes, Dinotérios e Rinocerontes (Hungria, etc.). Outras espécies foram ainda encontradas na Europa, como o **T. elegans**, o **T. minor** Gervais e o **T. arvernensis** Croizet e Jobert ("Recherches sur les osséments fossiles du département du Puy-de-Dôme), do Plioceno. Um grande número de ossadas da última espécie (**T. arvernensis**) foi recolhido por De Laizer e Bravard, na Auvergne, e por Aymard, nos aluviões vulcânicos antigos de Velai, onde se encontram também ossadas de Mastodontes e Rinocerontes. O **T. arvernensis**, a despeito de sua grande semelhança com os Tapirs atuais, dêstes se distingue, entretanto, por muitas particularidades anatômicas. De Blainville, em sua "Ostéographie" do Tapir, citou essas diferenças e Laurillard, no "Dictionnaire Universal d'Histoire Naturelle", assinalou — segundo Chénu ("Encyclopédie d'Histoire Naturelle") — o fato de que no **T. arvernensis** o orifício mentoniano da mandíbula é situado acima do bordo posterior do primeiro M, enquanto que, nos Tapirs atuais, êle se acha colocado abaixo do primeiro têrço do

mesmo dente. O **Tapirus Sinensis** Owen é do Plioceno da China. Os **T.** aff. **americanus** Lund, **T. suinus** Lund (do talhe dum Porco mediano) e **T. cristatellus** Winge são do Pleistoceno do Brasil e Argentina. O **T.** cf. **americanus** (= **T. tarijensis** Ameghino) é encontrado também no Pleistoceno (Plioceno?) de Tarija, na Bolívia (*).

Tôdas as formas terciárias da Europa são mais afins ao **T. indicus** atual, da Ásia, que aos atuais Tapirs americanos e, segundo Merriam, a maior parte dos restos conhecidos na América (**T. Haysii**) tem mais afinidades com o **Tapirus Bairdi**, da América Central, que com o **T. americanus**, da América do Sul.

As espécies modernas vivem na Ásia oriental, Sumatra e Bornéu (**T. indicus** Desmarest) e na América Central (**T. Bairdi** Gill) e do Sul (**T. americanus** Brisson; **T pinchacus** Roulin) (**).

Segundo Boule (23), é provável que as espécies hoje extintas da Eurasia tenham sido impelidas pouco a pouco para a Índia e para as ilhas de Sonda, ao mesmo tempo que as formas norte-americanas eram impelidas para a América do Sul.

"Acha-se, assim, explicado, pela Paleontologia, um dêsses paradoxos da Geografia zoológica que tanto intrigaram, no último século, Wallace e outros naturalistas: a existência e a disjunção dos representantes atuais do gênero Tapir em regiões do globo completamente opostas". (23)

— Vemos, pois, que o isolamento do tipo arcaico do Tapir (um verdadeiro fóssil vivo — segundo a expressão de alguns naturalistas), na fauna atual, é apenas aparente, pois

---

(*) Segundo Boule (23), os animais de Tarija (**T. tarijense** Amegh.) e do Brasil (**T. suinus, T. cristatellus** e **T.** aff. **americanus**) são procedentes da América do Norte, pois foram assinalados, num depósito pleistoceno da Carolina do Sul, restos duma forma mui vizinha do **T. americanus.** Como, porém, tais restos estão associados aos de grandes Desdentados, Osborn acredita que o Tapir seja originário da América do Sul, como os Desdentados. O que parece certo é que os Tapirs da bacia amazônica e da Guiana são descendentes diretos dos Tapirs fósseis da Bolívia e do Brasil.

(**) O **T. americanus** vive em tôda a América do Sul, sendo o **T. pinchacus** confinado no Perú e Colômbia.

que o conhecimento das formas fósseis do mesmo grupo permite-nos estabelecer o seu estreito parentesco com as formas troncos dos Ongulados, como, por exemplo, com o **Palaeotherium**, tão afim com os outros perissodáctilos atuais, como os Rinocerontes e, principalmente, os Cavalos.

— Numa de nossas visitas ao Museu Estadual "Júlio de Castilhos", descobrimos, sob um montão de pedras e despojos fósseis petrificados e mui fragmentados, de gêneros indeterminados, um dente molar, igualmente fóssil, que despertou desde logo a nossa atenção.

O dente em questão (Plancha XVIII) foi encontrado junto com os restos do Mastodon de Iraí, do qual ainda falaremos. Está perfeitamente fossilizado, apresentando o mesmo aspecto do molar do proboscídeo supracitado, circunstâcias essas que — reunidas — nos permitem acreditar na contemporaneidade dos tipos em questão.

A sua analogia morfológica com os molares da mandíbula do **Tapirus americanus** atual é tão perfeita que não temos a menor dúvida em afirmar que o dente em estudo pertenceu a uma espécie do mesmo gênero, só se distinguindo dos molares do **T. americanus**, por ser de volume de 1/3, aproximadamente, maior que os dêstes.

Fizemos a comparação com os dentes da mandíbula dum crânio dum indivíduo adulto, da espécie **T. americanus**, crânio êsse pertencente ao Museu Estadual e proveniente do município de Cruz Alta, neste Estado, onde foi coletado pelo Sr. Hugo Debiasi, preparador do Museu (Plancha XVIII).

Dessa comparação anatômica resultou também concluirmos que o molar fóssil em estudo pertenceu ao ramo esquerdo da mandíbula, parecendo ser o último (3.º) da série molar.

As suas medidas são:

Diâmetro longitudinal máximo, na coroa.....	3 cms.
Diâmetro transversal máximo, na coroa.....	1,8 cms.
Altura máxima acima do alvéolo (lado interno)..	1,1 cm.
Idem, idem (lado externo).....	0,9 cm.
Distância entre os cumes das colinas transversais, tomada no meio do dente.....	1,3 cms.

— Do exposto, podemos concluir que o animal a que pertenceu o dente em questão era de talhe bem mais avantajado que o **T. americanus** atual, que mede 2 metros de comprimento e 1 metro a 1,20 mt. de altura. Êsse Tapir fóssil deve ter vivido no planalto rio-grandense, provavelmente durante o Pleistoceno, juntamente com o Mastodonte e outros mamíferos da extinta fauna pleistocênica do sul do Brasil.

— Não conhecemos os estudos de Lund sôbre as duas espécies fósseis, do mesmo gênero, que descobriu nas cavernas calcáreas do vale do Rio das Velhas, mas, dada a grande semelhança que existe entre o dente que estudamos e os do **Tapirus americanus** atual, acreditamos estar em presença do Tapir a que Lund deu a denominação específica de **T. aff. americanus,** naturalmente em alusão à sua grande afinidade com a espécie atual, homônima.

Quanto à espécie **Tapirus suinus,** de Lund, por ser de talhe menor mesmo que o **Tapirus americanus** atual, pois, segundo o autor, igualaria em tamanho a um Porco de talhe médio, não pode — por esta razão — ser objeto de cogitação, aquí.

O **T. cristatellus,** de H. Winge, é-nos desconhecido.

— Por estas razões, evitamos propor uma denominação específica própria, para o Tapir fóssil de Iraí, que difere dos já citados por seu grande talhe, pois, si assim procedessemos, estaríamos arriscados a dar, talvez, uma nova denominação a uma espécie já conhecida, batizada e classificada.

Preferimos, pois, à vista do exposto, manter, pelo menos até segunda ordem, a nossa opinião supra e considerar o molar fóssil de Iraí, como tendo pertencido a um indivíduo do tipo a que Lund denominou, especificamente, de **Tapirus aff. americanus.**

— Seria deveras interessante para a ciência a indicação duma comissão de estudiosos da Paleontologia, para explorar o jazigo fossilífero de Iraí, que o Dr. Pereira da Costa afirma ser vasto, pois, assim, poderíamos, talvez, conseguir uma melhor base para a classificação específica do tipo que é objeto do presente estudo e, quiçá, ter também a feliz opor-

tunidade de descobrir novas formas fósseis, senão para a Ciência, pelo menos para o Brasil ou para o Estado.

O Museu do Estado é a entidade à qual competem providências de tal ordem, que dependem, entretanto, da boa vontade das autoridades superiores.

Têm, pois, a palavra os responsáveis pelo bom nome de nossas instituições científicas.

III — ORDEM SUBUNGULATA

Animais comumente de grande talhe, plantigrados ou digitigrados, adaptados à vida terrestre ou aquática, de regime herbívoro. Crânio alongado e baixo, com larga região parietal. Dentição original perfeitamente buno-braquiodonte. As formas primitivas têm um par de incisivos mais desenvolvidos, transformados às vezes em defesas mais ou menos longas; os demais incisivos e os caninos, quando não faltam inteiramente, são reduzidos, ou tornam-se gradualmente ausentes. Molares tetratuberculares, sendo os premolares mui semelhantes aos molares. Ossos do carpo e tarso alternados ou seriados.

Esta ordem compreende as sub-ordens seguintes: **Embrithopoda,** de Andrew, criada recentemente, para o gênero **Arsinoitherium,** herbívoro de molares lofodontes, do Oligoceno do Egito; **Hyracoidea (Hyrax, Saghatherium, Myohyrax,** etc.); **Proboscídea (Mastodon, Elephas)** e **Sirenia (Manatus, Halitherium,** etc.).

Sub-ordem PROBOSCÍDEA

Grandes herbívoros semiplantigrados ou semidigitigrados, de patas pentadáctidas e membros altos. Distinguem-se dos outros mamíferos principalmente por sua longa tromba (probocis) móvel, preensil, percorrida pelas duas narinas, a qual vem a ser o prolongamento do nariz e lábio superior, assim como por seus incisivos de crescimento contínuo (defesas), retos ou curvos. Dentição mui especializada. Em certas formas extintas, os incisivos apresentam-se em dois pares, um em cada maxilar; em outras, existe um único par

de incisivos, seja no maxilar superior, como nas formas atuais, seja no inferior. Êsses incisivos são, inicialmente, providos de esmalte, na ponta, perdendo-o, porém, mais tarde, quando têm como única substância o marfim. Os caninos só existem nos gêneros primitivos, extintos. Premolares geralmente ausentes. Os molares são enormes, compostos por numerosas colinas de marfim, revestidas por esmalte, sendo os vales transversais frequentemente cobertos por uma camada de cimento, nas formas atuais. Nas formas mais antigas, os molares são bunolofodontes, depois lofodontes, apresentando por último, com o uso, nas formas atuais, uma plataforma onde o esmalte forma estreitas lâminas transversais. Crânio enorme, tendo o seu pêso aliviado pela existência de cavidades aeríferas mais ou menos desenvolvidas nos seus ossos. Desprovidos de clavículas. Fêmur comumente sem o 3.º trocanter. Carpo e tarso seriados. Astrágalo com trocléa ligeiramente convexa. Perôneo e calcaneum articulados.

Os Proboscidianos, que atualmente estão em vias de extinção, isolados dentro da natureza, foram muito mais numerosos do que hoje durante o Terciário médio (Mioceno superior) e superior (Plioceno), quando viviam em grandes bandos ao norte do Antigo e Novo Continentes, regiões onde não mais existem, o que prova que o clima daquelas regiões era então diferente do de hoje.

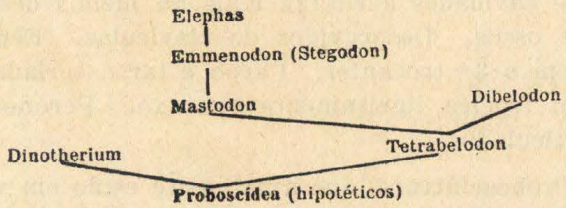
Os dois grandes gêneros **Mastodon** e **Elephas** eram então constituídos por umas trinta espécies que, durante o Terciário superior, viviam em todo o norte do Antigo Continente, ao norte da África, espalhando-se depois pelo atual arquipélago malaio que, naquela era, devia fazer parte da terra firme, depois pelo Japão e, por último, pela América do Norte (bunomastodontidos) e do Sul, onde o gênero **Mastodon** chegou até a Argentina.

Na América do Sul, os Mastodontes extinguiram-se no Pleistoceno, fato êste que bem evidencia ter sido o Novo Continente a sua última pátria, pois êles desapareceram do Antigo Mundo e mesmo da América do Norte no Pliceono.

O **Dinotherium** (Figs. 18 e 19) (*) e o **Rhynchotherium,** tipos aberrantes, nos quais os colmilhos, que existiam somente na mandíbula, eram voltados para baixo, foram contemporâneos do Mastodon, no Mioceno médio e superior e Plioceno.

Tipos curiosos eram também os **Platybelodon (Tetrabelodon) Grangeri,** do Mioceno da Mongólia, e **Amebelodon,** do Plioceno norte-americano, nos quais a mandíbula, na região sinfisiana, e os seus dois incisivos ou colmilhos eram alargados de um modo desmesurado, em forma de pá (Plancha XVIII — 4 e 5).

Edward Drinker Cope propôs a seguinte tábua filogenética, para os Proboscidianos:



P. Marcellin Boule e Jean Piveteau (13) consideram os Proboscidianos como descendentes dum tronco **Condylarthra** desconhecido, do Eoceno, do qual teria derivado imediatamente o **Moeritherium,** do Eoceno superior, e, em seguida, o **Palaeomastodon,** do Oligoceno. Do **Palaeomastodon** teriam derivado, em linha reta, os **Tetrabelodon** e, como um ramo lateral, talvez o **Dinotherium** que se extinguiu no Plioceno, sem deixar descendentes. Do **Tetrabelodon** miocênico teriam descendido, entre outras formas, os **Mastodon,** no Mioceno superior, bifurcados, desde a base, em dois grupos: **M. bunodontes,** grupo extinto no Pleistoceno, e **M. lofodontes,** também extinto no Pleistoceno, do qual, porém, teria brotado, no Plioceno, o ramo dos **Stegodon** e **Elephas,** ainda

(*) Os primeiros molares de **Dinotherium** que se descobriram foram atribuídos por Cuvier a um **Tapir gigante,** à vista da sua semelhança com os dêste gênero, si bem que sejam de volume três ou quatro vezes maior que os do último. Descobertas posteriores deram lugar à criação do g. Dinotherium.

representados por duas espécies, uma na África, outra na Ásia meridional.

Família Elephantidæ

Incisivos superiores em forma de defesas retas ou curvas, mais ou menos desenvolvidos. Incisivos inferiores pequenos, retos ou ausentes. Molares grandes, com mais de duas colinas transversais, tendo os vales transversais frequentemente cheios de cimento. Premolares geralmente ausentes. Somente um ou dois molares simultaneamente em função, sendo, depois de gastos, substituídos pelos dentes seguintes. Nas formas especializadas, a mandíbula move-se num plano horizontal, no sentido antero - posterior.

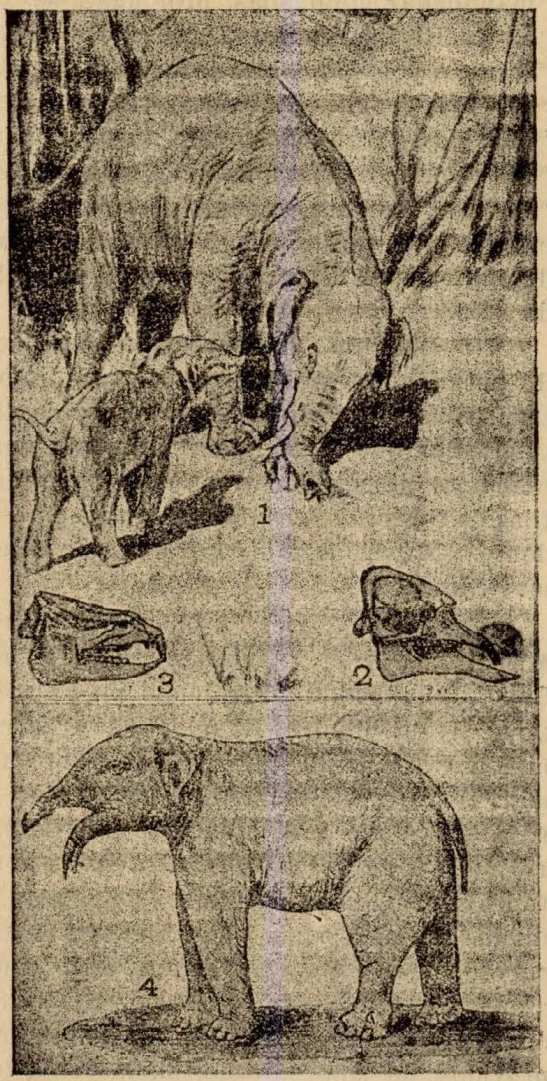


Fig. 18 — 1 e 2; **Palaeomastodon** restaurado e crânio do mesmo; 3, crânio de **Moeritherium**; 4, **Dinotherium** restaurado.

Os gêneros mais antigos da família, prováveis ancestrais das formas mais recentes, são os **Palaeomastodon** e **Phiomia** Andrews, do Oligoceno (Faium) do

Egito (Fig. 18, ns. 1 e 2). Ambos são, verdadeiramente, Mastodontes primitivos.

No **Palaeomastodon,** "a parte anterior do crânio e sínfise "mandibular, alongadas, prolongam-se, respectivamente, pe- "los incisivos superiores, um pouco oblíquos, dirigidos para "baixo, e pelos incisivos inferiores, horizontais, em forma de "pá; uma tromba horizontal, não móvel, repousava sôbre os "incisivos, aproximados para a sustentar. 3/2 + 3/3 molares "(os premolares precedidos de molares de leite), funcionando "simultaneamente e todos bilofodontes" (E. Pérrier). Duas espécies, (**P. minor** e **P. Beadnelli,** de Andrews), a primeira do talhe dum Tapir e a segunda, do talhe de um Elefante da Ásia.

No **Phiomia,** que muitos autores consideram sinônimo do anterior, os molares apresentam comumente três cristas transversais (trilofodontes), em vez de duas e, além dos dois tubérculos que formam normalmente uma crista, outros tubérculos intermediários apresentam-se nos vales, entre as filas de tubérculos principais, tendendo o dente à forma bunodonte. Os seus demais caracteres são idênticos aos do **Palaeomastodon.**

Mastodon Cuvier, 1806 (= **Tetracaulodon** Godmann; **Missurium** Koch; **Anancus** Aymard; **Dibelodon, Tetrabelodon** Cope, **Trilophodon, Tetralophodon** Falconner; **Caenobasileus** Cope, **Zygolophodon, Bunolophodon** Vacek). Crânio mui semelhante ao do **Elephas** mas de fronte montante geralmente mais baixa; maxilar superior mais baixo. Sínfise mandibular frequentemente mui alongada. Fórmula dentária: 1/0 ou 1/1 I; 0/0 C; 3-0/3-0 Pm; 3/3 M, no total 13 ou 14 dentes. Incisivos superiores em forma de defesas, encaixados em profundos alvéolos, mais frequentemente retos, mas às vezes recurvados para cima ou ligeiramente contornados em rôsca, alongados, tendo como única substância o marfim ou revestidos também por uma delgada camada de cimento ou, ainda, providos, do lado externo, duma larga faixa de esmalte. A fórmula 1/0 I corresponde aos tipos mais recentes.

No grupo dos **Tetrabelodon,** como no **Palaeomastodon,** os incisivos inferiores também existem, prolongando-se em for-

ma de defesas quase retilíneas, de tamanho mui inferior ao das defesas superiores e raramente providas de faixas de esmalte. Em algumas espécies, os incisivos inferiores desenvolvem-se sob a forma de pequenos dentes de leite, que caem oportunamente. Molares grandes, quadrilátero-alongados, com três, quatro, mais raramente cinco ou seis, altas colinas transversais, tanto simples (**sigolofodontes**), como decompostas em tubérculos em forma de mamelões (**bunolofodontes**), colinas essas separadas entre si por profundos vales tranversais. Os molares são de crescimento limitado, sendo o último pro-

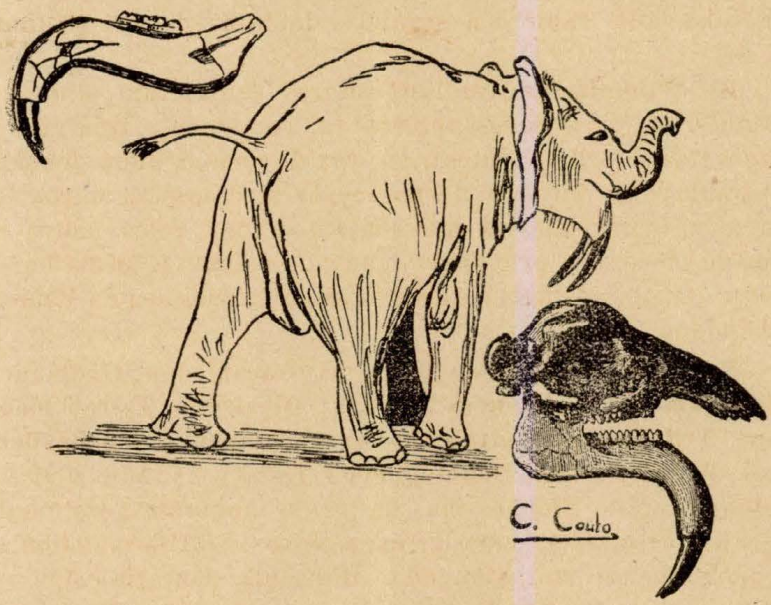


Fig. 19 — **Dinotherium giganteum** (3 a 3,5 mts. de altura). Acima: mandíbula. Ao centro: restauração. Em baixo: crânio.

vido duma colina suplementar e às vezes dum talon. As coroas dos molares são revestidas por uma espêssa e brilhante camada de esmalte, sem matéria cimentosa ou cortical que, segundo Zittel (11), por exceção, existe em alguns tipos (**M. andium** e **M. Perimense**), não chegando, porém, nestes, o cimento a encher os vales intermediários até a altura das colinas e formando apenas uma delgada camada.

LITOGLIFOS DE SÃO PEDRO

TENTATIVA DE VERSÃO

J. Tupí Caldas

Conhecendo o conceito, no qual é tido o material arqueológico das inscrições em lapas e rochedos, no ambiente científico brasileiro, que o classifica como material suspeito, não quero deixar em olvido que cientistas estranjeiros como Martius, John Branner e Saint Hilaire, para somente citar nomes universais, reconheceram nos nossos litoglifos interêsse para estudos.

O ilustrado professor de arqueologia do Curso de Museus do M. H. N. do Rio de Janeiro, Angione Costa, escreveu à página 121, de sua obra intitulada "Introdução à arqueologia brasileira", as seguintes linhas: "Inscrições ou falsas inscrições, por tôda parte se deparam, nos sertões do Nordeste, na planície amazônica, nas montanhas do litoral, nas serras do interior, ...", às quais quero, agora, ajuntar os litoglifos de São Pedro, no nosso Estado do Rio Grande do Sul, dos quais possuo uma fotografia, presente do senhor Vicentino Prestes de Almeida, reproduzida sob figura n.º 1.

Os litoglifos de São Pedro estão gravados em "arenito vermelho" (grés), formando caracteres de dez centímetros de tamanho, sendo encontrado na altura de poder ser alcançado até pelo braço humano e parte inferior da rocha, essa já coberta pelas rochas dessagregadas.

A figura n.º 1 corresponde a figura n.º 55, da obra "Etnografía de la antigua Provincia del Uruguay", de autoria do

ilustrado confrade professor Antonio Serrano, diretor do Museu de Entre Rios, República Argentina, onde foi publicada em 1936.

Como até agora não haja aparecido uma única decifração dos litoglifos de São Pedro (local do Ribeirão), procuro uma interpretação para a referida escrita rupestre, seguindo a orientação daqueles que, como Barbosa Rodrigues, Ladislau Neto, Cunha Matos, Domingos Jaguaribe, von Kozeritz e von Ihering, procuram descobrir o pensamento do autor ou autores das inscrições, revelando as suas idéias.

A tentativa de versão dos litoglifos de São Pedro obedece as bases para decifração da escrita prehistórica brasileira, segundo foi sistematizada pelo dr. Alfredo Brandão, no volume XI, da Biblioteca de Divulgação Científica, ano de 1937, dirigida pelo prof. dr. Artur Ramos.

Devo fazer notar, que não admito um "valor fundamental" nas inscrições rupestres, até aquí recolhidas em território nacional, porém estou muito longe de afirmar "que nenhum valor documental oferece essa pretensa escrita", para o estudo do passado, — como quer Angione Costa (l. c. pág. 129).

Realizando essa tentativa de versão dos litoglifos riograndenses, devo declarar que admito que tais inscrições podem revelar informações interessantes do passado e a filiação cultural dos habitantes da região, em que foram encontradas, sob influência do homem colonial europeu.

Os litoglifos de São Pedro, que estudei na fotografia oferecida pelo descobridor, estimado amigo Vicentino Prestes de Almeida, constituem "elementos dum signário primitivo", usado na Irlândia, na Ibéria, no Norte da África, nas ilhas dos Açores e Canárias.

Como "caracteres ideográficos" suponho que não foram inscritos pelos ameríndios puros; mais plausível é, que o filho de europeu e ameríndio, o "mameluco" tenha aproveitado os "caracteres ideográficos" transportados da Espanha e Portugal pelos "reinóis e ilhéos estacionários em cultura".

Passamos a realizar a tentativa de versão da escrita do arenito do Ribeirão, no Município de São Pedro, Estado do Rio Grande do Sul.

Sinal n.º 1 — E' combinação de signos etrusco e ibérico primitivo; o ibérico corresponde a outro signo sumeriano. O arco de círculo indica o céu; a figura em linhas perpendiculares indica a grande pedra = Terra (Te + ita = theta).

Sinal n.º 2 — E' a serpente do espaço; considero como derivado dum símbolo etrusco significando energia da atmosfera, sulco luminoso, podendo indicar fecundação — Serpente ou Mbú.

Sinal n.º 3 — Combinação de dois He hebraico primitivo, em posição invertida; corresponde à signo ibérico primitivo. — Os nossos "caboclos" do interior dos Municípios de Santo Antonio e Osório, ainda hoje usam êste sinal para indicar manifestação das fôrças divinas.

Possuo uma "cuia de mate", oferecida por "uma cabocla", que para assegurar amizade e agradecimento, fez-me presente de tal objeto, no qual vemos gravado um V invertido, com sete pequenos traços no ramo esquerdo; sob o mesmo signo está desenhado um pinheiro, com suas flores masculinas e femininas; a oferta foi realizada com todo o cuidado, para não despertar os atos cabalísticos, que acompanharam a entrega do mimo.

O sinal n.º 3 pode ser traduzido como "manifestação total do Deus de maior poder"; dado o fato de ser usado pelo caboclo atual na significação de "poder das chagas de Cristo", quando o V invertido é acompanhado de cinco traços paralelos cortando o ramo esquerdo, talvez a melhor tradução do sinal n.º 3 seja: "local dedicado (pertencente, oferecido) à Nossa Senhora e Jesús Cristo" ou "local português", bem como "Missões".

O sinal n.º 4, formado por um traço horizontal, donde partem traços verticais, guardando distâncias de pequenas diferenças, é evidentemente colhido no alfabeto ogâmico; assim o conjunto formado pelos quatro traços significa a letra S = sul; o quinto traço a letra L = leste; os três últimos traços a letra V = vento.

O sinal n.º 5 é representação da mão, recordando o ato de "mandar", "autoridade", "posse".

O sinal n.º 6 corresponde ao signo etrusco e ibero, que sob forma variável indica a chuva (Mi).

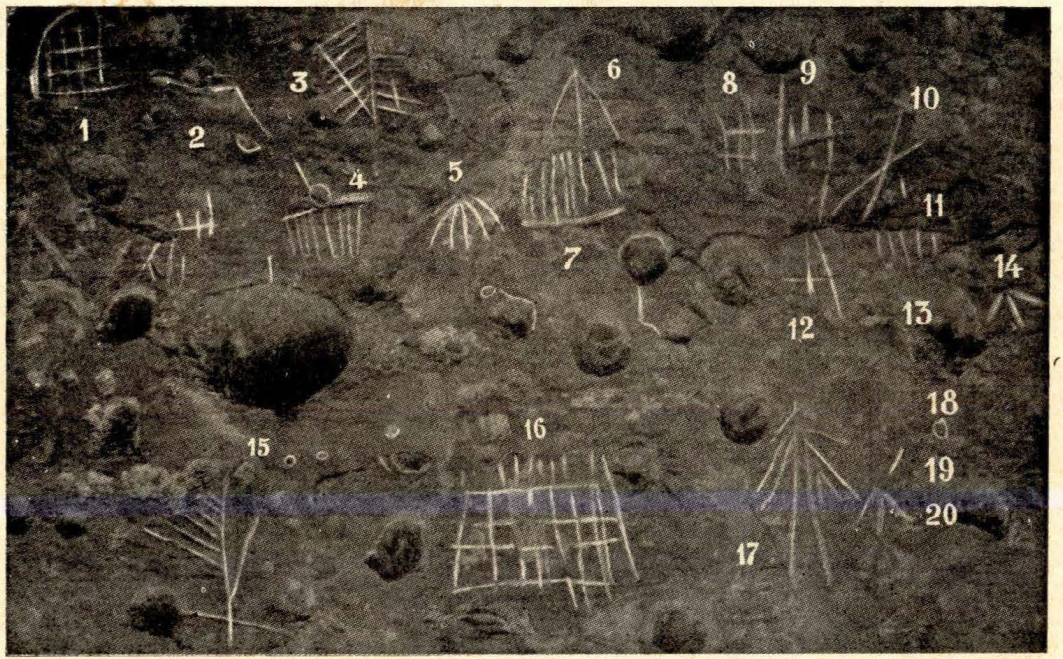
O sinal n.º 7 é ainda um conjunto de signos do alfabeto ogâmico; o primeiro traço representa a letra K = Káa = erva mate; os cinco traços seguintes a letra Q = querê = milho; os dois últimos traços a letra D = dar.

Quando concluímos a versão dos sete primeiros signos, conhecendo que o n.º 7 é cabalístico, julgamos possível formar sentido completo como demonstraremos; assim o n.º 1 tem a significação seguinte: "Quando o céu cobre a terra"; o n.º 2 indica: "A energia da atmosfera"; o n.º 3 representa a idéia "nesse local pertencente a Nossa Senhora e a Jesús Cristo (Portugal)"; o n.º 4 corresponde o pensamento: "ventos leste e sul"; o n.º 5 significa "mandar" ou "ordenar"; o n.º 6 representa a "chuva"; o n.º 7 tem significação de "dar milho e erva mate".

A nossa tentativa de versão dos sete primeiros signos, permite formular a seguinte frase: **"Quando o céu cobre a terra, aparece o raio, nesse local de N. Senhora e Jesús Cristo, acompanhado dos ventos sul e leste, que trazem a chuva, para dar abundância de milho e erva mate".**

Continuando o nosso trabalho realizamos a versão dos signos numerados de 8 à 14, obtendo o resultado seguinte: o n.º 8 é modificação do signo da "pedra contendo luz", que neste caso poderei dizer a "divindade luminosa" ou "Sol", porque ao lado direito se encontra o signo n.º 9, que indica "raios"; êsse signo n.º 9 indica "fôrça vital".

O sinal n.º 10, em forma de × irregular, é um símbolo ibérico primitivo, sendo equivalente a sinal etrusco próximo da cruz; foi usado em Creta, sendo encontrado em caracteres megalíticos da Europa; é também encontrado no alfabeto hebraico primitivo; tem sido traduzido como "imagem da di-



Litoglífos sobre "arenito", no local denominado Ribeirão, proximo à Vila de São Pedro, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil — Fotografia tirada em 1935; oferecida pelo sr. Vicentino Prestes de Almeida ao prof. J. Tupi Caldas.

vindade suprema", que o homem primitivo integralizava no fenômeno da luz solar.

O sinal n.º 11, pequeno traço, tendendo para o ponto, é símbolo do "ovo caído sôbre a Terra"; recorda idéia de fecundação ou de geração; indica origem divina da vida; assim foi usado pelos egípcios e povos das costas do mar Mediterrâneo.

O sinal n.º 12 é encontrado na Ibérica e em Creta; lembra a divinização da pedra, em conceito generalizado; melhor seria dizer culto da caverna, culto da casa, culto do local, culto da cidade, culto da Terra, culto da Mãe.

O sinal n.º 13, formado de cinco traços verticais, corresponde ao alfabeto ogâmico, como ensinou o professor Holder, no Instituto de Antropologia da Inglaterra; julgo o símbolo incompleto; está faltando a linha horizontal; no entanto, as linhas verticais partem duma linha horizontal ideal.

O sinal n.º 14 é igual ao usado para indicar a "divindade do bem", como ensina o dr. Alfredo Brandão.

Assim os nrs. 8 e 9 traduzo como sendo representação da "divindade raiada = Sol"; o n.º 10, na mais ampla generalização, "culto da Mãe", isto é, do "agente que produz e entretém a vida"; o n.º 13 significa as letras T = Todo e D = Dádivas (dar e poder); o sinal n.º 14 recorda a "divindade do bem", a parte boa de Tizil, que também se chama Ilú.

Combinando os signos sob números oito até quatorze, obtemos a seguinte sentença: **"A divindade raiada é o princípio que produz e entretém a vida. Tôda dadivosa e bondosa."**

O sinal n.º 15 é uma forma ideográfica de divindade pagã, apresentando traços paralelos num dos ramos; consideramos como signo incompleto; falta um traço; invertendo de posição o presente signo ou admitindo que êle foi inscrito de modo invertido, sua versão será **"aquí é lugar** (gravação na pedra e isolado) **do Deus Cristão".**

O sinal n.º 16 é o mais complexo; admito como sendo combinação de dois signos sumerianos; foi usado nos alfa-

betos ibérico primitivo, no grego primitivo, no egípcio, bem como em Creta; também foi registado em "monumentos megalíticos da Europa continental".

Nos dois signos sumerianos para completar o pensamento o autor da inscrição traçou oito traços verticais e paralelos, que partem duma mesma linha horizontal, o que indica uso do alfabeto ogâmico.

Assim, o sinal n.º 16 é um aglomerado de quatro "thetas dublos" em posição vertical, lembrando confusão com elementos de "heráldica medieval"; um traço = B; dois traços = L; quatro traços = S; um traço = B.

Não devemos esquecer que "theta" é a oitava letra do alfabeto greco.

Existindo, no sentido vertical, três pequenos retângulos sobrepostos e repetidos no mesmo plano sete vezes, segue-se que os "thetas duplos" têm uma "faixa de fusão", correspondendo ao quinto grupo de retângulos.

E' evidente, que essa combinação, de "thetas duplos conjugados, tem a primeira vista a representação de duas divindades masculinas e duas divindades femininas.

No signo "theta duplo" da esquerda podemos ver representado o "Deus do mar", simbolizando o criador do homem e da mulher branca (culto indígena do tambetá); o "theta duplo" da esquerda o "Deus da terra", representado na criação do homem e da mulher ameríndia (culto do muyrakytã).

Como há uma "faixa de fusão" das criaturas dos deuses do mar e da Terra, a versão que se impõe, para o símbolo mais complexo, é um simples vocábulo: **Mameluco.**

O primeiro traço vertical equivale a letra B, do alfabeto ogâmico; os dois traços seguintes têm o valor de L; os outros quatro traços significam a letra S; o último traço ainda um B.

Êsse complexo de símbolos sumariano, ibérico e ogâmico tem a versão seguinte:

Mameluco tem êsse lugar (Pátria).

(B... L) Brasil).

(S... B...) Supremo bem.

Os signos nrs. 17, 18, 19 e 20 devem ser examinados em conjunto para dar sentido completo.

O sinal n.º 17 é representação dum vegetal, talvez um "Butiazeiro" ou "butiá", abundante no planalto como registou Martius e Lindmann.

O sinal n.º 18 é o círculo, símbolo da **divindade**, recordando o olhar que ordena alguma cousa; o n.º 19, formado dum pequeno traço, significa **fôrça, poder, raio**; o n.º 20 é representante da "chuva".

Assim, a versão que apresento é a seguinte:

"A deusa da brisa (Tsi) manda a chuva para o vegetal".

Até agora, os litoglifos de São Pedro constituíam uma interrogação, embora divulgados no estranjeiro, há alguns anos; nossa tentativa de versão, que é a primeira, não tem outro fim que colaborar ao lado daqueles que têm examinado os caracteres rupestres do Brasil, filiando a sua inscrição a mão enérgica dos sertanistas dos séculos dezessete e dezoito.

Estandarte da antiga Câmara Municipal de Rio Pardo

Em sessão ordinária realizada pelo "Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul" a 21 de julho do corrente ano, o ilustre Prof. J. Tupí Caldas teve oportunidade de chamar a atenção de seus confrades para duas valiosas peças que se acham recolhidas ao "Museu Júlio de Castilhos", oferecidas pelas autoridades de Rio Pardo.

Trata-se de uma bandeira com as armas reais de Portugal e do tope da haste que a sustentava, isto é, uma esfera armilar e coroa.

Não tendo comparecido à citada sessão do "Instituto", posteriormente externei meu ponto de vista a diversos confrades, entre os quais o Prof. J. Tupí Caldas, Dr. Eduardo Duarte, Capitão De Paranhos Antunes, Dr. Dante de Laytano e Prof. Walter Spalding, dizendo que eu acreditava terem as citadas peças pertencido à antiga Câmara Municipal de Rio Pardo. Designado, na mesma sessão do dia 21, para relator da proposição apresentada pelo Prof. J. Tupí Caldas, dividí o assunto a ser estudado em duas partes: 1.º) a bandeira; 2.º) a esfera armilar e coroa.

Com o fim de melhor esclarecer esta questão, após estudá-la resolví consultar as maiores autoridades no assunto no Brasil e escreví aos ilustres Dr. Afonso de Taunay, Clovis Ribeiro, Washt Rodrigues e Francisco Marques dos Santos, aos quais dedico êste estudo.

Bandeira

Tem a forma de um trapézio retângulo e suas medidas são 145×95×110×104 centímetros (foto n.º 1).

Anverso — O pano é de damasco de sêda, branco, guarnecido de galões e de franja de ouro, e tem ao centro, inclinadas, as armas reais de Portugal, em estilo barrôco e bordadas a ouro, prata e sêda vermelha e amarela (foto n.º 2).

Até agora, a peça em estudo foi por nós genericamente chamada de bandeira; deverá, no entanto, ser denominada "estandarte", por que esta é a sua verdadeira denominação, devido à sua forma, à colocação das armas reais, e, sobretudo, porque é franjada.

Antigamente, no exército o "estandarte" era privativo da cavalaria e a bandeira da infantaria. As Câmaras Municipais, no entanto, usavam, igualmente, estandarte. As flâmulas das ordens religiosas tinham, e têm ainda hoje, a forma de pendão.

Excluímos a possibilidade desta peça ter pertencido a um regimento de cavalaria, por que os estandartes militares, além de serem retangulares, às vezes tinham monogramas nos cantos, e tinham as armas reais em ponto menor que as contidas no estandarte procedente de Rio Pardo.

O fato do pano ser de damasco de sêda branca — como poderia ser em outra côr — não tem importância neste caso.

Em Mogy das Cruzes, a Câmara Municipal possue um estandarte — presente do Marquês de Pombal ou de Dom José I à municipalidade mogyana — que seria igual ao da foto n.º 1 se não fôra o pano de damasco vermelho sôbre o qual estão bordadas, a ouro, as armas portuguesas, em posição otogonal. O "Museu Paulista" possue um estandarte, da mesma época, pertencente à antiga Câmara Municipal de São Paulo e muito menor que o de Mogy das Cruzes, tendo o fundo azul sôbre o qual estão bordadas as armas reais de Portugal. No "Arquivo Municipal" do Rio de Janeiro há um estandarte executado, mais ou menos, com o mesmo material com que foi confeccionado o que consta da foto n.º 1.

"Do Rio de Janeiro, a mais antiga bandeira de que temos notícia é o estandarte do Senado da Câmara, que serviu na recepção da família real portuguesa, a 8 de Março de 1808. Era de sêda branca, com franjas e galões de ouro, tendo dentro de um escudo em estilo barrôco, bordado a ouro, prata e sêda amarela e vermelha, a imagem de São Sebastião, pintada a

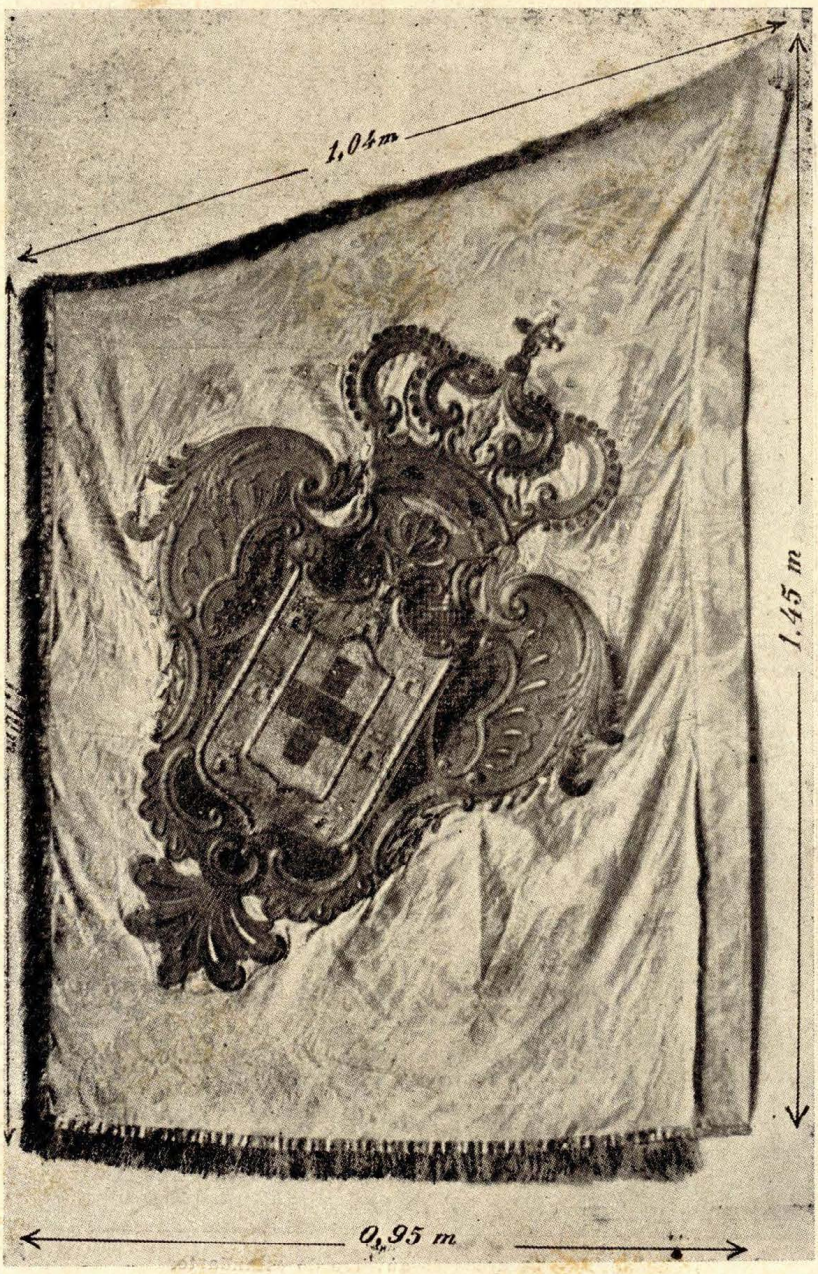


Fig. 1 — Anverso do estandarte.

Fig. 2 — Detalhes do anverso do estandarte.

óleo". Armas reais de Portugal, encontram-se no anverso dêste estandarte. Por esta descrição, vê-se que o material usado no estandarte existente no "Museu Júlio de Castilhos" é quase o mesmo, senão idêntico ao que foi empregado no estandarte do Rio de Janeiro.

O estilo em que está bordado o escudo da peça em estudo é puro estilo Dom José, assim como no tempo de Dom José poder-se-ia executar um escudo Dom João V. O fato do escudo ser em estilo Dom José não nos dá nenhum informe a respeito da época em que êste estandarte foi confeccionado, porquanto estes estilos (Dom João V e Dom José) eram usuais em épocas posteriores ao seu tempo. Êste escudo está de acôrdo com a tradição, na forma, côres e detalhes. O essencial é a exatidão no escudo propriamente dito, não importando o resto, que se incorpora nos caprichos com que um paquife era geralmente elaborado.

Reverso — No reverso existe um outro escudo, semelhante ao do anverso, porém, contendo uma oleogravura recente, em flagrante contraste com a vetustade da peça (foto n.º 3).

Encontramos aquí duas probabilidades: 1.º) a existência de armas reais, como no anverso, o que é pouco provável; 2.º) a existência de imagem de Nossa Senhora do Rosário — e esta é a hipótese mais plausível — pintada a óleo, ou bordada a matiz, ouro e prata.

Era uso antigo terem os estandartes, assim como os pelourinhos, de um lado as armas reais e do lado oposto a imagem do padroeiro da cidade ou vila. Concluo pela Santa, em vez de armas reais, atendendo que o estandarte da Câmara do Rio de Janeiro — quase idêntico ao nosso — ostenta no reverso a imagem de São Sebastião. Levando em conta que a tinta a óleo deixa, com o tempo, a sêda muito quebradiça, e, talvez, devido à má conservação do estandarte, é provável, senão quase certo, que a sêda tenha se esfacelado, e foi então retirada por meio de tesoura e em seu lugar foi colocada a oleogravura, ou por motivos econômicos, ou por não se ter encontrado pintor competente para substituir a pintura primitiva. Também pode ter acontecido que a pintura antiga, por motivo de urgência (procissão, etc.), tenha sido substituída

pela oleogravura, e que esta aí então tenha permanecido até hoje.

Em resumo, com o tempo, pela destruição da primitiva imagem de Nossa Senhora do Rosário, foi colocada a oleogravura já citada.

Passo agora a tratar da época, mais ou menos exata, em que foi confeccionado o citado estandarte.

Examinando com atenção esta peça, verifiquei que, sob as armas reais de Portugal, como enchimento para dar relêvo ao bordado, havia diversas fôlhas de papel, recortadas segundo os contornos do escudo. Aos poucos e com grande cautela procurei extrair de seus lugares estas fôlhas de papel, na esperança de encontrar nelas algum indício que me orientasse na identificação perfeita de tão belo estandarte. Assim, consegui retirar cinco fôlhas de papel recortado, sendo que uma delas — a do centro do escudo — está quase intacta, pois tem apenas os bordos superiores levemente aparados. Êste material, retirado na presença de funcionários do "Museu Júlio de Castilhos", foi por mim entregue ao diretor desta repartição pública.

Ao examinar o papel, logo dois elementos constantes da "marca d'água" despertaram a minha atenção:

1.º) o papel, evidentemente, é de fabricação inglêsa, pois lá se encontram, bem visíveis, encimadas por coroa real, as armas do Reino Unido da Grã-Bretanha (Inglaterra, Escóssia e Irlanda), representadas pelos elementos dos seus brazões.

2.º) o segundo elemento gravado em "marca d'água" nas citadas fôlhas de papel se acha situado à esquerda das armas reais inglesas e é decisivo para fixar a época em que o estandarte foi elaborado. Bem visível, com absoluta nitidez, lá se encontra assinalado em "marca d'água" o ano de "1810".

Esta descoberta veio demonstrar, cabalmente, que o estandarte só poderia ter sido executado depois de 1810.

Pelo exposto, opino que o citado estandarte é aquele que pertenceu à antiga Câmara Municipal da vila de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, e foi mandado confeccionar, provavelmente no Rio de Janeiro, pouco depois da instalação da Câmara de Rio Pardo, em 1811.

Fig. 3 — Reverso do estandarte. Imagem de Nossa Senhora do Rosario de Pompéia, bastante maior que o escudo propriamente dito.

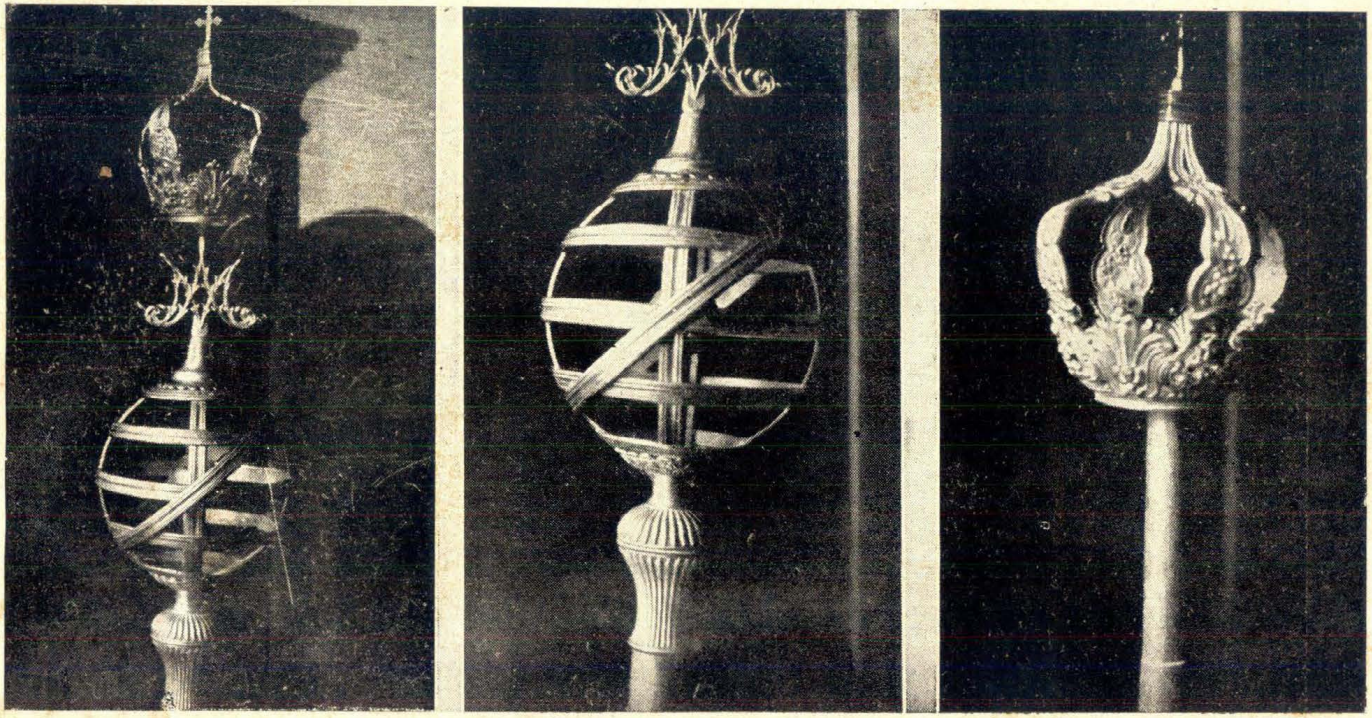


Fig. 4 — Tope da haste do estandarte. Vê-se o conjunto, e separadamente a esfera armilar e a corôa.

Esfera armilar e coroa

Trata-se de uma esfera armilar com cêrca de 12 centímetros de diâmetro, sôbre a qual está assentado o monograma "A. M." e sôbre êste uma coroa que termina em pequena cruz. O conjunto está fixado por um eixo de ferro, que percorre as diversas partes da peça, terminando na base da coroa (foto n.º 4).

A esfera armilar é em estilo da época de D. Maria, e com seu monograma "A. M." e a coroa, pertencia à haste do estandarte.

E' perfeitamente justificável que, desde o início, o monograma "A. M." e a coroa existissem juntamente com a esfera armilar, em razão do nome da vila: "Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo". E nisso não há atentado à boa praxe, mormente se atentarmos para o espírito religioso do povo, para a influência do clero, e, também, como sendo homenagem à padroeira da vila.

O tope das bandeiras no século XVIII era rematado por uma "pêra" barrôca, e no tempo do Príncipe Regente Dom João por esferas armilares, como no caso desta que ora tratamos (foto n.º 5).

Quanto à coroa que encima esta peça, ela é de linha Dom João V, como, em geral, tôdas as coroas desta época (existindo, no entanto, algumas em estilo Dom José e outras em estilo D. Maria), enfim afetando a linha barrôca (foto n.º 6).

As ordens religiosas não tinham insígnias de semelhante composição. A esfera armilar atesta que se trata de um atributo profano ou político. As letras "A" e "M" entrelaçadas — abreviação de "Ave Maria" — e a coroa formam o símbolo particular de Nossa Senhora do Rosário, que é a padroeira de Rio Pardo.

Devemos ainda esclarecer que esta peça não se assemelha a uma maça, porquanto esta era usualmente levada ao hombro pelos almotacés da Câmara, e neste caso ela deveria ter uma haste de prata com uma corrente e teria a coroa "real" e não o monograma e a coroa.

Concluímos, também, que na peça em estudo não há nenhuma adulteração pela superposição do monograma "A. M." e da coroa.

Conclusão

As valiosíssimas peças remetidas pelas autoridades de Rio Pardo ao "Museu Júlio de Castilhos" são: O estandarte da antiga Câmara Municipal da vila de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, e o tope (esfera armilar e coroa) da haste que sustentava êste estandarte.

Dr. **Mario Teixeira de Carvalho**
Relator.

O magnífico trabalho de investigação histórica do prezado confrade Dr. Mario Teixeira de Carvalho, sôbre a origem da bandeira doada pelo Município de Rio Pardo ao Museu do Estado, nenhuma dúvida mais deixa pairar de que o estandarte em aprêço pertenceu de fato à Câmara Municipal de Rio Pardo, ficando destruída a hipótese de haver pertencido à Câmara do Rio Grande como queria o professor Tupí Caldas, outro ilustre e eminente confrade. O nosso Instituto Histórico está de parabens com o trabalho apresentado pelo Dr. Mario Teixeira de Carvalho, profundo conhecedor de heráldica, que enche de justo orgulho os seus pares. Como complemento ao trabalho dêste nobre confrade, quero juntar ao mesmo alguns documentos, que corroboram e atestam a verdade de suas asserções. Trata-se de documentos copiados pelos meus amigos e conterrâneos Pedro Castelo Sacarello, velho historiador Riopardense, e Biagio Tarantino, Diretor do Museu Barão de Santo Ângelo, daquela cidade.

Como se sabe Rio Pardo foi elevado a Vila em 1809, sendo sua Câmara instalada em 1811. Logo depois de instalada a Câmara, cogitaram os seus vereadores de mandar vir do Rio de Janeiro um estandarte que fôsse o símbolo da nova Vila erguida no Sul do Brasil. Para isso já no dia 26 de Junho de 1811, acordaram "que se mandasse vir com dinheiro de Fisco

do Rio de Janeiro hum Estandarte de Damasco Carmezim goarnecido de franja de Ouro Cujo Estandarte se encarregou mandar vir o Juiz Ordinario o Capitão Coelho Leal"... A côr carmezim foi mudada, depois, como veremos. A 2 de Julho de 1811: "Acordaram que o estandarte que se mandou vir deve ser com Gallão e franja de Ouro com a Estampa da Padroeira de um lado e doutro lado as Armas Reaes"... Fala-se aí claramente na estampa da padroeira de um lado e isto explica porque o estandarte recolhido ao Museu do Estado tem de um lado a Imagem de N. S. do Rosário e do outro as armas do Brasil-Colônia.

O têrmo de vereança de 11 de Abril de 1812, declara que foi incumbido o Capitão Joaquim Pedro Salgado de adquirir no Rio o estandarte pela quantia de quatrocentos mil réis, mais ou menos. E a 13 de Fevereiro de 1813 lê-se: "Nesta mesma veriança se Recebeo o Estandarte vindo do Rio de Janeiro para este Concelho na forma que os Offeciaes da Camara que acabou o pedirão".

Eis a fatura do referido Estandarte conforme cópia autêntica em meu poder: "Rio de Janeiro 17 de Dezembro de 1812. Fctura de hum Estandarte e seus pertences que tenho Carregado desta Cidade para Porto All e. e no Birgantim Aleluia sne Luciano José de Oliveira por conta errisco do Illmo. Senado da Camara de Rio Pardo epor ordem do Sr. Capitam Joaquim Pedro Salgado, aintregar ao Sr. Custodio José Teixeira deMag. es e auz a s/o.

A Caixão
P

---

2 Tarjas bordadas deouro pa. o Estand.e	153$000	307$200
1 Talabarte do dito bordado		25$600
1 Esfera dourada		134$400
1 Astia depau forrada de veludo		1$280
1/3 develudo pa. forro dod.°		1$600
Feitio aoCorrieiro deforrar		1$920
1 Fivela deprata otalab.°		4$500

4 e 5/6 Cs. de Damasco branco pa. oEstand.e	3200	15$465
5/8 deOlandilha pa. aBainha		$300
3/0, 7/8, 3/4 de galão deOuro pa. ada.	3200	12$700
4/0 4/8 de Franja deOuro pa. ada.	D.º	14$400
1/2 Va. de fita brancapa. amarrar		$070
5 Borllas comseus cordoens defio deouro eretros.....		60$000
Feitio doEstandarte, edepregar as tarjas eretros pa.Cozer		14$000
2 Pessas de Garrazes pa.envolsa	3360	6$700
1 Caixão pa. conduzir o Estand.e		2$240
Emp. e. doEmserado		1$970
Carreto eGuimd.e		$120
		604$485
Drº q meremeteo o Sr.Cap.Joaquim Pedro Salgdº pa. esta encomda.		300$000
		304$485
Premio nesta quantia a 15 p 100		45$672
	Rs.	350$157

	350$157	
Frete the Rº Pardo	1$440	
Soma	351$597	Miguel Ferr.ª Gomes".

E o estandarte da velha Câmara de Rio Pardo passou a figurar no "Livro de Inventários dos Livros e Móveis da Câmara", desde então. Em 1816, lá está a fls. 2 — "Hum Estandarte de Damasco".

Preciosa relíquia da então Vila de Rio Pardo, atestando a soberania do velho Portugal no extremo sul do Brasil, o Estandarte que o Museu Júlio de Castilhos hoje guarda, é uma peça de alto valor histórico e devemos bendizer o professor Tupí Caldas por ter agitado esta questão esclarecendo-se em definitivo a origem no tempo e no espaço do vetusto e belo símbolo Brasil-Colônia, conservado até há pouco pelo Município de Rio Pardo e por êle entregue ao Museu do Estado, depositário das tradições gaúchas.

De Paranhos Antunes

Os ilustres confrades Dr. Mario Teixeira de Carvalho e De Paranhos Antunes, em eruditos pareceres, não deixaram dúvidas sobre a identidade da bandeira recentemente doada pelo município de Rio Pardo ao Museu do Estado. Não ficaram pontos a esclarecer: o estandarte em questão, pertenceu, de fato, à Câmara Municipal de Rio Pardo.

Manoelito de Ornelles

De pleno acordo

P.e **Luiz Gonzaga Jaeger**, S. J.

DISCURSO

do sr. Ministro Bernardino José de Souza, na sessão solene de 14-XI-1939

Senhores.

Êste ambiente, meus generosos confrades do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, não me é estranho: se somente agora tenho a grande honra de vos conhecer pessoalmente e a cordial satisfação de vos tributar as homenagens de minha velha estima e viva simpatia, já me havíeis distinguido de há muito inscrevendo o meu modesto nome entre os vossos sócios correspondentes. E' que haviam chegado aos vossos ouvidos, mais que a notícia de minhas modestíssimas contribuições para o conhecimento da geografia e da história pátrias, os ecos de minha devoção irrestrita ao Instituto congênere da gloriosa Baía, ao qual por vinte e três anos a fio dei o melhor das energias de minha mocidade e o mais desinteressado esfôrço do meu civismo.

Hoje me recebeis entre palmas como a dizer ao confrade nortista que não foi em vão a semeadura espalhada e que, levitas do mesmo sacerdócio, aplaudís todos os seareiros que mourejam dia sôbre dia na conservação das altas memórias da Pátria comum, no culto de suas tradições, na vigilância de seu renome, na pugna pela sua grandeza moral e material.

A luz dêste critério explica-se à maravilha a recepção que me fazeis e que agradeço profundamente comovido.

Em verdade nós nos conhecemos de há tempos: de mim sabeis o nada que fiz à frente do Instituto Histórico e Geográfico da Baía, mas que se resume na construção de sua sede ainda agora a mais ampla e suntuosa de todo o Brasil,

graças sobretudo a cooperação patriótica de todos os brasileiros de boa vontade, inclusive dêste generoso Rio Grande do Sul. De vós eu sei que êste Instituto é hoje um dos mais operosos e ativos entre quantos, fronteiras a dentro da Pátria, estudam a sua geografia e a sua história: que o digam os Congressos que tendes realizado, as publicações que tendes feito e sobretudo a vossa bela e conceituada Revista, das melhores que no gênero se publicam no Brasil.

Estamos num templo em que se professa uma ciência sagrada: aquí se reunem hoje duas Instituições culturais para comemoração do radiante advento da República no Brasil, e nas aras desta Faculdade, ouvindo as ressonâncias do passado, realizamos um dos sacrifícios da religião da Pátria e alimentamos os melhores anseios pela grandeza nacional.

Por isso é que aquí me sinto como naquele outro lar da Pátria em terras da Baía: respirando a peito cheio os ares de vossa generosa acolhida, transporto-me nas asas do pensamento à oficina em que prestei ao Brasil os melhores serviços que lhe podia oferecer.

E como somos iguais nos sentimentos, nas aspirações, no desinterêsse, na devoção, no amor ao Brasil!

Não me surpreende a vossa cativante recepção: eu vos sabia fidalgos de raça, sempre a derramar as abundâncias da vossa generosidade sôbre os que vos vêm trazer os protestos de sua solidariedade e simpatia na obra altamente patriótica do vosso preceituário que se resume na máxima aspiração de uma Pátria feliz, próspera, pacífica, unida, forte, grande pela riqueza e maior pelos sentimentos morais de seus filhos.

Sentindo de perto as pulsações da fraternidade do grande coração gaúcho eu vos agradeço o momento feliz que me proporcionais e que nunca jamais se apagará de minha retentiva. Hão de valer os votos que se fazem do mais profundo do coração e tais são os que ora faço aos Céus, exorando se derramem a mancheias sôbre os vossos lares as bênçãos da felicidade e sôbre o Rio Grande os favores de uma constante prosperidade.

Meus ilustres ouvintes: Conhecer de visu o Rio Grande do Sul era uma das minhas grandes ansiedades de brasileiro. Desde os bancos escolares me encantava a descrição da vossa terra, desde a cinta branca das dunas do litoral até as raias da Argentina, da corrente marulhosa do Uruguai ao norte às ourelas do Jaguarão e Quaraim ao sul, e me soavam aos ouvidos, em notas marciais, os acentos da vossa história, quase tôda entretecida de prélios magníficos, de sacrifícios sem conta, de heroísmos singulares. Desde então gravaram-se-me indelevelmente no espírito e no coração a pompa e a beleza do torrão riograndense e os traços vigorosos dos gaúchos, preciosas partículas materiais e morais do nosso estremecido Brasil.

Com o amadurecer dos anos e por fôrça dos pendores mais fortes de minha modesta inteligência foram aumentando os meus conhecimentos a vosso respeito. Professor de Geografia e História, especialmente do Brasil, fui a pouco e pouco penetrando os segredos da vossa terra e da vossa gente e quanto mais vos conhecia, de longe embora, mais se me radicava o sentimento de orgulho pela vossa companhia no concêrto nacional.

Tardou a oportunidade, mas chegou em tempo de vos dizer o meu contentamento de brasileiro ao transpor as raias do Rio Grande: pisando a sua gleba, à vista de seus belos e fartos rincões, ao contacto do seu brioso e ativo povo, cresceu-me a fé no futuro grandioso do Brasil.

Do que havia lido e tenho observado e sentido desde que entrei a palmilhar a estremadura brasileira, verifico a realidade dos juízos que, de ouvido e leitura, fazia em tôrno do vosso Estado. Numa amplitude de 285.000 quilômetros quadrados estendem-se terras ferazes, desatam-se campos magníficos, correm águas abundantes, sopram ares benignos, vicejam aglomerações felizes, surgem povoações futurosas, crescem cidades adiantadas, por tôda a parte núcleos de trabalho ativo onde se constrói e robustece a civilização brasileira, aquí a fábrica, acolá o engenho, além as vossas celebradas estâncias, o arrozal, o vinhedo, o erval, os rebanhos, tudo num esplêndido ritmo de trabalho, de progresso e de

paz. Eu vos imaginava assim e assim vos vejo entre alegrias cívicas. Encantou-me sempre o vosso linguajar característico, singular matiz do gauchismo que os aspectos da vossa gea e as vicissitudes da vossa formação explicam e justificam a tôdas as luzes. Que sainete de graça e de propriedade, de opulência e de individualidade, não emprestais à geografia brasileira quando se lê que o Rio Grande do Sul é a terra das **coxilhas** e das **cerrilhadas**, com os seus **lançantes** e as suas **descambadas**, com as suas **recostas** e os seus **repechos**; a terra dos **aparados** e dos **taimbés**, dos **cerritos** e das **guritas**; a terra dos **banhados** e das **sangas**, dos **lageados** e das **aguadas**, do **pampa** e da **campanha**, das **canhadas** e dos **vargedos**; a terra do **minuano** e do **pampeiro**; a terra das **estâncias** com os seus **alambrados** e **potreiros**, os seus **galpões** e **mangueiras**; a terra das **invernadas** com os seus **rodeios**, **pastorejos** e **albardões**; a terra das **tropilhas**, das **quadrilhas**, das **canchas** e **califórnias**, dos **baguais** e dos **monarcas**; a terra dos **tambos** e **pulpérias**, dos **ranchos** e **ramadas**, dos **saladeiros** e **tabladas**; a terra dos **tapejaras**, dos **vaqueanos**, dos **mambiras**, dos **berivas**, dos **baiquaras** e **chirús**; a terra da **bomba** e do **chimarrão**, do **churrasco** e do **puchero**; a terra das **bombachas** e dos **chiripás** e **ponchos**; da **chimarrita** e da **tirana**; a terra dos **pagos**, das **querências** e dos **fogões**; a terra feliz da **indiada coronilha**, da **peonada campeira** e mais que tudo da **gauchada** altiva e linda, garbosa e brava, essencialmente brasileira.

Há em tudo isso, meus generosos compatrícios do Rio Grande do Sul, um mundo de evocações e de tradições que constituem o alicerce da vossa personalidade histórica e se projetam significativas na amplitude do Brasil. E faço votos, meus senhores, por que êsse potencial de energias morais não desapareça ao contacto de influências estrangeiras que, por má compreensão nossa, já têm apagado belos e originais traços do panorama social nativo.

***

Se da bela e animadora geografia que vos enfeita e encarece o território, contemplamos a vossa história trepidante e gloriosa, a desenhar o perfil dos **guascas** criados aos exemplos de heroísmos de todo o gênero, mais se tranquiliza o coração de todos os brasileiros, que sabem ter nas extremas do sul vedetas alertas de sua dignidade e segurança. E' com orgulho nacional que lembro numa volta de mão a evolução riograndense, desde o batismo da cruz até os dias que correm na placidez das colmeias operosas.

Das caravelas lusitanas que na primeira metade do século XVI andaram a explorar de barra a barra o litoral da Terra de Santa Cruz, foram as do comando de Martim Afonso de Souza as que primeiro perlustraram a costa que vai do Mampituba do Chuy e, segundo tôdas as probabilidades, em que pese a opinião do Visconde de S. Leopoldo, cabe a êsse grande capitão a denominação de S. Pedro para a entrada do canal do Rio Grande.

Foi assim que S. Pedro, que já era e será sempre o guardião das chaves celestes, se tornou o padroeiro de vossa gleba querida. O que é verdade é que S. Pedro do Rio Grande já aparece nos mapas do século XVII. A posse e a penetração tardaram, porém, de quase dois séculos e as suas alternativas e tropeços justificam à saciedade quantos nomes andaram a disputar a vossa definitiva individuação: Continente do Rio Grande, Continente de S. Pedro, Continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul (Francisco Betamio - 1780), Rio Grande de S. Pedro; depois Capitania de S. Pedro (Carta Régia de 19 de Setembro de 1807), Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Província do Rio Grande do Sul; afinal Estado do Rio Grande do Sul. Ficastes definitivamente brasileiros riograndenses, crismados de **gaúchos** ou **guascas**, numa orgulhosa evocação dos ancestrais que abriram sulcos profundos ao longo de vossas lutas nas artes da guerra e da paz. Até que tivéssemos colocado na vanguarda meridional do Brasil a atalaia do vosso território muito sangue correu, muitas vidas se foram, muitos cabedais se gastaram. "O Rio Grande nasceu da guerra e tinha de embalar-se e crescer, de educar-

se ao som e ao alarido dos toques de rebate e dos ímpetos da luta" (João Ribeiro). Isso faz compreender de fundamento as características do **gaúcho** e o timbre imaculado da vossa gente.

Onde habitavam outrora os valorosos **charruas**, as bravias tribus de carijós, arachanes, guenoas, guannanás, tapes e minuanos, penetraram quase ao mesmo tempo os bandeirantes de Piratininga e de Laguna pelo norte e os missionários espanhóis pelo Oeste até os campos da Vacaria.

Pelo lado do mar grosso a colonização só se inicia em 1737, com a fundação de José da Silva Paes, na entrada da "Barra diabólica", como aprouve a Gomes Freire de Andrade denominar a bôca oceânica do desaguadouro da lagoa dos Patos. Há dois anos comemorastes em expressivas cerimônias o segundo centenário dêsse faustoso acontecimento e delas ficaram dois monumentos imperecíveis: a estátua do **condotiere** no teatro mesmo de sua criação e os três volumes dos Anais do Congresso comemorativo, onde se nos mostra o brilho da cultura riograndense.

Rio Grande era a porta de entrada: surgiram depois, de longe a longe, Viamão e o Pôrto dos Casais (1742) que a feliz inspiração do Governador José Marcelino de Figueiredo transmudou tão à justa em Pôrto Alegre (24 de Julho de 1773) e, depois, Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Triunfo, Gravataí, Estreito, Mostardas, Vacaria, Conceição do Arroio e quantos outros núcleos que foram à porfia senhoreando a terra e distendendo para o ocidente a bandeira lusa. Terra a dentro, na bacia do Uruguai, desenrolou-se no século XVIII um dos mais dramáticos apisódios da constituição territorial do Brasil. Encontraram-se então, em refregas sanguinosas, as avançadas das conquistas portuguesa e espanhola, esta sob a bandeira de Cristo trazida àqueles rincões palas missões jesuíticas do Paraguai. O epílogo, no início do século XIX, foi a incorporação dos Sete Povos das Missões ao reino de Portugal. Em menos de um século estava delineado o contôrno geográfico do Rio Grande do Sul com os seus 2730 quilômetros de extensão. Mas nesse espaço de tempo e de superfície quantas vezes sofreram os vossos

antepassados as durezas da invasão, as arremetidas dos ataques, as surpresas dos sítios, o desabrido das ocupações militares!

E como se não retemperou na forja de tantos sacrifícios a alma dos que vos antecederam no gôzo dêste formoso e encantado recanto do Brasil!

Capitania del Rei em 1809, passastes com a Independência em 1822 a ser Província do Império do Brasil: colaborastes eficazmente na obra magna da nossa emancipação. Manoel Carneiro da Silva e Fontoura, representante da "vontade e opinião dominante na Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul" e Francisco Xavier Ferreira, também seu deputado, nas alocuções ao Príncipe, em 9 de Janeiro e 23 de Maio de 1822, foram as vozes que traduziram brasileiramente os sentimentos livres que abrasavam os seus povos.

No Império continua a veemência da vossa história: Rosário, Pelotas, Passo dos Negros, Fachinal, Mostardas, Arroio dos Ratos, Itapuan, Seival, Fanfa e a sagrada Piratinin lembram os entreveros e combates da vossa maior epopéia, essa revolução farroupilha que durante dez anos bradou ao Brasil o ideal republicano, simbolizado na legenda heróica de sua bandeira tricolor; S. Leopoldo, o rio dos Sinos e Ferrabraz recordam a sangueira dos Muckers fanáticos e atrevidos; S. Borja, Itaquí e Uruguaiana, experimentaram em 1865 a barbaria da invasão paraguaia que os brasileiros souberam repelir naquele dia magnífico de 18 de Setembro do mesmo ano. Sempre o clamor da guerra, e nela as cargas da vossa indômita cavalaria, as arrancadas dos infantes, o troar das bombardas e o épico das batalhas.

Veio a República e por três vezes a guerra perturbou o ritmo de vossa evolução.

Mas afinal as artes da paz acabaram por triunfar e eis agora o Rio Grande do Sul a terra dos labores pacíficos e dos trabalhos construtivos, das searas ricas e dos campos produtivos, das cidades florescentes e das felizes estâncias.

Tendes direito ao amor do Brasil inteiro: pelo que fizestes na sua defesa e na sua organização, e pelo que andais a fazer pelo seu progresso.

Ao lado de Manoel Luiz Osorio, Porto Alegre, Andrade Neves, Silveira Martins, Irineu Evangelista, Ferreira Vianna, Joaquim Caetano, Julio de Castilhos — nomes tutelares da grande Pátria do Cruzeiro — ao lado de quantos outros nomes gloriosos florejam as letras, as artes e as ciências, há que falar na massa anônima dos que têm construído a vossa riqueza, dessa gente prestantíssima que, das cidades aos campos mais remotos, povoa o Rio Grande de oficinas de prosperidade nacional.

Tivestes no Brasil de ontem papel assinalado na constituição territorial da nacionalidade, na propaganda de seus mais altos ideais. Hoje ocupais sem contradita pôsto de dianteira na marcha pelas estradas da paz que o Brasil vai caminhando em busca de novas vitórias materiais e culturais. No futuro, de-certo, conservareis êsse lugar e crescerá com os dias a felicidade que vos bafeja a existência: o Rio Grande do Sul será sempre, pelos tempos afora, a gloriosa terra gaúcha, fecunda de heroísmos, cheia de tradições memorandas, terra de bravura e de cavalheirismo, terra de rara galhardia e larga generosidade.

Meus generosos confrades do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul: Se a gratidão é a memória do coração, nunca jamais esquecerei êste momento em que brasileiros do extremo sul recebem nos braços da sua fidalguia um modesto brasileiro do centro-norte, hoje mais que nunca espiritualmente ligado ao vosso rincão.

Esta festa de inteligência e de afeto vale como símbolo da fraternidade nacional: e é êste, senhores, para mim, o seu mais alto e mais nobre sentido.

DISCURSO

proferido pelo dr. Manoel Duarte, de saudação ao coronel Souza Doca, no Instituto Histórico, a 6 de Abril

"Exmo. Sr. General Comandante da Região, Exmo. Sr. Presidente do Instituto, Exmas. Sras., Digníssimos confrades, Ilustres Representantes de Associações e Corporações, Meus Senhores.

Exmo. Sr. Coronel Souza Doca.

Eu vos confesso que foi de receio o meu primeiro impulso, ao me ser proposta, pelo nosso eminente confrade, sr. dr. Eduardo Duarte, a honra insigníssima de vos trazer, em nome de nosso Instituto, as suas homenagens e, juntamente, o nosso regozijo pelo vosso retôrno aos pagos queridos.

Em verdade, pensei, de momento: — a incumbência estava mui acima do valimento do incumbido; a honrosa delegação, mui superior ao pobre do delegado; a excelsitude do ilustre confrade, cuja saudação se me queria conferir, mui maior do que a solícita boa vontade do seu modesto órgão vocativo.

Entretanto, razões ponderosas e, ao mesmo tempo, escusativas do meu temerário concordo, militariam e me impuseram imediato assentimento à lembrança do cometimento magnânimo.

E bem. Desque aceitei a generosa e espontânea iniciativa de pertencer a êste excelsíssimo Templo de labor e identificação cultural do passado, eu estou que não mais me é lícito recusar a nem-uma designação institutária, a nem-um convite de sua incansável Direção.

Por outro lado, iria eu contribuir com o meu entusiasmo, com a minha palavra discreta, mas sem artifício; obscura, mas sem formalismo; humilde, mas independente, para, solidários, prestarmos, em nosso sodalício, de veemente sinceridade e admiração, o acolhimento que assaz mereceis e que, menos a vós, que a nós próprios, honra nos é o meteórico ensêjo de vo-lo testemunharmos, nesta sessão extraordinária, ao vos revermos, consócio brilhante, que ora visitais as plagas nativas.

Por derradeiro, decidiu-me causa primaz, de aceite ao mandato imerecido: — admiro-vos, de longe, sem o doce convívio da relação pessoal. Consagro-vos a minha intelectual estima, através de vossos imperecíveis labores de história, geografia, filologia, anotações argutas e magníficos ensaios de psicologia histórica. Não vereis, pois, em minhas palavras congratulatórias, a venialíssima suspeita da parcialidade, senão que a uniforme conciência do pensamento contemporâneo e a definitiva opinião da intelectia gaúcha, que vos admira e eleva a personalidade de eleição e a erudita inteligência do mais estrênuo conhecedor da História, que se elaborou na imensa tragédia racial sul-americana, desde as mais altas nascentes à majestosa desembocadura oceânica do gigantesco estuário do Prata.

Entretanto, não é de julgamento, nem de apresentação, mas de intimismo afetuoso e amizade social, exalçamento e coleguismo, esta hora tributada ao consócio egrégio, ao varão impoluto, cujo caráter inamolgável, moldurado de virtudes sem jaça e de austeridade sem deslize, é, lá fora, autêntico embaixador da cultura e da preexcelsa tradição de intransigência e lealdade do Riogrande heróico e bondadoso, patriota e incorruptível.

Por igual, não é o militar impecável, cujo pundonor e altivez relembram gestos-padrões da aristocracia solar de Caxias, da simplicidade cavalheiresca e inteiriça, de Osório, da intensividade cultural e inteireza moral de Benjamin Constant, o que, ora, recepcionamos, nesta sessão comemorativa e em honra de vossa presença. Mas, agora, visamos render o vero preito de nossas homenagens confraternas ao grande

e indefesso estudioso dos dramas épicos do Sul do Brasil, de sua História, de sua formação epopéica, de suas guerras segrais e, em suma, da tragédia sua fulgurante, de duzentos anos de indesmentível brasilidade, sacrifícios e anseios nacionalistas.

Criou época e há de estimular seguidores sem conto a beneditina paciência de vosso exemplo perquiridor, na vetustade severa dos Arquivos, onde repoisa a essência das raízes vitais de nossa gênesis continentina e da fibra titânica de nossa ingênita destemeridade. Sois o pesquisador incansável, o devassador imperturbável dêsses imensos mananciais inexauríveis, em cujos obscuros laboratórios forjaria o destino ambiente a mentalidade heróica do Brasil meridional, na sua desgarrada expansividade para o Sul... Nas lutas de conquista da terra, fixação e defesa dos vanguardeiros desapoderados, que traçariam, "a poder de lança e pata de cavalo", os limites entre futuras nacionalidades, pelos marcos arcifínios do caudaloso rio Uruguai e vertentes cisplatinas.

De feito, a tal ponto se desgarra do litorâneo oficialismo colonial o singularíssimo drama da nacionalidade nas origens riograndenses, que vulto da grandeza solar de Capistrano de Abreu imaginaria o Riogrande do Sul "quase estrangeiro", fora das raias da brasilidade, aliás, mais bragantina, que nacionalista. Ou, como se concretiza o indefendível conceito de Alfredo Varela, em cuja concepção erudita se agigantaria o desígnio ideológico do mais pecaminoso conjeito de exclusivo separatismo patricida, na radiosidade homérica do decênio farroupilha, cujos anseios federativos ainda ninguém, em verdade, compreendeu e demonstrou, como vós.

Todavia, eu vos disse que não é de julgamento, nem de apresentação, esta hora de vivência intelectual e fraterna, em vossa honra, insigne consócio, que ora alegrais a própria Casa, uma de cujas colunas e sustentáculos dinâmicos sois. E disse bem. Esta circunstância deliberativa, entretanto, não nos impede que, em rápida revista de superfície, possamos rememorar o específico transunto de vossos estudos inestimáveis, na dilucidação de confusos problemas da História meri-

dional desta grande Pátria, que avança, a caminho de seus luminosos destinos americanos.

Em verdade, haveis corrigido erros e revisado enganos lamentavel e invariavelmente repetidos, no balanço de civismo da bissecular tragédia riograndense, na sua predestinação de eterna antemural da brasilidade. A glória dêsse meticuloso trabalho de retificação histórica indisputavelmente vos pertence. Revelais, conferís erronias inveteradas. Apontais a verdade sem reticências, nem prevenções partitivas, às inteligências emancipadas de paixões frívolas e não fossilizadas em preconceitos ou sensitivismos estreitamente regionalistas.

Neste particular essencialissimo, cumpre encarecer o mérito de vossas pesquisas e a invejável erudição de vossa cultura. Compassar a firmeza de vossas conclusividades sem contradita séria, a respeito de imperiosos temas da mais alta e genuína relevância. Tais são, por ex.: — o caráter visceral, orgânica e profundamente federativo, em suas finalidades fundamentais, da epopéia farrapa, negado pelo consenso doutoral do oficialismo bragantino, e a justiça de reparação histórica às vicissitudes da própria fatalidade, curtidas pelo famoso cabo de guerra, Bento Manuel, cujo pundonoroso determinismo reagente identificastes, à acidentada carreira político-militar da mais discutida das personagens consulares, na espantosa década gaúcha.

Certo, a toleima dêsse prosaico estigma de separatismo originário proveio de êrro e pequenice visuais, nos adversários da Federação da nacionalidade e parcialíssimos cronistas da Grande Revolução. Ademais, propagá-lo, envenená-lo, seria, até, recurso de emergência defensiva, no largo trânsito do imperialismo bragançio, que desgraçadamente uzurpara à gigantesca brasilidade a glória de definir os próprios destinos nacionalistas, truncados pela intromissão da postiça monarquia, a cuja sedicente abnegação sem pátria se atribue a injúria de lhe devermos a própria unidade do Brasil, asfixiado no mais clamoroso unitarismo sonolento. Esconderia, porém, êsse cronicismo aulicista a razão por que a história dessa mimese sem clima, nem assimilação, se interva-

la de rebeldias patrióticas e se tinge no sangue generoso da genuinidade nossa brasilense, à nítida conquista de autonomia vital das Províncias, cruelmente esmagadas em suas mais caras aspirações de nacionalismo e progresso. Deslembra essa cronicidade impenitente que o Riogrande era repasto de privilegismo lusitano, na burocracia, no comércio, na própria representação, e era tributário impune dos maiores sacrifícios, insaciavelmente impostos à escorchada fortuna gaúcha, cuja labuta se exhauria à satisfação do Fisco imperial, e cuja mocidade se imolava aos caprichos da política bragantina, de retardos expansionismos guerreiros...

Foi no definitivo deslindar dêsses errores pertináces que desfilaríeis a mais copiosa e honesta erudição, para, à luz trepidante e maravilhosa da própria evidência transparente, resgatardes a mística injustiça que sacrilegamente ainda desassossegava o túmulo santo aos heróis e precursores da República Federativa, naqueles dez anos de vibrantes clarinadas de epopéia, cujo transitório separativismo contingente, de sobejo e, para sempre, explicastes.

A respeito de vossa estrênua sagacidade investigadora, como nô-lo testemunham vossos meritórios trabalhos de sadía literatura histórica, jamais nunca se ajustou, tão à própria, a sentença do genial Rui Barbosa, de que "o homem é o êrro à procura da verdade". Tomais do assunto e o levareis às últimas identificações, té que se não esgotem os derradeiros vislumbres da dúvida e se não aclare, diáfana e cristalina, a própria verdade, que buscais. Êste, o padrão distintivo, que vos caracteriza as mais ingentes lucubrações indagativas, sem pressa, nem precipitações literárias. Êste, o "processus" de vossa inatacável honestidade mental, cujas límpidas virtudes sem hiatos vos altanam à vanguarda dos caracteres de eleição. Ainda a êste particular, satisdais modelos sugestivos. Tomemos, ao acaso, a vossa edificante conferência: — "O Jacuí e suas nascentes". Tema, em verdade, quase vulgar, se bem atentarmos no bolorento mentalismo do ensino de geografia, cuja disciplina transforma, lento-lento, o tenro cérebro do aluno em monótono instrumento de captação e ressonância decorativa, té que se lhe atrofie

a memória primaveral. Quem vos leu aquela magnífica página de potamografia, certo, houve de surpreender-se da precisão descritiva, da segurança dos conceitos e conhecimentos científicos sôbre geologia e geografia; das hipóteses superiormente expostas e conferidas, tão fora dos moldes empíricos do ensino geográfico, abstruzamente mnemônico e garrulamente de cor. Há, naquele ensaio erudito, de sociólogo, análises de fenômenos telúricos e milenárias convulsões geológicas; visão do determinismo contingente, instante na influência das correntes fluviais, à instintiva defesa do homem contra a agressividade da natureza bravia. Enunciação de diretivas fatais de migrantismo no rítmico progresso das civilizações, que, à montante ou à jusante, gravitam, invariavelmente, às grandes bacias hidrográficas, em cujas vizindades dadivosamente exúberes, se fixam e florescem.

Em barda e, a preceito, definís e demonstrais a significação providencial do Jacuí e tributários, na história da conquista do Riogrande, acantonamento e sucessiva radicação povoantista ao migrante destemeroso, por de sôbre as fertilíssimas ribanceiras do grande rio mediterrâneo.

Pouco mais, porém, e, logologo, por aquí me cerro.

Na vossa elegante e sóbria galeria literário-histórica, prodigais-nos feitiços primores de acrisolada cultura, incessantemente aureolados de pacífica definitividade e do mais puro sentimento de nacionalismo contagioso, de que sois veterano dianteiro e estímulo de prez.

Em verdade, é feliz e promissor o instante, que passa. Assistimos ao mais auspicioso renascimento nacionalista, votado ao másculo esfôrço de identificarmos a História dos Pampas eternos, eivada de lêndas, fantasias, injustiças e imaginativas errantes. Reconheceremos, contudo, nesse ideário renovador, a própria conciência intrinsecamente cultural da nacionalidade virilmente amadurecida, que, a pouco e pouco, se irradia por todos os vértices do quadrante da esplendorosa unidade brasílica, no grande surto de sua vivificante ressurreição nativista, futuro fora.

Certo, para cada grande ciclo de anseios palpitantes, nos domínios do pensamento, à justa subministra a nacionalidade os próprios obreiros predestinados, que, por igual, espontam, à hora propícia. Se, entrementes, descerrarmos, de imaginação, o velário ao panorama ridente que se nos desenha, na percuciente indagação documentária, com cujo soberbo material se ha de reviver, na História, a refulgente formação epopéica do Riogrande, então, bendiremos ao surgimento dêsse núcleo desinquieto e audace, de campeadores, que vão construindo para a posteridade. Essa, efetivamente, a predestinação comovente desta admirável patrulha de lidadores e pioneiros da grande cruzada: — Souza Doca, Aurelio Porto, Borges Fortes, Rêgo Monteiro, seguidos de autênticos batalhadores desprendidos, que se voluntarizam no empenho da renascença vernal, votiva à idade heróica riograndense, eternamente vinculada à história da bissegral tragédia platina.

Exmo. Sr. Coronel Souza Doca: — esta, a segunda vez em que me cabe a inestimável fortuna de, alma aberta e coração gaúcho, vos render a minha homenagem admirativa, de realce ao merecimento e diáfano caráter, ao varão excepcional e insigne compatriota, que sois. A primeira, **sponte própria,** em nosso memorável Congresso de História, na luzente Centúria farrapa. Foi quando enriquecíeis a cultura riograndense, com a vossa magistral dissertação, deposta à glória sem paralaxe daquela estupenda geração de imortais utopistas, puritanos e mártires do Ideal supérrimo. Conclamáveis a geração contemporânea à meditatividade e perene reconhecença do profético idealismo federativo, cuja mística sublime inspiraria, até ao supremo sacrifício, aqueles indômitos titãs de heroicidade e energia sobrenaturais.

Já agora, eu sou o órgão minúsculo de nossa máscula Instituição, cujas portas amigas se vos reabrem, distensos os braços confrades, de velhos e novos colegas, que me mandaram oferecer-vos as palmas desta homenagem conterrânea.

E' que esta hora decisiva, de bem-aventurado convívio cívico e recrescente aprêço, de direito, vos pertence.

Certo, nestas ovações estrepitosas se antecipam a justiça e gratidão do Riogrande. Entrementes, na prodigiosa magia dêste instantâneo pretório sugestivo, já conosco vos aclama a própria conciência varonil do espírito gaúcho, em louvor do preclaro concidadão e intelectual de escol, do estudioso e investigador erudito, do patriota exemplar e intransigente nacionalista.

Dessa altura irisada de aplausos, em que vos deixo, eu estou para concluir. Mas, antes que o faça, pensareis, comigo, eminente consócio e visitante ilustre. Se a hora do reconhecimento já é a própria antemanhã da consagração definitiva, — eu bem não sei se vos ainda fale daquele, se já vos enuncie esta. Porque, em verdade, ambos já se confundem e vertiginosamente se disputam a primazia da primeira fila, nesta matinada vibrante de solidariedade e admiração comunicativa, cujos simbólicos prenúncios soem antecéder ao próprio juízo retilíneo da posteridade. E, desta, já conquistastes as mais ásperas regiões inacessíveis, na vitoriosa definição do próprio merecimento, que não perece.

Sêde benvindo, visitante ilustre e eminente consócio. Benvindo sêde, batalhador e coestadano excelso. O Riogrande, por seu Instituto Histórico e Geográfico, e esta Corporação de inesmorecíveis devotados, que é tão vossa e pulsa tão perto de vosso coração gaúcho, entusiastamente vos saudam, e, ambos, por seu intérprete obscuro, cordialmente vos postulam a suma ventura de vossa longa permanência em seu paterno seio carinhoso e amigo.

Disse.

DISCURSO

do dr. Leonardo Macedonia — Sessão aniversária

Meus Senhores.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul completa hoje 19 anos de existência, consagrada ao estudo da História e da Geografia da nossa terra, votada à investigação da vida e da obra dos nossos maiores.

Durante o lapso de tempo decorrido desde aquele dia 5 de agôsto de 1920, em que foi resolvida, alí no Arquivo Público do Estado, a fundação dêste sodalício, e até hoje, o Instituto não faltou um só instante à divisa adotada em boa hora: **"Incorruptam fidem professis neque amore quisquam et sine odio dicendus est".**

E isso conseguiu o Instituto, graças à exemplar dedicação dos seus beneméritos servidores, pelo renome da Corporação, e pela perfeição da obra que ela vem realizando, com inteligência, zêlo e dedicação, e sem desfalecimento ou defecções.

Merecem assim o maior louvor, e o aprêço de todos nós, os nobres confrades dêste sodalício, que aquí se encontram congregados na obra magnífica de desenvolvimento do Instituto.

E, venia nos seja dada, para apontar à estima e a veneração de tôda a companhia, os nomes de Florencio de Abreu, Eduardo Duarte, Walter Spalding, Guerreiro Lima, Souza Docca, de Paranhos Antunes e Adroaldo Mesquita, bem conhecidos de todo o Rio Grande, e que são credores da nossa gratidão pelos incomparáveis serviços prestados ao Instituto Histórico e Geográfico.

Meus Senhores.

A obra realizada pelo Instituto, muito considerável, deve despertar o maior interêsse de tôda a sociedade rio-grandense.

Organizou o Instituto uma preciosa Biblioteca e uma importantíssima coleção de documentos interessantes à vida e à história do Rio Grande. São duas fontes inesgotáveis de informações sôbre a vida e a obra dos nossos maiores, sôbre a história da nossa terra e da nossa gente.

Magnífica Revista publica o Instituto, com a maior regularidade, e nela registra os trabalhos de seus sócios, divulga informações da maior importância para todos os estudiosos da vida, da história, e da obra da gente rio-grandense.

A revista é enviada a todo o Brasil, e ao estrangeiro, e facilita o intercâmbio intelectual tão necessário à ordem de estudos realizados pelo Instituto.

Em sessões plenárias, públicas, o Instituto divulga trabalhos de seus membros, e comemora os fatos dignos de registro, interessantes à nossa terra e à nossa gente.

Mas, não tem sido essa, unicamente, a atividade do Instituto.

Em duas ocasiões memoráveis o Instituto realizou obra que encheu de satisfação e de legítima ufania todos os seus membros.

Em 1935, por ocasião da comemoração do 1.º Centenário da Revolução Farroupilha, que o honrado Govêrno do Estado deliberou festejar de modo soleníssimo, como era desejo de todo o Rio Grande do Sul, o Instituto associou-se jubiloso à grande comemoração, e teve a fortuna de realizar o 1.º Congresso de História e de Geografia, com as brilhantíssimas sessões, muito memoráveis, desde a de instalação em 1.º, até a de encerramento em 9 de outubro de 1935. O Congresso despertou o maior interêsse, e foi justamente apreciado, estando perpetuada a obra então realizada em 3 belos volumes de Anais.

Em 1937, por ocasião do bi-centenário da fundação da cidade do Rio Grande, pelo brigadeiro José da Silva Paes, a Prefeitura da bela cidade do nosso litoral teve a amabilidade de convidar o Instituto para participar das comemorações por ela projetadas.

Dissemos à Prefeitura que o Instituto tinha grande honra e prazer em acudir ao amável convite, e participaria dos festejos, realizando obra que estava de acôrdo com o seu pro-

grama de trabalhos: Um Congresso de História e de Geografia, que seguramente despertaria o interêsse dos nossos homens de pensamento e de estudo.

E o Instituto convocou, organizou e realizou o 2.º Congresso de História e de Geografia, na própria cidade do Rio Grande. Em 19 de fevereiro de 1937, data do bi-centenário da entrada de Silva Paes à barra do hoje Estado do Rio Grande do Sul, e do desembarque no saco da Mangueira, verificou-se a instalação solene do Congresso.

Nos dias subsequentes tiveram lugar as sessões plenárias, para discussão e votação dos pareceres elaborados sôbre as 35 teses e memórias apresentadas no curto prazo de 4 meses, de convocação dos estudiosos.

E a sessão solene de encerramento teve brilho excepcional, no dia 24 de fevereiro de 1937, com os aplausos da culta sociedade rio-grandense, que acompanhara com prazer a obra intelectual realizada pelo nosso Instituto.

E os Anais dêste 2.º Congresso, em três magníficos volumes, foram publicados e distribuídos, para perpetuar a nossa contribuição na bela comemoração promovida pela Prefeitura da cidade do Rio Grande, para assinalar o bi-centenário da sua fundação.

Com as duas grandes comemorações, do Centenário Farroupilha, e do bi-centenário da cidade do Rio Grande, em que tivemos parte saliente, com os dois Congressos que deixo referidos, o Instituto realizou obra digna do maior aprêço.

Na verdade, as duas cidades, de Pôrto Alegre e do Rio Grande, festejaram com Exposições, festas magníficas, e outras formas de comemoração, os dois centenários, Farroupilha, e da fundação da nossa cidade marítima.

As festas deslumbraram tôda a gente, mas passaram, e hoje constituem apenas uma agradável recordação de dias que passaram. **Fugit irreparabile tempus...**

Mas a obra dos dois Congressos, essa ficou, documentada em volumes de Anais, que levarão aos vindouros, pelo tempo afora, a obra que o Instituto executou com grande satisfa-

ção, em 1935 e em 1937. Sem falsa modéstia, o Instituto merece louvor, com essa obra em que realiza o dito do poeta:

"Exegi monumentum aere perennius".

Meus Senhores.

Para a obra que vem realizando desde a sua fundação o Instituto tem tido o apôio, que se compraz em agradecer neste instante, das administrações públicas, da União, do Estado e dos Municípios. Isto deixa em forte relêvo a nítida compreensão que têm os nossos homens públicos, com responsabilidade de govêrno da sociedade, da importância e do valor da obra que aquí traz congregados os membros dêste sodalício.

Êsse apôio, que muito nos tem servido, e auxiliado e prestigiado, nós esperamos que continuará a ser dispensado ao sodalício cuja existência tanto interessa a tôda a sociedade.

Para o perfeito desenvolvimento do nosso programa de trabalho muito têm concorrido todos os nossos associados, que se esmeram, todos êles, em bem servir o Instituto. E' com o maior e enternecido desvêlo que assinalamos neste instante a gratidão do sodalício por essa preciosa colaboração de todos os nossos confrades.

Meus senhores.

E' tempo de encerrar esta oração, exprimindo em breves palavras os sentimentos que nos animam no momento da abertura desta sessão comemorativa.

Saudemos com efusão os nossos caros confrades, em quem muito confiamos para a continuidade da grande obra que estamos a realizar.

Manifestemos o nosso aplauso aos nossos irmãos e confrades, dos Institutos instalados em nosso país, que executam com inteligência e com patriotismo obra análoga a que nós executamos neste sodalício.

Com a maior efusão e reconhecimento manifestemos a nossa gratidão aos sodalícios e aos estudiosos estrangeiros,

que nos têm auxiliado, e conosco têm colaborado na obra de patriotismo que estamos realizando em nosso Instituto.

Finalmente, ao Brasil, e ao Rio Grande, afirmemos com amor e com fé em seus gloriosos destinos, que a obra encetada há 19 anos, executada até hoje sem esmorecimentos, será continuada, com o maior carinho, com os olhos fitos no auri-verde pendão, que a brisa beija e balança, e o peito inflamado de são patriotismo, e de grande afeto, confiantes hoje, como sempre, na expansão e na grandeza da nossa Pátria, que será sempre rica, bela e respeitada no concêrto internacional.

Disse.

RELATÓRIO

do Sr. Secretário Perpétuo apresentado ao Sr. Presidente, na sessão de 5 de Agôsto de 1939

Consoante disposição regulamentar, tenho a honra de apresentar a v. ex. êste relatório, que versa ligeira notícia do movimento desta secretaria no decorrer do ano social ora findo.

Não é demais salientar que o Instituto venceu mais esta etapa com a costumada galhardia e que todos nós, com a firme resolução de levar avante a obra encetada, contribuimos com decidida boa vontade em prol do maior engrandecimento do Instituto.

Dezenove anos são transcorridos desde o dia em que um grupo de homens reunidos numa das salas do Arquivo Público, lançou em terreno fértil a semente que logo germinou e que hoje, nesta comemoração, apresenta-se aos coetâneos numa brilhante realização, tendo vencido tôdas as dificuldades encontradas em seu caminho.

Em vésperas de alcançar sua emancipação, podemos afirmar que a sua maioridade já foi conquistada, pois hoje o Instituto é já uma entidade fartamente conhecida e respeitada não só no seio da pátria como fora dos nossos lindes fronteiriços. A vasta correspondência que diariamente recebemos bem nol-o atesta, notadamente dos centros culturais platinos. E, a par dessa correspondência, tenhamos em vista o aprêço em que é tida a nossa

REVISTA.

Desde o seu aparecimento, em 1921, até hoje, a sua publicação tem sido feita com a máxima regularidade.

Publicada a princípio em fascículos trimestrais, formando, anualmente, modesto volume, presentemente publica dois alentados tomos por ano e a matéria nela versada desperta sempre atenção, sendo a sua procura honrosamente animadora.

A-pesar-disso, porém, a tiragem não aumentou, continuando a ser apenas de 600 exemplares. Cumpre, para sua maior difusão, um contacto direto com os meios culturais do interior do Estado, para o que o Instituto destacará um dos seus membros, financiando as respectivas despesas de viagem.

Essa medida, efetivada, a mim se me afigura, será de proveitosas vantagens, e a Revista poderá constituir apreciável fonte de renda.

Cumpre, também, elevar o preço da assinatura que, desde o seu aparecimento, tem sido de 15$ anuais. Ora, tal preço é por demais exíguo, tanto mais que, nestes últimos tempos, a sua publicação tem sido, como dissemos, de dois alentados volumes por ano, e, elevando o seu preço para 20$000, será ainda uma assinatura de custo barato, não correspondendo ao seu indiscutível valor.

Quero também salientar, e o faço com inteira satisfação, o auxílio precioso que, à respectiva comissão, tem prestado o nosso distinto confrade sr. Walter Spalding. Tendo eu estado ausente da capital, por motivo de saúde alterada, e, ultimamente licenciado do Instituto, êsse ilustre consócio me substituiu, em várias edições da Revista, encarregando-se dos serviços de revisão e expedição da mesma.

A dedicação dêsse consócio pelo nosso Instituto é digna da maior consideração, tanto mais que não são já poucos os seus afazeres como bibliotecário zeloso que é, acumulando ainda as funções do cargo de 2.º secretário.

O QUADRO SOCIAL

Poucas alterações houve no quadro social do Instituto. Apenas algumas transferências do quadro de efetivos para o de correspondentes e viceversa.

Há a lamentar — e o faço com inteiro pesar — o desaparecimento de quatro dos nossos sócios correspondentes, senhores barão de Studart, do Ceará, Manoel Estevão Fernandes Bastos, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Fernando Luiz Osorio. Todos deixam sensível lacuna no seio do Instituto, notadamente os senhores Fernando Osorio e Estevão Bastos, que foram distintos colaboradores da Revista.

O Instituto presta hoje, na forma regulamentar, a sua homenagem aos ilustres consócios extintos.

DICIONÁRIO HISTÓRICO

Por delegação da Secretaria da Educação o Instituto ficou encarregado da elaboração do 3.º volume do Dicionário Histórico e Etnográfico Brasileiro, volume êsse que compreende a parte atinente ao Rio Grande do Sul.

Em reunião realizada pela diretoria, foi a matéria distribuída entre os nossos consócios e o respectivo "dossier" já encerra vários trabalhos que foram executados pelas pessoas designadas.

Essa colaboração, que é muito preciosa, será em tempo remetida à citada Secretaria.

CORRESPONDÊNCIA

Volumosa foi a correspondência mantida pelo Instituto, não só passiva como ativa, notadamente quanto à Revista e interêsse despertado pela publicação dos Anais do congresso realizado na cidade do Rio Grande.

E' o que de maior importância me cumpria dizer neste sucinto relato quando o Instituto, vencendo mais esta etapa, entra galhardamente no seu 19.º ano de afanosa existência.

E por êste motivo, certamente auspicioso, apresento a v. ex., sr. Presidente, as minhas saudações e felicitações pe-

la maneira brilhante com que tem sabido conduzir o Instituto demandando, a passos largos e seguros, a meta da sua finalidade.

Pôrto Alegre, 5 de agôsto de 1939.

Dr. Eduardo Duarte
Secretário perpétuo

Nótulas Bibliográficas

(Esta secção está sob a direção do sr. Bibliotecário, dr. **Olinto Sanmartin.** — Só serão feitas referências às obras enviadas para a Biblioteca do Instituto.)

DATAS BRASILEIRAS, por **Albino J. F. Coutinho,** Pôrto Alegre, 1939.

Trata-se de uma obra de interêsse especialmente para o professorado que terá, nela, elementos para suas preleções escolares. Escrito em linguagem simples, o livro do sr. Coutinho veio preencher uma lacuna.

W. Sp.

CARTAS DE DATAS DE TERRAS (1854 a 1858) — vol. XVII — Prefeitura do Município de S. Paulo — S. Paulo, 1939.

Como os demais publicados, êsse volume encerra precioso documentário sôbre as datas de terras de 1854 a 1858. E' inútil encarecer, aquí, a utilidade dessa publicação que o Departamento de Cultura da Prefeitura de S. Paulo em boa hora iniciou.

W. Sp.

DISCURSOS: 1) **José Carlos de Macedo Soares,** Rio, 1938. — 2) **Leonardo Pinto,** S. Paulo, 1939. — 3) **Henrique Boiteux,** Florianópolis, 1939. — 4) **Sessão solene especial** em homenagem ao Senhor Cardeal-Legado e ao Episcopado Brasileiro (Instituto Histórico Brasileiro), 1939.

O primeiro, é o discurso do sr. ministro **Macedo Soares** ao ser recebido na Academia Brasileira de Letras. E', como tudo que sai da pena do eminente escritor, peça digna de leitura, profunda e sincera.

O 2.º é o discurso do dr. **Leonardo Pinto** na comemoração realizada a 21 de abril de 1939 no Instituto Médio Dante Alighieri, evocando a figura altamente nobre e patriótica de Tiradentes. Discurso magnífico, cheio de ensinamentos êsse do ilustre professor Dr. Leonardo Pinto.

Do almirante **Henrique Boiteux** é o terceiro, discurso de paraninfo da 1.ª turma de normalistas do "Grupo Escolar José Boiteux" e "Escola Normal Primária". Discurso patriótico, vibrante, como tudo que escreve o ilustre e ilustrado almirante.

O último folheto encerra os discursos pronunciados por ocasião das homenagens prestadas, a 18-7-1939, ao sr. Cardeal-Legado e Episcopado brasileiro pelo Instituto Histórico Brasileiro. Contém os belos discursos do dr. Macedo Soares, Fernando Magalhães, Pedro Calmon e o agradecimento feito em nome dos homenageados pelo atual arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar de Afonseca.

W. Sp.

MEMÓRIA HISTÓRICA DO COLÉGIO DE PEDRO SEGUNDO, por **Escragnolle Doria**, Rio de Janeiro, s/d.

Conhecido em todo o Brasil é o sr. Escragnolle Doria. Suas obras, infelizmente na maioria esparsas em jornais e revistas, são exponenciais. Em 1937 comemorou o Colégio de Pedro Segundo o seu centenário de existência. Em memória dêsse acontecimento escreveu o sr. Escragnolle Doria, um dos mais antigos professores do Colégio famoso. E o trabalho que fêz é dos mais interessantes e é, por assim dizer, a própria história do Brasil de 1837 a 1939. Obra magnífica, como tudo, aliás, que escreve o insigne mestre dr. Luis Gastão de Escragnolle Doria.

W. Sp.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL. — Ministério da Marinha — Divisão de História Marítima E. M. 4, sob a direção do Cap. de Fragata Dídio Iratim Afonso da Costa. — Rio de Janeiro, 1939. — Vol. II.

O ilustre e erudito com. Dídio Costa está prestando serviço relevante à História Marítima do Brasil, com a direção magnífica que está dando às publicações da Divisão de História Marítima E. M. 4. — Êste segundo volume dos **Subsídios para a História Marítima do Brasil**, são ainda prova do que afirmamos. — O Ministério da Marinha, que tem à testa a brilhante inteligência do sr. Ministro Almirante Aristides Guilhem, escolhendo o pessoal que escolheu para a direção da E. M. 4 prestou o mais relevante serviço à história e à sua gestão que ficará assinalada como a mais fecunda e erudita administração da Marinha Brasileira até o presente.

W. Sp.

ASAMBLEAS CONSTITUYENTES ARGENTINAS, etc., por **Emilio Ravignani**, Tomo sexto — Buenos Aires, 1939.

Encerra êste sexto volume das **Asambleas Constituyentes Argentinas**, os textos constitucionais e pactos interprovinciais de 1812 a 1880. As notas eruditas e comentários do sr. Ravignani dão à obra especial valor para todos os que se interessam pela história do grande país amigo — a República Argentina. — Sua história, como a do Uruguai, tem, com a nossa, pontos de contacto. E nos discursos e trabalhos dos Constituintes argentinos de 1812 a 1880, mais de uma vez há referências a nós. Estes volumes estão sendo publicados pelo Instituto de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofia y Letras, da Universidade de Buenos Aires.

W. Sp.

TERCEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA NACIONAL (Centenário do Instituto) — Anais — 1.° vol. — Rio de Janeiro, 1939.

Contém êste primeiro volume dos Anais do III Congresso, realizado no Rio de Janeiro em comemoração do centenário do Instituto Histórico Brasileiro, a seguinte matéria: Atos, reuniões, discussões, sessões plenárias, trabalhos recebidos e discutidos e, por fim, os pareceres de todos os trabalhos apresentados.

Por êsses pareceres pode-se avaliar o valor dos diversos trabalhos (teses e memórias) que formaram o III Congresso e vem enriquecer nossa bibliografia histórica.

W. Sp.

LA PRESIDENCIA DE QUITO, Memoria histórico-jurídica de los orígenes de la Nacionalidad Ecuatoriana y de su defensa territorial, — por **Pío Jaramillo Alvarado.** — Quito, Ecuador, 1938. — 2 tomos.

Eis uma obra cheia de vida e rica de nacionalismo e verdade histórica, profusamente documentada.

As 1.066 páginas dêstes dois volumes do ilustrado historiador Pío Jaramillo Alvarado, a-pesar-de tôda a documentação, é de leitura atraente e sumamente instrutiva, especialmente o tomo I que nos põe em contacto com a época do descobrimento e com o já lendário Reino de Quito e Real Audiência que tantos historiadores do passado e do presente têm mal estudado e pior interpretado.

O I tomo, composto de 2 partes, tem o seguinte índice: Primeira parte: Cap. I: El Reino de Quito; Cap. II: La Real Audiencia y Presidencia de Quito; Cap. III: Quito conquistador y Misionero; Cap. IV: Quito Colonial; Cap. V: Quito en la Independencia de America y en la Gran Colombia de Bolívar; Cap. VI: La demarcación territorial y la guerra de Tarquí; Cap. VII: Bases históricas y jurídicas de la Presidencia de Quito.

A segunda parte, composta de quatro capítulos, trata da nacionalidade equatoriana, desde a origem quiteña à fundação da República. O tomo II, composto da Terceira parte, tem quatro capítulos e trata da questão de limites e da defesa equatoriana.

Por êsse rápido resumo pode-se avaliar o valor da obra do dr. Pío Jaramillo Alvarado e a grande erudição do autor, erudição que, porém, em nada prejudicou a simplicidade estilística do ilustre historiador equatoriano.

W. Sp.

DON DIEGO QUIJADA ALCALDE MAYOR DE YUCATAN — 1561-1565 — Documentos sacados de los Archivos de España y publicados por **France V. Scholes** y **Eleanor B. Adams** — 2 tomos. — Mexico, 1938.

Documentário... E' notável como na América espanhola se cuida de divulgar a velha documentação! De todos os países, de Sul a Norte, surgem publicações e publicações divulgando velhos documentos. Que serviço imenso nos vem prestar tais provas!

Vivíamos, na nossa América, até pouco, como desconhecidos. Nada sabíamos da história e da vida um do outro. Surge, porém, brisa fagueira e de todos os lados vem apresentações: Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia, Paraguai, Colômbia, Perú, Equador, México, Venezuela, Panamá, Cuba, Haití, El Salvador...

Já não serão, já não seremos os eternos desconhecidos.

A obra que ora nos vem do México, e cujo título encima estas linhas, é precioso documentário para o estudo de boa parte do século XVI, pois por êles se poderá avaliar o que foi a obra da conquista, em realidade.

Êsses dois volumes são preciosos.

W. Sp.

EL ALFEREZ DE BLANDENGUES RAMON FERNANDEZ, su actuacion patriotica desde 1811, — por **Setembrino E. Pereda.** — Montevideo, 1939.

O sr. Setembrino E. Pereda, nosso sócio correspondente no Uruguai, é nome nacional em sua pátria e como tal já consagrado, pois seu nome figura nas fachadas de educandários e placas de ruas.

E bem merece o sr. Pereda, pelos seus numerosos, valiosos e patrióticos trabalhos, tal consagração que, digamo-lo de passagem, é rara, mormente em se tratando de um dedicado ao ramo ingrato da história.

Continuando, a-pesar-da idade, pois nasceu o insigne historiador uruguaio a 10 de abril de 1859, — seus trabalhos de pesquisa, acaba de publicar o interessante folheto cujo título encima estas linhas, e que é o elogio do alferes de blandengues Ramon Fernandez, cuja vida foi tôda dedicada ao Uruguai. O alferes Fernandez foi, sem favor, um dos mais insignes patriotas daqueles tempos.

O trabalho do sr. Pereda, como tudo que sai de sua pena, é brilhante.

W. Sp.

DISCURSOS na solenidade da inauguração do Edifício Próprio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, a 2 de abril de 1939. — Aracajú, 1939.

Encerra êsse folheto, que grata nova nos traz, a do edifício próprio do nosso co-irmão de Sergipe, — dois excelentes discursos: do presidente do Instituto, dr. Epifânio Dória e do orador, desembargador Edison de Oliveira Ribeiro.

Por êsses magníficos discursos, através os quais notamos a grande alegria que enche a alma dos estudiosos de Sergipe, notamos que ainda há, no Brasil, quem se preocupe, dos altos postos da administração, com as cousas do espírito e com a história pátria.

E para a gratidão dos estudiosos de Sergipe menciona, no seu discurso, o dr. Dória, os nomes ilustres do dr. Getúlio Vargas, chefe da Nação, e dr. Eronides de Carvalho, Interventor Federal, que muito cooperaram para a realização da Casa própria, além de vários prefeitos do interior. Belo gesto êste, do sr. Interventor sergipense e das prefeituras auxiliando tão nobre quanto patriótica instituição. Oxalá frutifique o belo exemplo!

W. Sp.

ENSAIOS — **Sergio Milliet** — Soc. Impressora Brasileira — São Paulo — 1938.

O livro que Sergio Milliet acaba de publicar é uma confirmação do seu belo talento, da sua sólida cultura. Neste novo trabalho o poeta de "Poemas", revela-se um comentador hábil e honesto.

Divide o seu livro em "Brasiliana", "Literatura e Arte", "Documentação Social" e "Miscelânea". São 4 partes de matéria diversa classificada assim nesses quadros literários. Nêles encontramos magníficos ensaios,

crítica preciosa da arte, análises de assuntos sociais e mais uma série de observações subtís que só um arguto psicólogo poderia fixar com tanto brilho.

O Sr. Sergio Milliet com seu **Ensaios** fixa um conjunto de fatos da atualidade que classificaríamos como uma cintilante contribuição ao que temos já feito no grande panorama da literatura brasileira.

O. S.

A MARE' PREQUINOCIAL — **Hipolito Machado** — Livraria Comercial — Santa Maria, 1939.

O estudo que temos em mão é um ensaio científico onde o autor analisa, em síntese, os fenômenos da natureza no tocante ao movimento oceânico em diferentes épocas. E' um trabalho de erudição meditado e digno de ser lido com profunda atenção. Seu autor, que é um intelectual cheio de méritos, possue uma admirável forma de exposição do que resulta lê-lo com legítimo entusiasmo.

Maré Prequinocial foi lido a 18 de Junho último na Biblioteca Pública de Santa Maria.

O. S.

O SENTIMENTO DE BRASILIDADE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO — **Desembargador José de Mesquita** — Imprensa Oficial — Cuiabá, 1939.

A conferência que o desembargador José de Mesquita proferiu a 26 de Janeiro de 1939 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao tomar posse da sua cadeira de sócio correspondente, sugere-nos a idéia de quanto ainda temos a dizer sôbre o sentimento nacionalista da nossa gente. Muito temos escrito sôbre êste tema mas nunca é demais evidenciar à luz da nossa história o acentuado sentimento que sempre animou o homem brasileiro e que culminou com o 7 de Setembro de 1822.

O ilustrado historiador nos apresenta um belo trabalho de síntese que muito eleva o nome dêsse magnífico cultor da nossa história.

O. S.

MEMÓRIA — **Mayor General José Garcia,** M. M. — La Nacion — Trujillo, 1939.

Trata-se de um alentado volume apresentado ao Presidente da República Dominicana Dr. Jacinto B. Peynaldo pelo Major General José Garcia, M. M. Secretário de Estado e Polícia, relativos ao período de 1938. Está nesta obra substanciado todo o movimento, acontecimentos, relatórios, ofí-

cios, celebrações dos diversos departamentos subordinados à Secretaria e ocorridos no período regimental em tôdas as províncias da República.

Um esplêndido subsídio histórico para acompanhar e admirar a evolução dessa jovem república americana.

O. S.

ADENDO A SILVA LEME — **Bueno de Azevedo Filho** — Revista dos Tribunais — São Paulo, 1939.

Bueno de Azevedo Filho é um nome que de há muito se impôs entre nós como historiador conciencioso e magnífico comentador da heráldica nacional. Sua especialidade, no entanto, o consagra como um deslumbrado pela genealogia, matéria que tem manejado com alta maestria e invejável segurança intelectual.

Adendo a Silva Leme, — é uma nova contribuição que a inteligência de Bueno de Azevedo Filho presta à história do Brasil. — Belo e ocmpleto estudo genealógico que enriquece sobremodo êste ângulo da literatura histórica.

Do muito que tem feito no sentido da divulgação da nobreza paulista, a sua cultura promete muito ainda. Bueno de Azevedo Filho possue uma dupla visão criadora que é a de produzir e animar. Seu novo trabalho, que está em nossas mãos, é uma perfeita afirmativa do seu espírito e da sua formação intelectiva.

O. S.

DOMÍNIO MARÍTIMO (Mar territorial) — **Contra-almirante José Aguiar** — Imprenta Militar — Montevidéo, 1939.

O contra-almirante José Aguiar é um dos mais brilhantes historiadores da vizinha República do Uruguai. Seus ensaios, estudos, monografias, respiram erudição e honestidade. A par dessas características o ilustre oficial apresenta uma terceira feição do seu espírito que é a da exaltação medida com que procura investigar seus temas literários.

Todo o seu labor intelectual está voltado para as fronteiras do seu país, limites marítimos, navegação e mais o que a história possa oferecer à cerebração dos homens que se dedicam aos fatos americanos. "Domínio Marítimo" é um estudo profundo e conciencioso sôbre o **mar territorial,** e uma análise critica sôbre o "projecto de convenção internacional". Esta parte é de legítimo caráter jurídico com fórmulas de alto critério conclusivo. A obra apresenta ainda mapas e gráficos, o que mais a enriquece aumentando o interêsse dos estudiosos.

O. S.

CARTAS DE DATAS DE TERRA (1851-1853) — Prefeitura do Município de São Paulo — 1939.

O volume XVI que nos chega de São Paulo e que compreende a época 1851 a 1853 dá-nos idéia perfeita do movimento de terras, concessões, pedidos, demarcações feitas à Câmara Municipal de São Paulo. Representa um magnífico subsídio histórico notadamente no que se refere a êsse aspecto que demonstra o desenvolvimento que os bens imóveis apresentavam há 90 anos passados.

O. S.

CONTRIBUIÇÃO PARA A GEOLOGIA DO PETRÓLEO NO SUDOESTE DE MATO GROSSO — **Glycon de Paiva** e **Viktor Leinz** — Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro, 1939.

A política petrolífera no mundo tem assumido um movimento verdadeiramente impressionante. O milagre econômico que o "Sangue negro" vem despertando por tôda a parte justifica plenamente êsse entusiasmo e êsse zêlo porque todos os países cuidam das suas jazidas. O Brasil possue já um órgão que estuda, regula e pesquisa a riqueza petrolífera e muitas inteligências estão a serviço dêsse manancial riquíssimo.

O trabalho que acabamos de ler muito se recomenda pela seriedade e conhecimento da matéria tratada. Os Srs. Glycon de Paiva e Victor Leinz realizaram uma obra apreciável, um estudo que vai além de uma simples contribuição. Os gráficos, mapas, fotografias dão ao substancioso estudo um caráter elucidativo de alto aprêço técnico. A função geológica nos nossos dias desenvolve-se seriamente no que se refere aos princípios científicos e a geofísica no exame das zonas petrolíferas torna-se um elemento essencialmente indispensável no exercício dessa rica exploração da terra. Consideramos assim o trabalho dos Srs. Glycon de Paiva e Victor Leinz magnífico material para o estudo de tão importante matéria.

O. S.

UNIVERSIDADE DE TUCUMAN — Instituto de Antropologia.

Na coleção "monografias científicas" do Instituto de Antropologia, que representa o Departamento de investigações regionais da Universidade Argentina de Tucuman, acabam de aparecer os seguintes trabalhos:

1) Términos de parentesco en la familia yunga, por Radamés A. Altieri;

2) La gramatica yunga de F. de la Cabrera;

3) Sôbre um kipu peruano, por Radamés A. Altieri.

Obras actuais, entre outros meritos que as fazem sobrelevar, têm a qualidade de ser objetivadas em assuntos americanos.

A benemerencia do Departamento de investigações da Universidade de Tucuman revelou, com a publicação das monografias indicadas, agir na esfera das iniciativas de largo alcance cultural, sobretudo de caráter antropológico e ameríndio.

Na leitura das três monografias, encontramos satisfação para a inteligência; constituem fontes originais de divulgação de conhecimentos científicos e históricos, que nos leva à meditar nos importantes e atraentes problemas do Perú pre-incáico.

T. C.

Publicações recebidas

REVISTA DAS ACADEMIAS DE LETRAS (nrs. 14 e 15 — 1939 — Caixa postal, 32 (Lapa) — Rio de Janeiro.

REVISTA DA ACADEMIA PARANAENSE DE LETRAS, n.° 3 — 1939 — Caixa do correio, 670 — Curitiba — Paraná.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, vol. 57 — 1939 — Av. Presidente Wilson, 203 — Rio de Janeiro.

REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, n.° LX, 1939 — Departamento Municipal de Cultura — Rua Cantareira, 216 — S. Paulo.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO — Instituto Panamericano de Geografia e História — vol. III — 1939 — Rio de Janeiro.

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO — vol. XXXVI, 1939 — Rua Benjamin Constant, 152 — São Paulo.

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ, Tomo especial, dedicado ao Barão de Studart, 1938. — Caixa postal, 345 — Fortaleza — Ceará.

BAÍA TRADICIONAL E MODERNA, n.° 2 — 1939 — Diretoria de cultura e divulgação — Cidade do Salvador — Baía.

PUBLICAÇÕES DA DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA DE PÔRTO ALEGRE — 1939:

Estatística Industrial do Rio Grande do Sul — Ano de 1937.

O comércio interno do Brasil e a fase de recuperação da economia nacional, por Pedro Barreto Falcão, Diretor geral de Estatística do Rio Grande do Sul.

Exportação geral do Estado no primeiro semestre de 1939 — Boletim n.° 3.

ANUÁRIO DE 1938 — Universidade de Pôrto Alegre — 1939.

U. F. M. — órgão da União dos Funcionários Municipais do Estado do Rio Grande do Sul — Nrs. 6, 7 e 8, 1939 — Santa Maria.

BOLETIM RODOVIÁRIO (DAER) — N.° 4 — 1939. — Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem — Pôrto Alegre.

ALMANAQUE ILUSTRADO — Edição de 1939 — Riachuelo, 1547 — Pôrto Alegre.

BOLETIM MUNICIPAL — n.° 2 — 1939 — Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal — Pôrto Alegre.

CIÊNCIAS E LETRAS — Ano III — Tomo V — 1939 — Av. Angélica, 2197 — São Paulo.

UNIVERSIDAD — N.° 5 — 1939 — Universidad del litoral — Bulevar Pellegrini, 2750 — Santa Fé — Rep. Argentina.

UNIVERSIDAD CATÓLICA BOLIVARIANA — n.° 10 — 1939 — Apartado n.° 109 — Medellín — Colômbia.

ENSAYOS Y ESTUDIOS — Revista bimestral de Cultura y Filosofía. — Publicación del Instituto Ibero-Americano — n.° 3, 1939 — Schützenstrasse 29/30 — Berlim, S W. 68.

IBERO-AMERIKANISCHE RUNDSCHAU, — n.° 6 — 1939. — Hamburg 36.

IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV, n.° 2 — Juli 1939. — Breite Strasse 37, Berlim C. 2.

THE GEOGRAPHICAL REVIEW, vol. XXIX, n.° 4 — 1939 — Broadway at 156th Street, New York, N. Y.

ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS JESU, Anno VIII — Jul. Dec. 1939 — Borgo S. Spirito, 5, Romae (113).

AEVUM, Anno XIII — Lug. Sett. 1939 — Piazza S. Ambrogio, 9 — Milano (3/20).

BOLETIM DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO, Tomo IV — n.° 4, 1939 — Guatemala, C. A.

BOLETIM DE LA SOCIEDAD GEOGRÁFICA DE COLOMBIA, vol. VI, n.° 1 — 1939 — Apartado 2584 — Bogotá — Colômbia. — Traz êsse Boletim na 1.ª página pequeno estudo sôbre nosso consócio prof. Walter Spalding, e a continuação de LA HOYA DEL AMAZONAS.

BOLETIM DE HISTORIA Y ANTIGUEDADES — vol. XXVI, n.° 298 — 1939. — Apartado de Correos, 37 — Bogotá — Colômbia.

BOLETIM DE OBRAS SANITÁRIAS DE LA NACIÓN, n.° 27 — año III — Set. 1939 — Charcas 1840, Buenos Aires — Rep. Argentina.

INFORMACIONES ARGENTINAS — n.° 31 e n.° 32, Set.° 1939 (quinzenal) — Arenales 761, Buenos Aires — Rep. Argentina.

REVISTA COLOMBIANA, vol. XI, nrs. 131 y 132 — Set. 1939. — Bogotá, Calle 16, n.° 9-80. — Rep. de Colômbia.

QUADRO

dos membros efetivos e correspondentes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, ao terminar o ano de 1939

FUNDADORES:

Adroaldo Mesquita da Costa, dr. — Rua Duque de Caxias, 978 — Pôrto Alegre — R. G. S.

Afonso Aurelio Porto — Arquivo do Itamaratí — Rio de Janeiro.

Afonso Guerreiro Lima, Prof. — Caixa postal, 213 — Pôrto Alegre — R. G. S.

Alberto Juvenal do Rego Lins, dr. — "Correio da Manhã" (Redação) — Rio de Janeiro.

Alcides Maia, dr. — Academia Brasileira de Letras — Rio de Janeiro.

Alfredo Clemente Pinto, Prof. (falecido).

Amaro Baptista, dr. — Telégrafo Nacional — Rio de Janeiro.

Antão de Faria, dr. eng.º (falecido).

Antonio Augusto Borges de Medeiros, dr. — Fazenda do Irapuá — Cachoeira-Sul — R. G. S.

Aquiles Porto Alegre, Prof. (falecido).

Armando Dias de Azevedo, dr. — Rua Riachuelo, 726 — Pôrto Alegre — R. G. S.

Artur Candal, dr. (falecido).

Augusto Daisson (falecido).

Carlos Teschauer, S. J. (falecido).

Delfino M. Riet, dr. (falecido).

Eduardo Duarte, dr. — Rua da Azenha, 1115 — Pôrto Alegre — R. G. S.

Emilio Fernandes de Souza Docca, coronel — Rua Viveiros de Castro, 122 — Apart. 14 — Rio de Janeiro.

Florencio Carlos de Abreu e Silva, desembargador — Av. Rio Branco, 91 — 4.º andar, sala 10 — Rio de Janeiro.

Francisco de Leonardo Truda, dr. — Marechal Cantuária, 182 — Urca — Rio de Janeiro.

Francisco Rodolfo Simch, dr. (falecido).

João Baptista Hafkemeyer, S. J. (falecido).

João Candido Maia, dr. — Rua Demétrio Ribeiro, 900 — Pôrto Alegre — R. G. S.
João Pinto da Silva, dr. — Embaixada do Brasil — Paris.
José Paulo Ribeiro (falecido).
José Vieira de Rezende e Silva, dr. — Ministério da Fazenda — Rio de Janeiro.
Lindolfo Collor, dr. (Em Portugal)
Luiz Mariano da Rocha (Monsenhor) — Matriz da Olaria — Rio de Janeiro.
Manoel Joaquim de Faria Corrêa, coronel — Av. Belem, 1660 (Gloria) — Pôrto Alegre — R. G. S.
Manoel Teófilo Barreto Viana, general (falecido).
Miguel Pereira, coronel (falecido).
Oscar Miranda, general (falecido).
Otavio Augusto de Faria (falecido).
Protásio Alves, dr. (falecido).
Roque Callage (falecido).

EFETIVOS:

Angelo Guido, prof. — Demetrio Ribeiro, 469 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Dante de Laytano, dr. — Secretaria de Educação e Saude — Pôrto Alegre — R. G. S.
Darcy Azambuja, dr. — Rua Jerônimo Coelho, 295 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Deoclecio De Paranhos Antunes, cap. — Rua Evaristo da Veiga, 256 (Partenon) — Pôrto Alegre — R. G. S.
Gaston Hasslocher Mazeron, coronel — Av. Getulio Vargas, 1464 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Jací Antonio Louzada Tupí Caldas, prof. — Praça Garibaldi, 63 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Jorge Bahlis, prof. — Praça Parobé, 42 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Leonardo Macedonia Franco e Souza, dr. — Av. Independencia, 1082 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Luiz Carlos de Moraes, coronel — Rua Ramiro Barcellos, 1760 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Luiz Gonzaga Jaeger, S. J. — Ginásio Anchieta — Rua Duque de Caxias — Pôrto Alegre — R. G. S.
Manoel Duarte, dr. — Rua Formosa, 146 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Manoelito G. de Ornellas — Imprensa Oficial — Rua dos Andradas — Pôrto Alegre — R. G. S.
Mario Teixeira de Carvalho, dr. — Av. Independencia, 1008 — Pôrto Alegre — R. G. S.
Mansueto Bernardi — Secretaria do Interior — Pôrto Alegre — R. G. S.
Olinto Sanmartin, dr. — Av. Independencia, 949 — Pôrto Alegre — R. G. S.

Otelo Rosa, prof. — Rua Andrade Neves, 9 (Cartório) — Pôrto Alegre — R. G. S.

Walter Spalding, prof. — Rua Int. Alfredo Azevedo, 445 (Gloria) — Pôrto Alegre — R. G. S.

CORRESPONDENTES:

Afonso d'Escragnolle Taunay, dr. — Museu Paulista — Caixa g. — S. Paulo.

Agustin Venturini, dr. — Chile.

Alcides de Mendonça Lima, dr. (falecido).

Alfredo Ferreira Rodrigues (Drogaria Unicum) — Cidade do Rio Grande — R. G. S.

Alfredo Maciel Moreira, dr. (falecido).

Alfredo Varela, dr. — Edifício Paraná — Aloj. 41 — Senador Vergueiro, 192 — Rio de Janeiro.

Alvaro Baptista, dr. (falecido).

Alvaro Otavio de Alencastre, coronel — Rua Guairicema, 20 — Ilha do Governador — Rio de Janeiro.

Antonio Baptista Pereira, dr. — Rua Marquês de S. Vicente, 476 (Gavea) — Rio de Janeiro.

Antonio Xavier de Oliveira — Passo Fundo — Rio Grande do Sul.

Augusto Porto Alegre — Rua Gonzaga Bastos, 237 — Rio de Janeiro.

Augusto Tasso Fragoso, general — David Campista, 53 — Rio de Janeiro.

Barão de Studardt (falecido).

Bernardino José de Souza, ministro, dr. — Rua Cândido Gaffré, 196 — Urca — Rio de Janeiro.

Clemenciano Barnasque — São Sepé — Rio Grande do Sul.

Conde de Afonso Celso (falecido).

Daniel Ortega Ricaurte, dr. — Ministerio de Relaciones Exteriores — Bogotá — Colombia.

Demetrio Ribeiro, dr. (falecido).

Felix Contreiras Rodrigues, dr. — a/c. Venâncio Silva — Rivera — R. O. U.

Fernando Callage — Rua Santo Antônio, 109 — São Paulo.

Fernando Luiz Osorio F.º, dr. (falecido).

Francisco de Paula Cidade, coronel — Estado Maior do Exército — Rio de Janeiro.

Gastão Penalva — Rua da Matriz, 80 — Botafogo — Rio de Janeiro.

Geraldo José Pauwels, padre — Colegio Santo Inácio — Rua S. Clemente — Rio de Janeiro.

Henrique Fontes, dr. — Instituto Histórico de Florianópolis — Santa Catarina.

Herbert Canabarro Reichardt, dr. — Benjamin Constant, 142 — Rio de Janeiro.

Homero Baptista, dr. (falecido).

Horacio Arredondo hijo, dr. — Museu Municipal — Montevidéo — R. O. U.

João B. de Menezes, dr. (falecido).

João Borges Fortes, general — Rua Barata Ribeiro, 16 — Rio de Janeiro.

João da Silva Belém, prof. (falecido).

Joaquim Francisco de Assis Brasil, dr. (falecido).

Joaquim Luiz Osorio, dr. — Rua 15 de Novembro, 471 — Pelotas — R. G. S.

José Boiteux, comandante (falecido).

José Otaviano Pinto Soares, coronel — Rua Itabaiana, 141 — Grajaú — Rio de Janeiro.

Leopoldo de Freitas, dr. — Rua João Bricola (Diario Popular) — S. Paulo.

Luiz da Camara Cascudo, dr. — Rua da Conceição, 565 — Natal — Rio Grande do Norte.

Luiz Felipe de Castilhos Goycochea, dr. — Av. Vieira Souto, 258 — Ipanema — Rio de Janeiro.

Manoel Estêvam Fernandes Bastos (falecido).

Mario Carneiro do Rego Melo, dr. — Rua Santo Elias, 306 — Recife — Pernambuco.

Pedro Dias de Campos — Rua Benjamin Constant, 152 (Inst. Hist. e Geogr.). — São Paulo.

Percy Alvim Martin, prof. dr. — Stanford University, California — U. S. A.

Setembrino Ezequiel Pereda, dr. — Calle Durazno, 1481 — Montevidéo — R. O. U.

Tancredo Fernandes de Mello, dr. (falecido).

Vitor Russomano, dr. (falecido).

Atas das sessões do Instituto Histórico e Geográfico em 1939

Ata da 53.ª sessão extraordinária

Aos cinco dias do mês de Abril de mil novecentos e trinta e nove, no salão de conferências da Biblioteca Pública, às vinte e meia horas, presentes inúmeras pessoas, entre as quais autoridades civís, militares e eclesiásticas, bem como os consócios que firmaram o livro respectivo, o senhor Lenoardo Macedonia, abriu a sessão, convidando para fazerem parte da mesa os senhores general Leitão de Carvalho, recentemente nomeado comandante da Região, e os nossos confrades Emilio Fernandes de Souza Docca e Manuel Duarte. O senhor presidente, informa, em seguida, que esta sessão fôra convocada com o fim de abrir os trabalhos do Instituto, no corrente ano, ao mesmo tempo que se prestaria uma homenagem ao nosso eminente confrade senhor Emilio Fernandes de Souza Docca, que, após longa ausência, está presentemente em trânsito por esta cidade. Feita a leitura da ata da sessão anterior e principais peças de volumoso expediente, o secretário perpétuo lê a efeméride do dia completando-a com ligeiros comentários. Estando previamente designado o senhor Manuel Duarte para intérprete do Instituto na homenagem que se ia prestar ao senhor Souza Docca, o nosso confrade faz a leitura de um interessante e longo trabalho em que analisa de forma clara e precisa a grande atuação que o senhor Souza Docca tem tido, notadamente nestes últimos tempos, no estudo e interpretação de farto documentário atinente ao passado riograndense. O trabalho apresentado pelo senhor Manuel Duarte causou ótima impressão e seu autor recebeu dos presentes merecidos aplausos. O senhor Souza Docca, a quem foi concedida a palavra, agradece a homenagem que lhe estava sendo prestada e, num breve retrospecto da fundação do Instituto, recorda o nome dos seus iniciadores, tendo palavras de merecido respeito e veneração, à memória de Otavio de Faria, cuja vida extinguiu-se logo após a fundação do Instituto. Faz o nosso confrade, em seguida, a leitura de interessante trabalho de sociologia, entremeiando-o de episódios atinentes à nossa terra e à nossa gente. Muito aplaudido foi o senhor Souza Docca ao terminar a leitura do seu magnífico estudo. O senhor presidente diz que não estando presente o orador do Instituto, ia conceder a palavra ao secretário perpétuo para saudar o ilustre general Leitão de Carvalho,

que honrava o Instituto com a sua presença. O secretário faz então vibrante saudação ao ilustre visitante que veio comandar esta Região, conhecendo, ao mesmo tempo, o extremo sul da nossa pátria. Essa saudação o orador tornou extensiva ao Capitão Severino Sombra, também presente, que é portador de um nome já nosso conhecido através de obras que revelam a sua grande cultura. O general Leitão de Carvalho agradece a saudação que lhe é feita e faz honrosas considerações ao passado riograndense. O nosso confrade senhor Walter Spalding pede a palavra e, referindo-se ao falecimento dos nossos ilustres consocios senhores barão de Studart, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Fernando Luiz Osorio, pede que seja lavrado na presente ata um voto de profundo pesar pelo doloroso fato. O senhor presidente diz que há propostas que vêm já de antemão aprovadas, como no caso em aprêço e informa que, na forma regulamentar, em tempo oportuno será prestada a nossa homenagem aos extintos consócios. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente agradece a presença da assistência e encerra a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, Secretário perpétuo, lavrei a presente ata. — **Leonardo Macedonia** — Presidente.

Ata da 54.ª sessão extraordinária

Aos trinta dias do mês de abril de mil novecentos e trinta e nove, no salão de conferências da Biblioteca Pública, às vinte e meia horas, presentes inúmeras pessoas, — exmas. famílias e consócios, — e mais: dr. Carlos Tettamanzi, secretário interino da Educação, representando também o sr. Interventor Federal; general Leitão de Carvalho, comandante da 3.ª região militar; dr. Ataliba Paz, secretário da Agricultura; dr. Sensurio Cordeiro, representando o dr. Prefeito Municipal; coronel Angelo Mello, comandante geral da Brigada Militar; dr. Renato Barbosa, presidente do Tribunal de Contas; coronel Outubrino Graça, comandante da Escola Preparatória de Cadetes; coronel Gaudelei, comandante do 3.° R. C.; coronel Alipio de Almeida Nunes, comandante do 7.° B. C.; srs. Heraclides Cezimbra e Gastão Hasslocher Mazeron, pela Liga de Defesa Nacional, o sr. Presidente, recebidas as delegações, convida para formarem a mesa os srs. Carlos Tettamanzi e General Leitão de Carvalho e abre a sessão declarando que a mesma tinha por fim, — sob os auspícios da 3.ª Região Militar e aliada à Liga de Defesa Nacional, — homenagear a memória do insigne brasileiro marechal Floriano Peixoto, cujo centenário natalício transcorria. E depois de breves considerações, concluiu dizendo que a homenagem à memória de Floriano Peixoto era de todo justa porque sua figura se distinguia em duas personalidades: uma do brilhante soldado abnegado, destemeroso e disciplinado; e, a outra, do homem de Estado, que soube manter bem alto o princípio de autoridade, para defender contra as arremetidas demolidoras das instituições nascentes. A seguir deu a palavra ao 2.° secretário sr. Walter Spalding para que lêsse as efemérides do dia, o que feito, o sr. Presidente deu-a ao coronel Souza Docca, espe-

cialmente convidado para orador desta sessão. Discorreu o sr. Souza Docca brilhantemente sôbre a personalidade de Floriano Peixoto nas diversas fases de sua vida, destacando sua ação como soldado na guerra contra o Govêrno do Paraguai. Terminado o discurso do sr. Souza Docca, que foi vivamente aplaudido, deu o sr. Presidente a palavra ao nosso também consócio, sr. Otelo Rosa que, em nome da Liga de Defesa Nacional, pronunciou brilhante discurso no qual estudou, de modo especial, a vida pública do consolidador da República. Encerrando a solenidade, que foi abrilhantada por duas bandas de música, agradece o sr. Leonardo Macedonia o comparecimento das altas autoridades presentes e que se fizeram representar, das exmas. famílias, cavalheiros e militares, fazendo especial referência ao sr. General Leitão de Carvalho que, como comandante da 3.ª Região Militar patrocinou a presente sessão, e à Liga de Defesa Nacional que se aliou ao Instituto para a consagradora sessão em homenagem à memória de Floriano Peixoto. E nada mais havendo, lavrei, para constar, de tudo, a presente ata que assino. — **Walter Spalding** — 2.º Secretário. — (Ass.) **Leonardo Macedonia.**

Ata da 53.ª sessão ordinária

Aos vinte e um dias do mês de julho de mil novecentos e trinta e nove, às dezessete horas, numa das salas do Arquivo e Biblioteca da Prefeitura Municipal, presentes os sócios srs. Leonardo Macedonia, Eduardo Duarte, Dante de Laytano, Padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., A. G. Lima, De Paranhos Antunes, Jací Louzada Tupí Caldas, Walter Spalding e coronel Luiz Carlos de Moraes, o sr. presidente dr. Leonardo Macedonia abriu a sessão declarando que o fim era fazer-se a eleição da Diretoria para o triênio 1939-1942, e que era essa a terceira convocação feita para tal. Após breve pausa, durante a qual foram confeccionadas pelos sócios presentes as cédulas e colocadas na urna, fez-se a apuração tendo sido o seguinte o resultado: Presidente: dr. Leonardo Macedonia; vice-presidente: sr. Otelo Rosa; Segundo secretário: sr. Walter Spalding; Orador: dr. Adroaldo Mesquita da Costa; Tesoureiro: prof. Afonso Guerreiro Lima; Bibliotecário: dr. Olinto Sanmartin. — **Comissões permanentes:** de Fundos e orçamentos: dr. Adroaldo Mesquita da Costa, prof. Jorge Bahlis, coronel Luiz Carlos de Moraes, dr. João C. Maia; — de História: dr. Darcy Azambuja, padre Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., dr. Mario Teixeira de Carvalho, sr. Manoelito G. de Ornellas; — Geografia: prof. A. G. Lima, cap. Deoclecio de Paranhos Antunes, sr. Otelo Rosa, dr. Olinto Sanmartin; — de Arqueologia, Etnografia e Paleontologia: Prof. Angelo Guido, dr. Armando Dias de Azevedo, Prof. J. L. Tupí Caldas, Prof. Jorge Bahlis; — de Folclore e línguas indígenas: Prof. Angelo Guido, dr. Dante de Laytano, coronel Luis Carlos de Moraes, sr. Manoelito G. de Ornellas; — Estatutos e Comissão da Revista: dr. Adroaldo Mesquita da Costa, coronel Emilio Fernandes de Souza Docca, dr. Eduardo Duarte, Prof. Walter Spalding; — Admissão de

sócios: dr. Armando Dias de Azevedo, dr. Eduardo Duarte, coronel Gastor Hasslocher Mazeron, coronel Luis Carlos de Moraes. — Proclamado o resultado, o sr. presidente congratulou-se com os presentes e agradeceu sua reeleição com palavras cheias de carinho por esta casa, prometendo tudo fazer no sentido de bem servir o Instituto, o que correspondia a dizer: bem servir a História de nosso Rio Grande e do Brasil. — Faz-se, em seguida, a leitura da Ata da sessão anterior que foi aprovada. Passando-se ao expediente, o sr. segundo secretário leu diversos ofícios de instituições nacionais e estrangeiras solicitando a remessa de nossa Revista; carta do sr. Olinto Sanmartin que se acha, atualmente, na Capital da República, comunicando que, com nosso sócio correspondente, sr. Luis Felipe de Castilhos Goycochea, compareceram às exéquias de nosso finado consócio coronel Jonatas da Costa Rego Monteiro, apresentando à família, em nome do Instituto, os pêsames. Leu ainda o sr. segundo secretário carta do prof. Antonio Serrano, diretor do Museu de Entre-Rios e etnólogo dos mais notáveis da América do Sul na qual perguntava, particularmente ao sr. Walter Spalding, si o Instituto não quereria publicar em sua Revista seu trabalho sôbre Etnografia Brasileira, chamando atenção para o grande número de ilustrações. O sr. presidente disse que, tratando-se de um nome como o do prof. Serrano tornava-se desnecessário ir o trabalho à respectiva comissão, mas que fôsse à da Revista para ver a possibilidade de publicação, logo que nos fôsse o mesmo enviado. — Falou, ainda, o sr. Presidente, lido o expediente, sôbre o sete de junho, data centenária do nascimento do insigne jurista Tobias Barreto, que fôra comemorada em todo o Brasil, tendo em Pôrto Alegre grandes celebrações na Faculdade de Direito e no Fôro da Capital, tendo-se feito representar o Instituto em tôdas elas. Pede, a seguir, a palavra o sr. Walter Spalding solicitando seja lançado em ata um voto de pesar pelo falecimento dos consócios coronel Jonatas da Costa Rego Monteiro e dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, dizendo algumas palavras em tôrno da vida e da obra dêsses ilustres patrícios e consócios nossos, desaparecidos. O sr. presidente diz, então, que há propostas que já vêm do berço com a aprovação, estando, esta, no caso e considera aprovada a proposta do sr. Spalding. Pede, então, a palavra o sr. Tupí Caldas para ler duas comunicações: uma sôbre a origem da denominação — "Viamão" — e outra sôbre o símbolo — estandarte — da época de D. José I que se encontra no Museu, dizendo, sôbre a primeira, que após exhaustivas buscas podia declarar que a origem da palavra **Viamão** era portuguesa e provinha de Guimarães, a antiga Vimaraens, berço do velho e glorioso Portugal. Fundamenta sua assertiva com antigas atas, do século XVIII, de Câmara de Viamão, onde se encontra essa palavra com a grafia **Viamarão** e **Viamarã** o que prova, através a evolução da língua e sua tendência simplificadora pela "lei do menor esfôrço" que a gramática histórica estuda, a transformação de Vimaraens para Viamarão e daí para Viamão. Em seguida entrou o sr. Tupí Caldas a estudar o estandarte que se acha depositado no Museu do Estado, como sendo símbolo

da Irmandade do Rosário. Examinando o emblema — as armas nêle bordadas, através a heráldica, prova que se trata de um velho símbolo de mando e fôrça, — não militar, mas civil, conforme o ordenavam as antigas Ordenações do Reino, fôsse usado pelas Câmaras. Declara e o prova com reproduções, ser igual ao da cidade do Rio de Janeiro e ao da de S. Paulo, concluindo ser êsse símbolo o mais antigo documento político-social do Rio Grande, pois era o Estandarte da Câmara do Rio Grande até 1763, ano em que a então vila fôra invadida pelos espanhóis do Prata. Em consequência dêsse fato passou o símbolo para Viamão, ou diretamente para Rio Pardo para onde fôra, possivelmente, levado pelas fôrças militares. O brasão é do tempo de D. José I, portanto anterior a 1777. E como a heráldica nos ensina e as Ordenações do tempo o confirmam, não há dúvida de que se trata do Estandarte da Câmara e que só pode ser da Câmara do Rio Grande que foi a única da época, até 1801, passando por Viamão e Pôrto Alegre. Declara mais o sr. Tupí Caldas que, talvez ingenuamente, fôra o símbolo adulterado no anverso, substituindo-se o escudo ou talvez a imagem de S. Pedro por moderna oleogravura de N. S. do Rosário. — O sr. Presidente, elogiando os trabalhos do sr. Tupí Caldas mandou fôssem os mesmos entregues às comissões respectivas, de História, e de Folclore e línguas para parecer. — O sr. De Paranhos Antunes, pedindo a palavra, elogia o trabalho do sr. Tupí Caldas, fazendo várias considerações em tôrno da origem da palavra Viamão referindo-se a trabalhos seus publicados na imprensa e, quanto ao estandarte, não crê tratar-se do da vila do Rio Grande, mas do da vila de Rio Pardo, e, mesmo, da Irmandade do Rosário do Rio Pardo, fundada em 1769. — O sr. Tupí Carlos responde reafirmando seu ponto de vista, no que foi secundado pelos srs. Duarte e Spalding. Finalizando, o sr. Macedonia designa para relator desta parte, o sr. Mario Teixeira de Carvalho. E nada mais havendo, dá por encerrada a sessão depois de comunicar que no dia cinco de agôsto próximo realizaremos nossa sessão aniversária, na qual será dado posse à Diretoria ora eleita, homenageados os sócios falecidos e empossado o consócio sr. Coronel Luiz Carlos de Moraes. — Do que, para constar, lavrei a presente ata. — **Walter Spalding**, 2.° Secretário. — Dr. **L. Macedonia**, Presidente.

Ata da 55.ª sessão extraordinária — sessão aniversária

Aos cinco dias do mês de Agôsto de mil novecentos e trinta e nove, no salão de Conferências da Biblioteca Pública, às 20 (vinte) horas, com a presença dos senhores sócios e mais pessoas que firmaram o livro de presença, o sr. Presidente abriu a sessão dizendo que tinha ela por fim comemorar-se o décimo nono aniversário de fundação do Instituto, dar posse à Diretoria eleita na sessão de 21 de julho último e, ao mesmo tempo, receber o novo membro efetivo eleito, o sr. coronel Luiz Carlos de Moraes. Deu o sr. Presidente, a seguir, a palavra ao sr. Secretário Perpétuo para fazer a leitura das efemérides do dia e, depois ao sr. Walter Spal-

ding que leu rápida nota sôbre o Instituto, seus fundadores e finalidades da instituição. Após, designou o sr. Presidente os consócios srs. De Paranhos Antunes, Afonso Guerreiro Lima e J. Tupí Caldas para introduzirem no recinto o novo consócio que foi recebido por uma salva de palmas. Prestado por êste o compromisso regulamentar, o sr. Presidente concedeu-lhe a palavra para ler seu discurso da apresentação que versou sôbre linguística e etnologia da palavra "bagual". Suas últimas palavras foram abafadas por vibrante salva de palmas. Com a palavra o orador do Instituto, sr. Adroaldo Mesquita da Costa, depois de breves comentários em tôrno do Instituto e sua atividade, rememorou os consócios falecidos durante o ano social, srs. Conde de Afonso Celso, Barão de Studart, J. F. de Assis Brasil, Manuel Estevão Fernandes Bastos, Fernando Luiz Osorio e Jonatas da Costa Rego Monteiro. Concluiu o orador sua brilhante peça com o elogio do novo consócio, coronel Luis Carlos de Moraes, cujas atividades rememorou. E terminou apresentando-lhe, em nome do Instituto, as suas boas vindas. Antes de ser encerrada a sessão, usou ainda da palavra o sr. Presidente que leu brilhante peça oratória rememorando a vida e atividades do Instituto e seus fautores e cooperadores que mais se têm distinguido em suas atividades. E em seguida, agradecendo o comparecimento dos presentes, encerrou a sessão. — Em tempo: Após a leitura das efemérides, o sr. Secretário Perpétuo leu o relatório da Secretaria, do ano social. — E nada mais havendo, lavrei a presente ata que assino. — **Walter Spalding** — 2.° Secretário. — **Leonardo Macedonia** — Presidente.

Ata da 56.ª sessão extraordinária

Aos oito dias do mês de Setembro de mil novecentos e trinta e nove, no salão de conferências da Biblioteca Pública, às dezessete horas, presentes os srs. sócios e mais pessoas gradas que firmaram o livro de presença, o sr. Presidente, depois de convidar para assentarem-se à mesa o sr. representante do coronel Interventor Federal, o dr. Coelho de Souza, Secretário de Estado dos Negócios da Educação e Saúde Pública, e o dr. J. M. Fernandez Saldaña, da missão uruguaia de jornalistas, encarregado de fazer uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, abriu a presente sessão dizendo que a mesma tinha por fim comemorar a "Semana da Pátria" cujo dia máximo ontem transcorrera e, também, homenagear a brilhante missão uruguaia, de jornalistas e professores que nos honravam com sua presença nas solenidades pátrias. Em breve, mas brilhante improviso enalteceu o sr. Presidente o significado da Semana da Pátria e o grande alcance cultural e amistoso dessas missões do vizinho país irmão e concluiu por dizer que, como o caboclo do nordeste na sua ilimitada hospitalidade costuma dizer à espôsa quando algum forasteiro lhe aparece: — Mulher, esta casa tem mais um dono!" — convidava-os também, em nome do Instituto, a se considerarem em sua própria casa. — Nota: à mesa também tomou assento o sr. Consul Geral do Uruguai. — Em

Seguida, para celebrar a data pátria e saudar os hóspedes ilustres, deu o sr. Presidente a palavra ao consócio dr. Dante de Laytano que em magnífico improviso celebrou o grande dia do Brasil livre e independente e disse não só do alto significado da visita dos jornalistas e professores da vizinha República do Uruguai à qual nos unem laços da mais estreita amizade, mas enalteceu a obra do professor e do jornalista nominando cada um dos presentes: dr. Juan Jacobo, dr. José Maria Fernández Saldaña, dr. Tomaz G. Brena, dr. Alfredo M. Lazaro e dr. Eugenio Alsina que, êste, além de jornalista é, também, teatrólogo notável. Cessadas as palmas que saudaram o brilhante improviso do sr. De Laytano, fêz uso da palavra o dr. J. M. Fernández Saldaña que, depois de agradecer, em nome das missões uruguaias presentes às homenagens de que eram alvo, leu substancioso estudo em tôrno das relações uruguaio-brasileiras com relação à imprensa periódica divulgando interessantes notas em grande parte inéditas, sôbre o tema. — O trabalho notável do dr. Saldaña foi entusiasticamente aplaudido. — Encerrando a sessão, o sr. Presidente, dr. Macedonia, saudou o sr. Secretário da Educação, elogiando, com grande justiça, a atuação do ilustre titular e encarecendo sua quase que exclusiva organização dos festejos da Semana da Pátria, cujo brilhantismo superou a tôdas as festividades dos anos anteriores. — E, nada mais havendo, encerrada a sessão, lavrei, dela, para constar, a presente ata que assino. — **Walter Spalding** — 2.º Secretário. — **Leonardo Macedonia** — Presidente.

Ata da 54.ª sessão ordinária

Aos dezesseis de Outubro de mil novecentos e trinta e nove, no escritório de advocacia do sr. dr. Leonardo Macedonia Franco e Souza, presidente do Instituto, presentes os srs. sócios que firmaram o livro de presença, foi, às dezessete horas, aberta a sessão. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o sr. Secretário leu o expediente que constou: Carta do sr. Prefeito de S. Gabriel solicitando a remessa de um número de nossa Revista no qual figura um trabalho sôbre aquele município; recorte de um jornal de Pernambuco, enviado pelo Instituto daquele Estado, no qual se noticía as homenagens daquele coirmão ao Rio Grande feitas a vinte de setembro último; nota sôbre a remessa feita ao Instituto pelo sr. dr. José Barbosa Gonçalves por intermédio do sr. Comandante Adalberto Rechsteiner e conduto de nosso confrade dr. Olinto Sanmartin, dos objetos seguintes: "Lenço farroupilha" que pertenceu a Bento Gonçalves de cujo é descendente o sr. dr. José Barbosa Gonçalves — fotografia do palácio do Govêrno em Piratiní — fotografia do retrato a óleo de Garibaldi, da autoria do pintor F. Trebbi — ofício de José Feliciano Fernandes Pinheiro — carta de Bento Gonçalves da Silva — licença policial dada a um preto fôrro de Pelotas — Convite para uma festa, a João Francisco Vieira Braga — Mapa dos vencimentos do pessoal da Alfândega do Rio de Janeiro em 1837; e três ofícios do Instituto Histórico Brasileiro, de 14, 16 e 29 de

Setembro último, lembrando a comemoração do cincoentenário do falecimento de Mauá, a 21 dêste, e enviando notas e dados bio-bibliográficos sôbre o insigne brasileiro visconde de Mauá. Lido o expediente o sr. Presidente autoriza a remessa solicitada pelo sr. Prefeito de São Gabriel e manda agradecer a nota de Pernambuco e a remessa preciosa das relíquias enviadas pelo dr. Barbosa Gonçalves, após encarecer seu significado e valor. E falando sôbre Mauá, marca para o dia 21 do corrente uma solene sessão em homenagem sendo orador o dr. Adroaldo Costa, orador do Instituto. Ficou, também, assentado enviar-se um telegrama ao Instituto Histórico Brasileiro, no dia 21 sôbre a comemoração e, por proposta do sr. Mazeron, outro ao Prefeito de Arroio Grande alvitrando fôsse àquele Município, berço de Mauá, dado o nome de Mauá. Passou-se, a seguir, à eleição de dois novos sócios correspondentes no estrangeiro: o Prof. dr. Percy Alvin Martin, professor de história sul-americana, especialmente do Brasil, na Stanford University — Califórnia, e autor de valiosas publicações históricas sôbre nosso país e tradutor da notável obra do dr. Pandiá Calógeras — **Formação Histórica do Brasil** —; e o engenheiro colombiano, dr. Daniel Ortega Ricaurte, professor e ex-conselheiro técnico da Embaixada Colombiana no Rio de Janeiro, autor de várias obras de incontestável mérito, entre as quais — **La Hoya del Amazonas,** — um dos melhores trabalhos e mais completos até hoje publicados sôbre nosso "rio-mar". Lidos os pareceres das Comissões da História e Admissão de Sócios, foram aprovados e os srs. Percy A. Martin e D. O. Ricaurte eleitos por unanimidade. — Pedindo o sr. Tupí Caldas a palavra, disse que estivera entre nós, por poucas horas, o sr. dr. Augusto de Lima Junior, do Instituto Histórico Brasileiro e que será nosso representante, digo, representante do Brasil nas comemorações dos Centenários de Portugal em 1940, bem como do Instituto Histórico Brasileiro, e que desejava representar, também, nosso Instituto. O sr. Presidente, depois de consultar a Casa, autorizou fôsse o sr. dr. Augusto de Lima Junior representante também do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul nas comemorações portuguesas de 1940. — E nada mais havendo, foi encerrada a sessão da qual, para constar, lavrei a presente ata que assino. — **Walter Spalding** — 2.º Secretário. — **Leonardo Macedonia** — Presidente.

Ata da 57.ª sessão extraordinária

Aos trinta e um dias do mês de Outubro de mil novecentos e trinta e nove, no salão de conferências da Biblioteca Pública, presentes os srs. sócios, autoridades e mais pessoas gradas e exmas. famílias, que firmaram o respectivo livro de presença, o sr. Presidente, às vinte e meia horas abriu a sessão declarando que tinha por fim comemorar-se o cincoentenário do falecimento de Irineu Evangelista de Souza, visconde de Mauá. Lida e aprovada a Ata da sessão anterior, o sr. Secretário leu as efemérides do dia e em seguida o expediente que constou de ofícios de agradecimento do sr.

Secretário da Agricultura; Liga de Defesa Nacional; Cap. Chefe de Polícia; Secretário do Interior; Prefeito de Pôrto Alegre; — Cartão do sr. Comandante da Região e telegrama do sr. dr. Otacilio Pereira, Diretor G. da V. F. do R. G. do Sul solidarizando-se em nome da Diretoria da V. Férrea nas homenagens ao "criador de Estradas de Ferro no Brasil Visconde de Mauá". E mais: Ofício do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem solicitando a remessa de nossa Revista; do Instituto Histórico Brasileiro solicitando nominata da Diretoria do Instituto; telegrama do Diretor do Serviço Geológico Brasileiro, dr. Glicon de Paiva comunicando o falecimento do Diretor dr. Euzebio Paulo de Oliveira, ocorrido a 12 de Outubro corrente. Durante o expediente foram lidos, também, os textos dos telegramas enviados ao Instituto Histórico Brasileiro sôbre o cincoentenário de Mauá, e ao sr. Prefeito de Arroio Grande, êste com data de 17, apresentando a proposta do confrade sr. Gaston Hasslocher Mazeron que fôra aprovada na sessão ordinária de 16 dêste. — Em seguida o sr. Presidente deu a palavra ao orador do Instituto, dr. Adroaldo Mesquita da Costa, que, em brilhante improviso, estudou a figura empolgante do grande Visconde de Mauá, que começara sua vida como humilde caixeiro de modesta casa comercial. — A vida de Mauá, Irineu Evangelista de Souza, é, tôda ela, exemplo vivo de trabalho e patriotismo. Lamenta ter ficado por tanto tempo no esquecimento o nome de tão grande brasileiro que a inveja e a má política reduziram à miséria mas não venceram porque o caráter de Mauá não se amoldava aos convencionalismos e negociatas. Faliu, mas continuou, firme, no trabalho, reencetando nova vida após ter pago tudo até o último ceitil. A brilhante oração do sr. Adroaldo foi vivamente aplaudida e, em tôrno dela teceu o sr. Presidente, antes de encerrar a sessão, alguns comentários sôbre Mauá e o orador. Dada a palavra a quem dela usar quisesse, o sr. Tupí Caldas, levantando-se, diz que desejava dizer algumas palavras sôbre o dr. Euzebio de Oliveira. "A notícia, — começa o prof. Tupí Caldas, — do falecimento do notável engenheiro Euzebio Paulo de Oliveira, que foi Diretor do Serviço Geológico e Mineralógico, bem merece ser comentada neste recinto, de modo que sua memória seja honrada com as homenagens sinceras daqueles que reconhecem no ilustrado patrício um exemplo de profissional inteiramente dedicado ao estudo da geologia e da geopolítica. — Atravessou a vida palmilhando o território nacional, deixando escritos preciosos trabalhos, preciosas fontes de informações, sôbre o nosso solo. Vejamos seus principais trabalhos; — 1920 — Rochas petrolíferas do Brasil; — 1924 — Estudos da bacia de Marahú; — 1924 — Idade do carvão no Sul; — 1924 — Origem do carvão no Sul do Brasil e sua formação; — 1925 — A bacia cretácia no Rio Almada, Baía; — 1925 — Jazidas de Diamantes. — Salôbro; — 1925 — Épocas metalogênicas do Brasil; — 1926 — Idade do mineral rádioativo do Brasil; — 1926 — Estudo geológico e mineralógico, Bacia do Rio Doce, para fins de indústria siderúrgica; — 1917 — Carvão Nacional; — 1918 — Regiões Carboníferas dos Estados do Sul; — 1928 — Geologia,

fisiografia e solos; — 1928 — Fontes de energia do Brasil; — 1930 — Legislação sôbre uso de energia hidráulica; — 1930 — Recursos mineralógicos do Brasil ou Riqueza Mineral do Brasil; — 1937 — A política do ouro. — Assumindo a direção dos trabalhos geológicos no Brasil, em 1922, deixa publicados os relatórios anuais até 1937, onde expõe os resultados das campanhas geológicas, das explorações topográficas, das pesquisas paleontológicas, a par das indicações e conclusões em monografias correlatas à ciência de sua especialização e de seus ilustrados colaboradores. — Rendendo preito de homenagem à memória dêsse grande brasileiro, cumprimos um dever, uma obrigação, obreiro que somos na grande obra de que êle foi mestre insigne, pioneiro entusiasta, levando-nos a observar as entranhas da terra amada, para melhor sentir a sua grandeza. — **Proposta** — Solicito seja lançado um voto de pesar, na ata da sessão de hoje, bem como seja comunicado a atual direção do Serviço Geológico e Mineralógico a homenagem do Instituto à memória do ilustre morto, dr. Euzebio Paulo de Oliveira." — O sr. Presidente, tomando a palavra, diz que há propostas que nascem aprovadas sendo a apresentada pelo prof. Tupí Caldas uma delas. Ordena sejam as palavras do orador incluídas na ata da qual se enviaria uma cópia, em ofício, cumprindo o que propusera o sr. Tupí Caldas. — Em tempo: Durante o expediente foi, também, lido um ofício do sr. dr. Loureiro da Silva, Prefeito de Pôrto Alegre, solicitando do Instituto a fixação da data da criação ou fundação de Pôrto Alegre. O sr. Presidente mandou fôsse o ofício entregue à Comissão de História designando relator o sr. Tupí Caldas. E nada mais havendo, foi encerrada a sessão, da qual lavrei a presente ata: — **Walter Spalding** — 2.° Secretário. — **Leonardo Macedonia** — Presidente.

Ata da 58.ª sessão extraordinária

Aos quatorze dias do mês de Novembro de mil novecentos e trinta e nove, no salão nobre da Faculdade de Direito desta cidade, presentes os srs. sócios, autoridades e mais pessoas gradas e exmas. famílias que firmaram o livro de presença, reunidos em sessão conjunta o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e a Academia Riograndense de Letras, o sr. Luiz Carlos de Moraes, presidente da referida Academia, por estar (doente) enfêrmo o sr. Leonardo Macedonia, presidente do Instituto, abriu a sessão às vinte e meia horas, declarando que tinha por fim comemorar-se o cincoentenário da proclamação da República. Em seguida, estando presente o sr. Ministro Bernardino José de Souza, secretário perpétuo do Instituto Geográfico e Histórico da Baía e presidente da Comissão organizadora do Nono Congresso de Geografia a realizar-se no ano próximo em Florianópolis, o sr. Luiz Carlos de Moraes convidou-o para presidir a presente sessão. Assumindo-a, o sr. Ministro Bernardino José de Souza agradeceu a distinção e deu a palavra ao orador, sr. Walter Spalding que, depois de dizer algumas palavras de saudação ao ilustre visitante que nos honra,

presidindo a sessão, declarou que ocupava a tribuna por se achar enfêrmo o orador do Instituto, dr. Adroaldo Costa, e a seguir falou sôbre as idéias republicanas no Brasil homenageando, no decorrer do discurso, os sobreviventes da propaganda, drs. Antonio Augusto Borges de Medeiros e Leonardo Macedonia Franco e Souza, bem como aos grandes propagandistas já desaparecidos. Pede, a seguir, a palavra o sr. Olinto Sanmartin que, após se referir à data da República, diz que julgava esta a mais própria para desincumbir-se de honrosa missão que era a de oferecer ao Instituto, em nome do sr. L. F. de Castilhos Goycochea, o original de Oswaldo Teixeira, pôsto em artística moldura de estilo o busto de Plácido de Castro. Tece o sr. Sanmartin comentários em tôrno do artista e sua obra, fala da glória de Plácido de Castro e trata, com carinho, dos trabalhos do sr. Goycochea destacando sua ação meritória e altamente brasilista em tôrno da figura de Plácido, o herói acreano. — Uma salva de palmas cobriu as últimas palavras do sr. Sanmartin. — Pede, então, a palavra o sr. Walter Spalding que, em nome do Instituto, agradece ao sr. Sanmartin o oferecimento que, em nome do consócio egrégio sr. Castilhos Goycochea, acabava de fazer e pede que lhe transmita êsse agradecimento. Ninguém mais querendo usar da palavra, levantou-se o sr. Ministro Bernardino de Souza que leu magnífica conferência — suas impressões sôbre o Rio Grande e sua gente — que impressionou vivamente merecendo os mais fartos aplausos. — Nada mais havendo, antes de encerrar a sessão falou o sr. Ministro Bernardino José de Souza sôbre o IX Congresso de Geografia convidando os presentes para uma reunião sôbre o assunto em dia, hora e local que seriam previamente anunciados. E, agradecendo a todos o comparecimento, encerrou a sessão. E eu, para constar, lavrei a presente ata que assino. — **Walter Spalding** — 2.° Secretário. — Em tempo: O quadro de Oswaldo Teixeira se achava exposto no salão nobre da Faculdade de Direito onde se realizava a sessão solene. — **Spalding.**

ÍNDICE

III TRIMESTRE:

Elementos para a biografia do Eng.º Francisco João Róscio, por **Artur Alfredo da Mota Alves** 3
Paleontologia do Rio Grande do Sul, por **C. de Paula Couto**..... 29
Prehistória Americana e Brasileira — O Paraíso Terrestre, por **Walter Spalding** 81
Epistolário César de Castro, por **Fernando Callage**..... 91
Duas proposições: um vocábulo e um símbolo, por **J. Tupí Caldas**.. 151
Nótulas Bibliográficas 167

IV TRIMESTRE:

IX Congresso Nacional de Geografia 193
A idéia Republicana no Brasil, por **Otélo Rosa**..... 195
Paleontologia do Rio Grande do Sul (II), por **C. Paula Couto**..... 207
Litoglifos de S. Pedro — Tentativa de versão —, por **J. Tupí Caldas** 279
Parecer: Estandarte da antiga Câmara Municipal do Rio Pardo.... 287
Discursos: do **Ministro Bernardino José de Souza**..... 297
do **dr. Manuel Duarte**, saudando o cel. Souza Docca.... 305
do **dr. Leonardo Macedonia**, na sessão aniversária..... 313
Relatório do **dr. Eduardo Duarte**, secretário perpétuo..... 319
Nótulas Bibliográficas 323
Quadro dos membros efetivos e correspondentes em 1939..... 335
Atas das sessões do Instituto em 1939..... 339

910804

Folclore e línguas indígenas:

Prof. Ângelo Guido
Dr. Dante de Laytano
Cel. Luiz Carlos de Moraes
Dr. Manoelito G. de Ornellas

Admissão de Sócios:

Dr. Armando Dias de Azevedo
Dr. Eduardo Duarte
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron
Cel. Luiz Carlos de Moraes

Estatutos e Comissão da Revista:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. E. F. de Souza Docca
Dr. Eduardo Duarte
Prof. Walter Spalding

Condições de assinatura da Revista:

Por ano ..... 20$000
Por fascículo trimestral ..... 6$000

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na Secretaria

---

Para assuntos da Revista, dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil —

De acôrdo com os Estatutos, tanto o Instituto como a Comissão de Redação da Revista não são responsáveis pelas opiniões dos colaboradores em artigos e estudos assinados.